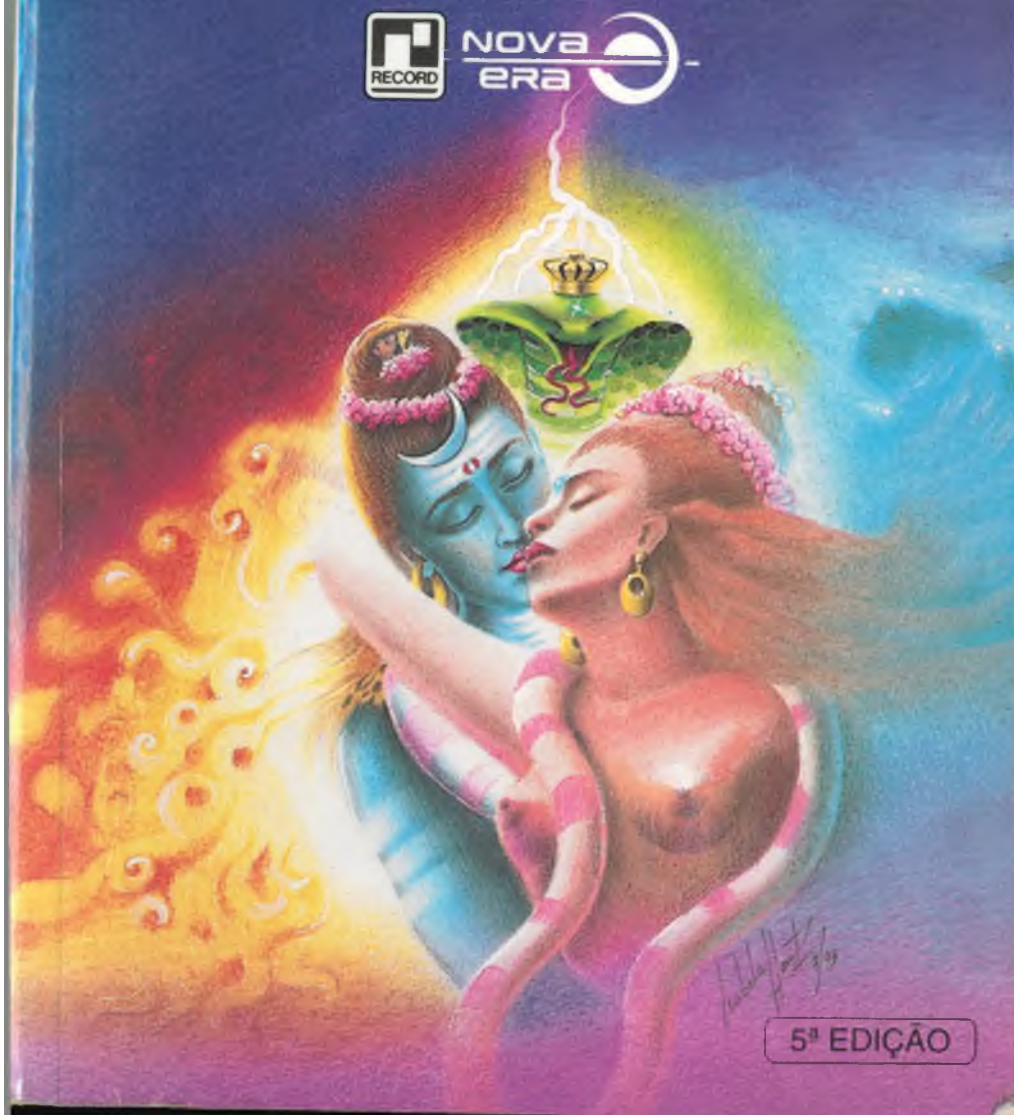


ELISABETH HAICH ENERGIA SEXUAL & YOGA

Tantra: A Canalização da Força Criadora Divina



NOVA
ERA



5ª EDIÇÃO

Outras obras publicadas pela NOVA ERA/RECORD:

SAÚDE PLENA: YOGATERAPIA — Prof. Hermógenes
YOGA PARA NERVOSOS — Prof. Hermógenes
YOGA: PAZ COM A VIDA — Prof. Hermógenes
AUTOPERFEIÇÃO COM HATHA YOGA — Prof. Hermógenes
YOGA: CAMINHO PARA DEUS — Prof. Hermógenes
MINIMASSAGEM — Jack Hofer
CUIDANDO DO CORPO, CURANDO A MENTE — Dra. Joan
Borysenko
A MASSAGEM CHINESA, compilada no Hospital da Escola de
Medicina Anhui de Pequim
SHIATSU: A TERAPIA DO DO-IN — Tokujiro Namikoshi
DO-IN, A PRESSÃO DIGITAL — Pedro Chan
OS PONTOS DO PRAZER — Hsuan Tsai Su-Nu
A GINÁSTICA CHINESA — Dr. Dahong Zhuo
GUIA PRÁTICO DE MASSAGEM — Dr. J.E. Ruffier

ELISABETH HAICH

**ENERGIA
SEXUAL
&
YOGA**

Tradução de
SELENOCRATES M. D'OLIVEIRA

5ª EDIÇÃO



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H172e Haich, Elisabeth, 1897-
5ª ed. Energia sexual & yoga : tantra, a canalização da
força criadora / Elisabeth Haich ; tradução :
Selenocrates M. D'Oliveira. — 5ª ed. — Rio de
Janeiro : Record, 1995.
(Nova Era)

Tradução de: Sexuelle Kraft und Yoga

1. Sexo (Psicologia). 2. Ioga. 3. Tantrismo.
I. Título.

93-0831

CDD — 171.45
CDU — 294.527

Título original alemão
SEXUELLE KRAFT UND YOGA

Copyright © 1972 by George Allen and Unwin



Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-28903-5

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

SUMÁRIO

Apresentação — Prof. José Hermógenes	9
Prefácio	17
Introdução	25
1. Que é Sexualidade?	29
2. Reconhecimento e Ser São a Mesma Coisa	42
3. A Serpente Criadora Primitiva	47
4. Energia Sexual em Sua Luz Falsa e Verdadeira	60
5. A Escada de Jacó	71
6. A Traição de Judas	79
7. Os Poderes Mágicos da Sugestão, Hipnose e Mediunidade	86
8. Os Sete Degraus da Escada de Jacó	101
9. São Jorge	115
10. O Anseio por Unidade e Suas Adulterações	121
11. O Sol — Criador e Destruidor da Vida	135
12. A Flor Mágica	142
13. A Prática	148
Conclusão	187

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

A imagem do deus Shiva, que une dentro de si os dois sexos	33
Mestrovic: o Cristo eternamente crucificado	34
A representação de Deus no antigo México	51
A primeira e mais baixa carta do <i>tarot</i>	52
A última e mais alta carta do <i>tarot</i>	69
Yin e Yang, a representação chinesa dos dois pólos da criação em seu estado primevo	70
Representação rosacruziana da criação da pedra filosofal, mediante a plantação da “árvore da vida”	87
São Jorge ataca o “dragão” — a energia sexual	88
Décima quinta carta do <i>tarot</i> : Satã é a lei da matéria	105
Assim foi como os rosacrucianos representaram a polaridade e o poder da energia sexual	106
Representação rosacruziana de um hermafrodita, o dono da energia sexual	123
Pouso sobre a cabeça; Postura da vela; Postura sobre os ombros	124

APRESENTAÇÃO

Psicóloga, pintora, escultora, conferencista e escritora, nascida em Budapeste em 1897, é hoje uma das mais conhecidas instrutoras de Yoga em toda Europa, juntamente com seu companheiro de trabalho Sevaljara Yeshudian. Deles já temos publicado no Brasil "Yoga e Esporte", excelente obra sobre Hatha Yoga. Seus livros estão traduzidos em quinze idiomas.

"Energia Sexual e Yoga" é obra de grande valia, roteiro que é para a realização espiritual através do Yoga. A simples leitura permite ver que não se trata de uma teórica, que andou respigando em textos hindus e que, aproveitando sua experiência em psicologia, lança mais um livro na vasta literatura no já tão explorado campo do Yoga. Temos neste livro uma orientação segura para a solução prática e definitiva do mais árduo problema diante de todo aspirante à realização divina — o sexo.

É problema para quem quer que, convencido da vacuidade da vida carente de Deus, nesta escravizante roda de *Sansara*, decidiu-se pela busca do Divino. O sexo é o tormento maior e a maior pedra de tropeço para o cristão que anseia por cristificar-se e conquistar a "ressurreição". É problema para o budista que, aspirando à "iluminação", já se pôs no "caminho óctuplo", que Buddha ensinou. É problema para o vedantino, que, convencido por *Mukti* (a libertação), decide-se pela senda ascética da renúncia (*vairagya*). É problema para o discípulo de Patanjali que quer cumprir os *Yamas* e *Niyamas* (disciplina moral) visando a atingir a meta da Raja Yoga — o *samadhi*. O sexo é problema para a pessoa austera, que sofre o peso das tentações de um apelo impuro ou patológico. O sexo é problema tanto para os indivíduos hipersexuados como para os impotentes. Nos conventos e mosteiros; nas "fra-

ternidades" que adotam como regra a castidade; nos internatos e em comunidades de indivíduos do mesmo sexo; finalmente em todos os lugares e em todas as circunstâncias onde a privação do sexo seja obrigatória e prolongada, a tensão erótica cria cruciais sofrimentos. Há sofrimento também nas pessoas cuja idade biológica já prenuncia gradativa perda da potência sexual. A humanidade tem tido no sexo uma fonte de prazer, quando se lhe dão rédeas, e de tormento, quando não. Alguns padecem por o quererem e não poderem. Outros porque podem demais, porém não o querem.

No ocidente, por muitos séculos, estivemos encarando o sexo como o pecado responsável pela perda do paraíso edênico, isto é, como a mais potente arma que Satanás pode usar para perverter-nos e manter-nos em negra escravidão. O ato sexual tem sido visto como abominável pecado, ato degradante e imundo. Todo religioso tentava fazer em si mesmo uma castração psicológica, a fim de defender sua virtude, a vida ascética que poderia abri-lhe as portas do céu. O religioso abominava a mulher como o próprio Satã. A religiosa, o homem. Era assim o caminho do ascetismo, que infelizmente chegou a gerar não a virtude almejada, mas a doença psicossomática. Por quê? Psicologicamente despreparado, o asceta impunha-se uma castidade inábil, mediante repressões que resultavam em desequilíbrios mentais e sintomas somáticos. Para a maioria, a castidade não conseguiu levar a Deus, mas, ao contrário, ao sofrimento, e às vezes, à corrupção.

Buddha, reconhecendo no desejo a causa da dor universal, indicou o remédio da renúncia; não a renúncia extremista, que ele mesmo praticara no princípio de sua busca, mas o "caminho do meio". Sankaracharya, mestre da Vendanta Advaita, recomendou a renúncia; não a renúncia forçada, mas aquela que resulta do sentimento da irrealidade do mundo, a qual surge espontaneamente na alma do aspirante ao Real. No *Yoga Sutra*, Patanjali condicionou o alcance da meta — *Kaivalya* ou libertação do Espírito — a uma vida ascética, na qual figurava o *Brahmacharya*, isto é, a castidade; não a castidade repressora, sim a que resultasse da observância de outros preceitos simultâneos, como mansidão, pureza, contentamento, busca da sabedoria, doação de si mesmo a Deus...

O caminho da castidade ou caminho ascético é antiquíssimo, e não pode estar errado. Por que então tem dado errado? É o que a Senhora Haich nos explica.

Tão antigo como o caminho do ascetismo é o caminho oposto — o da sensualidade. Desde os tempos védicos, com sentido litúrgico, visando a propiciar a fecundidade da terra, casais se entregavam ao sexo coletivo, o que a nosso condicionamento moral atual parece paradoxal e mesmo repelente. *Maithuna* é o ato sexual realizado com fins místicos, segundo a *Tantra Yoga*, no qual os amantes personificam o aspecto positivo (masculino, Pai) e o negativo (feminino, Mãe) e realizam o Todo, o Uno Sem Segundo, atingindo assim o “estado do Não Nascido”. O *Maithuna* serve para “ritmar a respiração, para suprimir o pensamento e para deter a emissão seminal... Consegue-se então um estado de autonomia total, uma suspensão paradoxal entre o real e o irreal, sobre a morte e a vida. A beatitude erótica é utilizada como uma experiência imediata para conseguir a concentração integral que constitui sempre a finalidade dos yoguis. A voluptuosidade desempenha nisto a função de veículo, já que, mediante ela, se obtém a tensão máxima que possibilita a destruição da consciência normal e a instauração de um estado nirvânico. Mas a tensão sexual não se leva a cabo, a emissão (seminal) é detida...” (Eliad, Mircea; “Técnicas del Yoga” — Companhia General Fabril Editora, B. Aires)

Estaria o Cristo enganado quando nos alertou sobre os dois caminhos — o estreito e o largo? O estreito é o do ascetismo. O largo é este que pessoas ingênuas ou mal-intencionadas tomam como sendo a *Tantra Yoga*. Crescente número de pessoas, que, egoística e cegamente, no mundo inteiro, estão se entregando a um verdadeiro chafurdo erótico, dando rédeas soltas ao animal que têm dentro de si, dizem que o fazem como prática que conduzirá a Deus. Cristo continua infalivelmente certo — “largo é o caminho da perdição”.

Tantra é muito mais do que pensam os perdulários do sexo. É um caminho árduo e responsável.

Uma passagem do *Gandharva Tantra* enumera o que um mestre tântrico exige de seus discípulos: “O aspirante deve ser compreensivo (*Daksha*), com absoluto controle dos sentidos (*Jidendrya*), abstendo-se de causar dano a

qualquer ser vivo (*Sarva ahimsa — Vinirmukta*), devendo ser bom para todo mundo (*Sarva pranihite ratah*); deve ser puro (*Shushi*), pleno de fé nos Vedas (*astika*), e buscar refúgio em Deus (*Brahmishta*); deve ser *advaithina*, isto é, *não dualista* em sua concepção do mundo. Senão, ele é devorado por seus desejos, e utiliza as forças desenvolvidas por seu conhecimento para satisfazer suas paixões. Mas ele é o único responsável por tais atos e não a doutrina do Ser, cujos segredos desviou para finalidades egoístas" (Riviere, Jean M. — "Ritual de Magia Tântrica Hindu"; Kier, B. Aires).

Os que tentam imprudentemente as técnicas tântricas, atraídos pela aparência de "caminho largo", transformam-se em magos negros. Aos que se sentem propensos a esta tenebrosa aventura, a recomendação: atentem no capítulo 6 deste livro. A fim de que não venham a cair numa esquizofrenia, os incautos fiquem sabendo que "o ritual do *Maithuna* se apresenta como a culminação de uma aprendizagem ascética, longa e difícil". O neófito deve dominar perfeitamente seus sentidos, e, para isto, deve aproximar-se por etapas da "mulher devota" (*anyika*) e transformá-la em deusa, de acordo com a iconografia interiorizada. Com tal fim, deve servi-la durante os quatro primeiros meses como criado; dormir no mesmo quarto com ela; depois, a seus pés. Durante os quatro meses seguintes, continua servindo-a como antes, mas dorme no mesmo leito com ela, do lado esquerdo. Durante mais quatro meses, dorme do lado direito. Depois dormem abraçados, etc. A finalidade destas preliminares é a "autonomização" da voluptuosidade... e o domínio dos sentidos, isto é, a detenção do sêmen" (Eliad, Mircea; Opus Cit.). Diz *Post Caitanya Sahjiya* (cit. por Bose): "A mulher não deve ser tocada por prazer corporal, senão para o aperfeiçoamento do espírito."

Como se vê, não há um "caminho largo", o do simples e primitivo erotismo. A *Tantra Yoga* não é uma solução fácil para a realização de Deus. Tal "caminho fácil" só existe nas mentes imaturas e prenhes de egoísmo. Só existe nas falaciosas promessas de magos negros.

Como podemos ver, nem o ascetismo repressor nem o desenfreamento erótico podem conduzir a Deus, mas à infelicidade. Tanto a repressão como a gratificação do sexo

podem provocar a esquizofrenia. A primeira porque o asceta, quanto ao sexo, faz aquilo que se esforça por não fazer e não faz aquilo que se devota sinceramente a fazer. — A tentativa de contenção é honesta e profundamente árdua, mas o resultado é a tentação, a tensão, as imagens e sonhos eróticos de um realismo perturbador. O asceta mentalmente quer a castidade, mas o organismo se rebel. A frustração, diante da veemência das glândulas e da tensão nervosa, provoca ou a “queda no pecado”(!), com a desagradável sensação de culpa, ou a rotura catastrófica da harmonia, do equilíbrio e da saúde. O dilema é crucial: ficar com o sexo e perder Deus ou ficar com Deus, reprimindo o sexo, e perder a saúde.

Elisabeth Haich revela-nos neste livro que não existe uma oposição entre Deus e o sexo, a não ser na concepção errada de Deus e do sexo. Sua tese é a do Yoga, da Alquimia, da Bíblia (vista com olhos de ver), da Teosofia, do Rosa-cruz, dos mais importantes mensageiros de Deus. A oposição é criada de nossa mente pouco lúcida e imperfeita. Deus se manifesta no sexo. E é a potência sexual. É a força. Sexo é a forma com que a Divindade se reveste para a perpetuação da vida e também para a “ressurreição”. Tudo isto fica bem explicado no texto. Isto é bom que os ascetas saibam e, deste saber, tirem proveito para melhorarem seu ascetismo, evitando a esquizofrenia e ao mesmo tempo conquistando a união com o Ser Supremo.

O ascetismo mal conduzido esquizofreniza e mais rapidamente o faz a prática inábil de uma pseudo Tantra Yoga, desgraçadamente tão freqüente nos dias que correm, principalmente entre jovens que se confiam a pseudogurus, “falsos profetas”, magos negros que posam de “mestres de Yoga”. A coisa se passa assim: o jovem lê ou escuta falar de *siddhis* (poderes paranormais provocados por algumas técnicas da Tantra e do Yoga) e passa a desejar com ansiedade um guru, que o tome como discípulo; quanto maior sua ansiedade, maior sua imprudente entrega ao primeiro charlatão (e é o que não falta), que, ministrando embustes intelectuais, ainda mais o motiva e condiciona a seu séquito; usando de processos mágicos, de uma liturgia espúria, mas muito eficaz, submete-o a jogos eróticos que atingem as raias do absurdo. A manipulação da potência

mágico-erótica, com muita frequência, tem rompido a estrutura psicoenergético-somática, de forma que certas energias, que, pela sabedoria da natureza, ficam latentes nos indivíduos ainda ética e espiritualmente imaturos, irrompem incontrolavelmente, levando o jovem à loucura ou ao suicídio. Posso comprovar com documentos. Por outro lado, o Dr. Lee Sannela, médico, psiquiatra, professor na Universidade da Califórnia, vem demonstrando que muitos casos que seus colegas tratam como esquizofrenia não passam de sintomas caóticos psicossomáticos resultantes do despertar da *kundalini* em pessoas psíquica e eticamente imaturas.

Posso referir-me a dois casos de jovens que chegaram ao suicídio. Um em Ponta Grossa (Paraná): o jovem, um gênio aos dezessete anos, deu um tiro na cabeça, depois que, seguindo as instruções de um livro, provocou o rompimento de forças que fragmentaram sua vida mental. Outro, uma jovem de vinte e dois anos, que, tendo abandonado os estudos e a vida normal, caiu presa de uma verdadeira máfia de mistificadores que se chamavam Yoguiis. Esta não morreu.

Ora, ninguém desconhece o que pode acontecer a jovens que, movidos pela busca de *siddhis* (poderes paranormais), se entregam totalmente a práticas visando a despertar *kundalini*. A *gang* que trucidou Sharon Tate é um exemplo do que o fascínio de um mago negro pode fazer na exploração de ingênuos e fanáticos sectários.

Encarando o sexo como digna e santa manifestação divina, o Yoga verdadeiro recomenda *Brahmacharya* (*Brahma*, Deus; *charya*, caminho) como o caminho que conduz a Deus. E nele, insistimos, o ato sexual não é visto como algo degenerado, sujo, imoral, perverso, vergonhoso, como um anti-Deus. A abstinência de algo tão elevado visa à economia da energia sexual a fim de utilização no método divinizante — o Yoga. Não é uma restrição ética, mas técnica. Nenhum aspirante deve fazer voto de castidade sem que tenha percorrido grandes distâncias no rumo de Deus e tenha atingido aquele ponto no qual, para ele, os prazeres do sexo são desprezíveis diante da felicidade profunda que já alcançou em sua alma onde a luz já venceu muitas sombras. Sua paz já não é perturbada pela tensão erótica. Para melhor e mais eficaz

sublimação, o praticante de Yoga conta com as técnicas apropriadas da Hatha Yoga, com a sabedoria da Jnana Yoga, com a atividade criativa e libertadora da Karma Yoga, com as exaltações místicas da Bhakti Yoga, com vivências de paz e felicidade profunda; pela meditação (*Dhyana*).

Tanto o método da austeridade ascética, reprimindo o sexo com violência, como o da luxúria e concupiscência em nome do Tantra têm provado serem arriscados e danosos, e o são por serem extremistas. O primeiro falha porque, sendo respeitável pela ética, é imperfeito por lhe faltar técnica. O segundo, o inverso, prima pela técnica, mas é carente de ética.

Neste livro, você vai tomar contato com o *caminho do meio*. Nele, a inteligente Sra. Haich ensina os fundamentos metafísicos e espirituais, que, revelando a natureza divina da energia sexual, fazem-nos inferir uma sublime ética, colocando-nos na posição espiritual perfeita em relação à problemática: *sexo-realização espiritual*. Por outro lado, descrevendo técnicas do Yoga — *ásanas* da Hatha Yoga e exercícios de interiorização — fornece meios espirituais e psicossomáticos necessários à ativação dos centros cerebrais e nervosos, sem o que o controle da energia sexual é um empreendimento arriscado e destinado à frustração. O caminho do meio é livre, glorioso, feliz, vitorioso porque orientado pela ética e ajudado pela técnica.

A Sra. Haich, com esta obra, presta um serviço altíssimo a todos os que aceitaram o desafio de Jesus: "Sede perfeitos como vosso Pai..." Em todas as páginas ela revelou compaixão para todos aqueles que anseiam pela perfeição e que vêem no sexo o obstáculo a tolher o caminho. Vê-se que foi esta compaixão que a levou a elaborar esta preciosa obra. Sua cultura teosófica, hinduísta, alquímica, psicológica, cristã, multifrontal enfim, possibilitou-lhe produzir um texto profundo, rico, extra, para o qual o cientista e o erudito só podem sentir admiração. Sua simplicidade é tanta e seus argumentos tão claros que a pessoa mais simples não vai encontrar dificuldade para entender.

Estou convencido de que este livro será um tesouro para pessoas casadas que aspirem a uma vida sexualmente sadia e feliz; para clérigos, monges e freiras para melho-

rar sua ascese; para jovens empolgados com misticismo e interessados em gurus e em *siddhis*; para estudiosos de Yoga (professores e alunos); para médicos, psiquiatras e psicólogos que lidam com a problemática do sexo; para noivos, que projetam um relacionamento amoroso e feliz; para idosos preocupados com a perda da potência; para educadores e pais, guardiães da juventude; para os seguidores de todas as religiões; finalmente para todos que estão desejosos de conhecer o "caminho do meio", que nos conduzirá à "ressurreição" de que falou Jesus; à "iluminação", de que falou Buddha; à "libertação" (*Moksha* ou *Mukti*) de que falam os hindus.

Após a leitura, duvido que você não se sinta profundamente agradecido à autora pelo bem que ela nos fez, pela ajuda que ela nos deu. Eu, posso garantir, estou.

A meta desta obra é ajudar a "LIBERTAÇÃO HUMANA".

Que possamos libertar-nos.

Hermógenes.

PREFÁCIO

Na pesquisa teórica e prática psicoterapêutica profunda moderna, especialistas em psicologia profunda¹ foram inevitavelmente postos em contato com a mitologia e a religião e vieram ver e entender as lendas e contos de fadas em termos de sua disciplina. Outrossim, ampliaram suas pesquisas para incluir o misticismo e a alquimia da Idade Média e encontraram, também, muitos pontos de contato com as filosofias e religiões orientais. A relação entre Yoga e psicologia profunda é particularmente clara.

Não obstante, as múltiplas e variegadas identidades entre psicologia profunda e Yoga têm levado os psicólogos a conclusões diferentes. Alguns situam a psicologia profunda e o Yoga mais ou menos em paridade, outros tentam compreender a experiência adquirida através do Yoga e da meditação em termos de simbolismo da psicologia profunda, e outros, em réplica, tentam mesmo explicar o Yoga por meio da psicologia profunda.

J. H. Schultz achou muitos pontos em comum entre o elevadíssimo nível do treinamento autógeno e Raja Yoga. Crê também que a comparação de sua técnica própria com a da Hatha Yoga é particularmente instrutiva para os praticantes do treinamento autógeno. Os exercícios passivos nas posições deitada e sentada do treinamento autógeno são paralelos às *ásanas* de Hatha Yoga — a posição sentada básica (*Sukkhāsana*) e a postura do cadáver (*Shavāsana*). De outra parte, Schultz crê que não haja qualquer conexão entre o treinamento autógeno e os exercícios da Hatha Yoga implicando movi-

1. Psicologia profunda — aquela que se fundamenta no estudo do inconsciente. (N. do E.)

mento e respiração Yogui. Schultz espera, através do treinamento autógeno, anexar o conteúdo atual do Yoga, exatamente da mesma maneira que, acredita ele, o conteúdo verdadeiro do magnetismo místico foi anexado pela hipnoterapia racional.

Todavia, o treinamento autógeno não é realmente o método que tem cientificamente definido e avaliado a verdadeira natureza da Hatha Yoga ou da Raja Yoga, porém, é, talvez, o Yoga incompletamente compreendido. O treinamento autógeno estará apto a englobar o conteúdo efetivo da Hatha Yoga e da Raja Yoga, somente se ele próprio se tornar Yoga. Deve-se lembrar nesta conexão que, embora haja várias sendas yóguicas, isto é, várias formas de Yoga, o Yoga tem uma meta apenas.

Mesmo como uma forma pobre de Yoga, o treinamento autógeno é uma das grandes bênçãos da psicoterapia hodierna. Que bênção, então, o Yoga plenamente compreendido seria para a psicoterapia e psicologia profundas!

Langen afirma que os mais elevados estágios da consciência atingidos através dos exercícios de Yoga e meditações são formas de hipnose. Cremos ser perfeitamente correto serem o Yoga e a meditação incluídos, com o devido cuidado, no escopo de pesquisa da psicologia profunda. Porém seria falso tentarem os pesquisadores explicar os fenômenos do Yoga e meditação em termos de psicologia profunda, no estado atual. Isto conduziria a falsas conclusões. Ao invés disto, os pesquisadores deveriam, primeiramente, meditar e realizar os exercícios yóguicos, pessoalmente, durante alguns anos e, depois, tentarem descrever o que experimentaram.

Depois de tal pesquisa, os psicólogos estariam em posição de distinguir entre estados de consciência ampliada e estados de consciência reduzida. Teriam também uma compreensão mais nítida dos fenômenos que, atualmente, todos eles atribuem à hipnose.

No início da era da psicologia profunda, a existência da mente inconsciente era negada por muitos psiquiatras, à luz de seu conhecimento teórico. Quem tivesse testemunhado, àquele tempo, o poder do inconsciente, em si mesmo e nos pacientes, só poderia acolher esta negativa com um sorriso. É, talvez, o mesmo, hoje, quando lemos os tratados psiquiátricos acerca do Yoga e meditação.

Praticar, por algum tempo, o Yoga e a meditação é conceber nitidamente a diferença entre o estado atual da psicologia profunda e o Yoga. Posto que os mais elevados estágios dos exercícios yóguicos e da meditação não são estados hipnóticos, com a consciência reduzida ou restringida, mas estados da mais elevada consciência, com uma ampla expansão de consciência.

Jung denominou análise profunda, em psicologia, a forma moderna de iniciação. Os processos espirituais íntimos, ocorrentes durante a análise, são comparados por ele ao desenvolvimento que o homem experimenta antes e durante a iniciação. Jung considera que os grandes filósofos orientais são psicólogos simbolistas. O "corpo diamantino" do oriente e o "corpo ressurrecto" dos cristãos o assaltam como fatos psicológicos curiosos. Ele encara a totalidade da alquimia medieval, também, como simbolismo psicológico. Jung fala acerca do *Ser* e do caminho em direção ao *Ser*; fala do Cristo como o arquétipo.

Jung está certo quando sustenta que o que se chama metafísica deve ser acessível à experiência mental, do contrário não teria qualquer efeito sobre a humanidade. Jung não formula proposições no que diz respeito à metafísica, porém descreve formas em que a metafísica pode ser "experienciada"² Para ele, estas formas são os símbolos.

Entretanto, fica em aberto a questão de se o *Ser* a que ele se refere é o mesmo *Ser* do Yoga. Fica em aberto a questão de se o "arquétipo Cristo" é o mesmo "Cristo vivo".

Jung compara as idéias religiosas e filosóficas do oriente e do ocidente do ponto de vista do simbolismo psicológico e acha que há diferenças marcantes. Por exemplo, ele compara o "Cristo — herói carregado de tristeza" — com a "flor de ouro" oriental, ou contrasta o "Cristo pessoal histórico" com o dizer do sábio oriental Hui Ming King: "Sem se tornar o ser, sem fenecer, sem passado, sem futuro."

2. Experienciar não é a mesma coisa que experimentar, pois implica uma vivência em nós mesmos. Experimentar pode ser entendido por ensaiar, testar a validade de uma hipótese. Experienciar é viver a experiência, sentindo-a em nós mesmos. Quando experienciamos somos agentes e pacientes. (N. do E.)

Todavia, estas comparações não são justas, pois Jung comparou formas de expressão de diferentes níveis de conhecimento. Se se deve fazer comparação, as comparações entre oriente e ocidente devem ser feitas no mesmo nível de conhecimento. Em comparação adequada, o equivalente a "flor de ouro" oriental é a "Rosa-Cruz" ocidental. A contraparte das palavras de Hui Ming King é, então, a declaração do Cristo: "Antes que Abraão fosse, eu sou."³

Creemos que, se comparações legítimas forem feitas, não se achará diferença entre o que dizem o oriente e o ocidente.

A diferença essencial entre a opinião de Jung acerca do assunto e a nossa pessoal é que acreditamos que as fronteiras da metafísica acessível à experiência mental são muito mais amplas para o praticante de Yoga e de meditação do que para o homem cuja compreensão da metafísica é conseguida através dos conceitos da psicologia profunda.

O Yoga e meditação ou os exercícios rosa-cruzes tornam acessíveis para a experiência mental metafísica domínios que estão fechados ao psicólogo profundo.

As descrições dadas pelos sábios orientais de suas experiências em Yoga e na meditação não são símbolos para a experiência psicológica, porém são a própria experiência em si mesma. Nem o "corpo diamantino" do oriente, nem o "corpo ressurrecto" do cristão ocidental são símbolos para um fato psicológico, mas fato em si. E a alquimia não se limita meramente a descrever fenômenos da psicologia profunda, mas descreve um processo evolutivo ocorrente no corpo e alma humanos, o qual precipita o fato real e não se limita simbolicamente "ao advento à consciência do espírito no corpo ressurrecto".

Os psicólogos profundos têm para com Jung um débito incalculável por lhes ter mostrado o caminho da sabedoria oriental, do Yoga e da meditação. Resta-lhes simplesmente palmilhar eles mesmos este caminho.

Para evitar mal-entendidos, frisamos que não desejamos opor o Yoga à moderna psicologia profunda. É simplesmente uma questão de manter o relacionamento correto entre ambos. Em realidade, o Yoga é superior à psi-

3. Jó: 8.5. (N. do E.)

cologia profunda. Não é o Yoga que é contido pela psicologia profunda, mas esta por aquele. O Yoga deve indicar o caminho para a futura pesquisa dos psicólogos. Porque o Yoga encerra tudo que se pode dizer sobre o inconsciente, sobre o consciente e sobre o subconsciente. Mas, para investigar estas proposições os pesquisadores não devem partir de hipóteses teóricas, porém da experiência, executando pessoalmente os exercícios.

É impossível praticar os exercícios yóguicos regularmente e por algum tempo sem um confronto consigo mesmo no sentido da psicologia profunda moderna. Devotos do Yoga, que imaginam poder prosseguir ao longo da senda yóguica sem ter de confrontar sua própria mente consciente, estão redondamente enganados. Os exercícios yóguicos são bons para ambos os sexos; proporcionam mais saúde, mais vitalidade e mais capacidade para maiores empreendimentos. Mas, para todos que fazem Yoga e meditam surge um ponto em sua evolução interna em que a confrontação com seu inconsciente pessoal se torna inevitável. Se esta confrontação não chega a ocorrer, então até mesmo o praticante de Yoga é atormentado por uma neurose.

Por outro lado, todos que praticam os métodos da psicologia profunda sofrerão, um dia, experiências que transcendem as fronteiras da psicologia profunda que nós conhecemos e que são descritíveis somente pelo Yoga.

O Yoga e a psicologia visam a expandir a mente consciente. No tratamento dos psicólogos profundos de uma neurose, o conteúdo inconsciente que, de acordo com as circunstâncias normais de vida, pertence propriamente à mente inconsciente é elevado ao nível consciente. Isto é, na cura das neuroses pela psicoterapia, a mente consciente é restaurada em sua condição normal.

A execução dos exercícios de Yoga torna consciente o conteúdo inconsciente. Porém, com os exercícios yóguicos e a meditação, a consciência humana pode estender-se além dos limites normais a um estado de consciência superior.

Quem tenha aprendido, no trabalho psicológico, como conscientizar o conteúdo inconsciente, já saberá algo acerca do método de elevar a mente consciente a um nível de consciência superior. O paciente que tenha sido curado de uma neurose, pela psicoterapia, está mais habilitado a

desenvolver a consciência do que a pessoa comum, para quem a idéia de ampliar a consciência é algo estranho. A experiência que ele teve de transpor ao vencer a neurose pode fazer um homem compreender o processo de evolução gradual da consciência humana e induzi-lo a promover esta evolução por um esforço consciente.

Aqui, sem dúvida, achamos a mais profunda significação para a humanidade do nó psicológico a que chamamos de neurose. E aqui também está o significado mais profundo da obra do psicoterapeuta que auxilia a evolução da consciência.

Neste livro, Elisabeth Haich demonstra o que a energia sexual realmente é, e como pode converter-se na mais elevada consciência através do Yoga. A sexualidade e a consciência suprema são duas formas diversas em que se manifesta uma força criadora divina, o Logos. A energia sexual, a forma inferior do Logos, pode tornar-se a forma superior do Logos, a consciência divina.

Na descrição desta transmutação de energias está perfeitamente claro que o Yoga abraça, também, os processos espirituais a que nos referimos hoje como psicologia profunda. Porém, simultaneamente, é totalmente óbvio o quão longe o Yoga transcende a moderna psicologia profunda.

Elisabeth Haich adverte contra a tentativa de omitir estágios da conscientização. Mostra como se pode reconhecer a potência da energia sexual e como a sexualidade deve ser usufruída, primeiramente, antes que ela possa ser transmutada. A autora descreve, também, as reações anômalas e distúrbios que podem resultar, se se tenta esta conscientização por um processo evolutivo para o qual ainda se está imaturo. Aqui somos confrontados com a totalidade da moderna psicologia do inconsciente.

A autora prossegue descrevendo os estágios na evolução da consciência que ainda são ignorados pelos psicólogos profundos. Mesmo os poderes mágicos adquiridos através da consciência ampliada são discutidos e sua natureza é mostrada.

A leitura deste livro nos faz conscientes de que Freud, intuitivamente, compreendeu a natureza verdadeira da sexualidade. Ao longo de sua existência ele lutou com o conceito da libido e continuamente o reformulou. Em seu

ponto de vista, era para se compreender não somente no senso restrito da sexualidade, mas, também, em um sentido muito mais amplo e mais compreensivo.

Freud também visualizou que a sexualidade pode ser transmutada em força espiritualmente criadora e denominou a este processo sublimação.

Todavia, a sublimação e o processo pela autora denominado transmutação da energia sexual não são idênticos. Freud visualizou a sublimação como a possibilidade de estar apto a lidar significativamente com a sexualidade sem repressão. A energia sexual transmutada pelo Yoga, por outro lado, conduzirá o homem à mais elevada forma de consciência.

Ainda assim, foi o gênio de Freud que viu na libido e na sublimação as energias e as potencialidades que são vitais e necessárias à evolução da consciência humana.

Expandir a consciência é o propósito da vida humana e a suprema consciência é a meta da evolução humana. Esta evolução emana paulatinamente do homem, a criação de impulsos inconscientes, ao homem-Deus plenamente consciente.

A moderna psicologia profunda pode ajudar-nos ao longo de uma parte desta senda evolutiva, mas apenas o Yoga e a meditação podem conduzir-nos à meta.

Helmut Speer(*)

(*) Neurologista e psicoterapeuta

INTRODUÇÃO

Escrevendo este livro, senti-me com liberdade para expressar meus pensamentos em termos singelos e, entretanto, conservei palavras antigas, ainda não vulgarizadas, sem usar as palavras modernas, cientificamente sonoras, para conceitos já mencionados nos livros mais antigos da humanidade. Deste modo, o manancial primitivo de toda a vida, que cientista algum pode explicar, é designado pelo vocábulo antigo "Deus". Se pensamos em palavras novas, querendo impedir o povo de apegar-se a suas velhas interpretações errôneas deste vocábulo, o mesmo povo transferirá depois seus juízos falsos para o significado dos novos vocábulos. É fútil lutar contra a ignorância. Aqueles que, no entanto, percebem um verdadeiro conceito de Deus atrás dos chamados termos modernos, percebê-lo-ão, também, no antigo vocábulo "Deus". Por que, então, trocar as palavras? Satisfar-nos-emos se, no âmago de nossa alma, pudermos ter uma humilde e reverente aproximação de Deus. Através do conhecimento racional, não podemos alcançá-lo. O conhecimento, o reconhecimento podem ser alcançados, apenas por comparação — através da árvore da ciência do bem e do mal — mas Deus não pode ser comparado a coisa alguma, absolutamente, a coisa alguma. Portanto, jamais poderemos reconhecer a Deus, jamais poderemos saber o que Deus é, poderemos, apenas, *ser* Deus.

Os cientistas tomam meticolosos cuidados para evitar o uso deste conceito e da palavra "Deus". Sentimos seu temor de que, na análise final, não pareça bastante acadêmico usar o vocábulo "Deus". Este temor, entretanto, só é comum aos que não são reais e genuínos escolásticos. Porque, se Spinoza, Newton ou Einstein, por exemplo,

através da ciência matemática, chegaram a encontrar e aceitar Deus como a causa primordial de *todos os seres*, e aceitar-lhe a existência como demonstrada, então, é de consciência tranqüila que o antigo vocábulo bíblico "Deus" pode ser mantido neste livro como a derradeira origem das origens. Este vocábulo, então, é usado aqui, não em sentido religioso-sentimental, mas na acepção com que o usaram Spinoza, Newton e Einstein. Alegrar-nos-emos se o leitor experimentar a mesma devoção, reverência e humildade, profundas ante este vocábulo como estes maiores luminares de todos os tempos o sentiram. Neste sentimento, o homem simples se une ao homem verdadeiramente grande da ciência, exatamente como no episódio bíblico humildes pastores se encontraram com os magos de nível supremo de sabedoria. Tentamos, portanto, expressar o assunto de tal modo, que tanto humildes "pastores" como os "magos" venham igualmente a entendê-lo.

O termo "amor" apresentou-me, também, um problema. Uma vez que há inúmeras expressões no idioma húngaro para as várias manifestações de amor, nós, os húngaros, não podemos conceber como a mesma palavra "amor" pode ser usada para descrever o sentimento de alguém por Deus, por seus pais, pelo filho, pela pátria, pela amada, pelo vizinho, e, também, pelo cão ou pelo cavalo. Em húngaro há expressões diferentes para todas estas diferentes espécies de amor, e elas indicam, nitidamente, *por que e a quem* amamos. Para a compreensão deste livro, todavia, é importantíssimo entendermos corretamente os vários sentimentos de amor. Deste modo, para obviar mal-entendidos, tive de esclarecer estas diferentes espécies de amor por paráfrases.⁴ Disto resultou o texto tornar-se mais enfadonho. Porém, não tive alternativa.

Em certas partes deste livro serão também mencionadas coisas para as quais não há termos adequados na linguagem ocidental. Rememoramos as dificuldades que estão envolvidas na mera descrição acurada de um sonho. No âmago do Ser não há dimensões, exatamente como não há conceito de tempo e, freqüentemente, nenhum sen-

4. Paráfrase — tradução livre, desenvolvida, explicativa de um termo. (N. do E.)

timento pessoal. Então, como se pode descrever as experiências que ocorrem nas profundezas da alma e que experimentamos em nosso ímo como estados puros do ser se não há termos apropriados?

Portanto, para mim foi uma dificuldade extraordinária falar de conceitos para os quais não há uma tradução boa e adequada em inglês ou em alemão, e ainda mais difícil foi explicar conceitos para os quais, aqui no ocidente, não há absolutamente palavras. Eis por que é impossível traduzir, por exemplo, textos sânscritos, chineses, tibetanos ou húngaros para línguas ocidentais. Tem-se assim que recorrer à paráfrase. Porém, a despeito de todos os esforços para, através de palavras, tornar compreensíveis os estados do ser, as descrições continuam sendo apenas representações externas do que acontece. *Não se tornam estados de ser enquanto o próprio leitor não está habilitado a experimentar estas descrições em seu âmago, em seu espírito, como um estado de ser.*

O que se diz aqui é válido para ambos os sexos. Entretanto, eu só me referi geralmente ao homem, vez que teria sido muito fatigante repetir as coisas todas as vezes para a mulher. A fim de não tornar o texto intoleravelmente enfadonho, escolhi a "coroa da criação", o homem, para discutir os problemas da sexualidade. De modo que não desponham mal-entendidos, gostaria de enfatizar que tudo dito, neste livro, acerca de sexualidade e da evolução da consciência, *se aplica tanto à mulher quanto ao homem.*

Este, como todo livro de Yoga, só tem valor genuíno se nós mesmos praticamos e provamos o que está escrito. Não importa quão bela seja a descrição da melhor e mais nutritiva iguaria e das refrescantes bebidas a um indivíduo faminto e sedento; e não importa quão avidamente ele leia, e leia tão-somente, estas descrições: jamais, ele ficará saciado. Depois de ler os mais belos livros, ele continuará faminto e sedento, ávido por alimento e bebida. Portanto, devemos praticar Yoga e não apenas ler sobre Yoga! Esta é a particular verdade deste livro, vez que ele tenta revelar os segredos mais íntimos do nível mais elevado do Yoga. Este segredo do mais elevado nível do Yoga é a estimulação e uso dos centros cerebrais e nervosos latentes, que são a sede dos centros espirituais, denomi-

nados *chakras* ⁵ na filosofia Yogui, e o uso do único combustível absolutamente indispensável para esta finalidade — a energia sexual. Deixamo-lo, porém, a quem busca e deseja encontrar a fonte derradeira da vida, para pôr este segredo em prática, para provar sua veracidade em si próprio, para aprender e tirar dele imenso proveito. Os famintos e sedentos devem, eles mesmos, comer e beber!

Meu ponto final e, talvez, mais importante é que este livro pode somente ser o guia dos que, movidos por inextinguível sede de Deus, desejam palmilhar a escarpada senda do reino do céu. Os que tomarem este caminho, por falta de coragem para enfrentar as lutas externas e internas da vida, não podem usufruir minhas instruções. Para aquelas pessoas que também, por alguma razão, não podem atingir uma vida no mundo — que é o que elas mais almejam acima de tudo — portanto, para quem ainda não passou pela vida neste mundo, e procura Deus somente por temor ou desamparo, este livro pode, no melhor dos casos, oferecer curiosa matéria de leitura ou, talvez, mesmo uma experiência. Somente para os que genuinamente buscam a Deus, ele tem supremo significado, porque, enquanto não podemos ser crianças, não podemos tornar-nos adultos. A infância que não tivemos puxa-nos para trás!

Minha língua-mãe é um idioma asiático primitivo e, por isso, como já foi dito, muitas palavras foram parafraseadas. Meus amigos queridos me auxiliaram a sobrepujar estas dificuldades com paciência infinita e, aqui, quero exprimir-lhes minha mais sincera gratidão. Desejo estendê-la, em particular, ao Dr. Helmut Speer, que enriqueceu o livro com um prefácio e, sobretudo, me deu valiosas sugestões.

5. *Chakra* — centro vital no chamado corpo prânico (duplo etérico); funciona como transformador e acumulador de bio-energia. (N. do E.)

Capítulo I

QUE É SEXUALIDADE?

Em Deus, os dois pólos repousam intimamente um no outro em unidade perfeita e absoluto equilíbrio. Neste estado não há tensão, porém tampouco há criação. Esta se inicia com a expulsão do pólo negativo desta unidade e, conseqüentemente, os dois pólos apartando-se e tornando-se mutuamente antagônicos como força e resistência. Embora nunca estejam distantes um do outro, a unidade dos dois pólos jamais cessa de existir; eles se pertencem por toda a eternidade; jamais podem ser completamente separados; a unidade continua a subsistir entre eles como uma tensão mágica de poder infinito que os atrai reciprocamente, ininterruptamente, a fim de restaurar a condição primitiva de repouso.

Desta tensão se origina toda a criação. Sem ela, nenhuma criação, nenhuma vida é possível, porque a própria tensão é vida. Quer dizer que todo ser vivo contém estes dois pólos em si, como sua natureza vital, do contrário não poderia viver, absolutamente. No homem, a sede do pólo positivo está no crânio, e a do negativo no cóccix, na base da espinha, e a tensão entre ambos constitui a vida.

A vida deve ser propagada nos novos seres, e para um novo ser formar-se os dois pólos oponentes devem criar entre si uma nova tensão vital da qual nova vida pode ser engendrada. Embora todo ser vivo, inclusive o homem, conduza sua tensão vital entre os dois pólos, na espinha, *manifesta*, entretanto, em seu corpo, *um pólo apenas*, o qual aguarda a conjunção com um pólo contrário externo, antes de poder transmitir vida a um novo ser vivente. Em sua consciência física, como um ser humano, não suspeita o homem de que em seu espírito, em sua verdadeira natureza, contém estes dois pólos. Ele se identifica com o corpo, que na presente ordem da Natureza manifesta

apenas um pólo e aspira complementação do exterior, de outra pessoa que manifeste o pólo oposto. A unificação perfeita dos dois pólos no mesmo corpo é impossível, porque a matéria se isola, se separa e oferece resistência. Mesmo assim, os dois pólos se empenham pela unificação dentro e através do corpo e buscam um meio de obter o repouso mútuo e, ao menos, imitar o estado primitivo. Os pólos se manifestam no corpo, nos dois sexos, pelos órgãos genitais que permitem que a unidade física seja sexualmente obtida, por tempo breve. Desde que o repouso mútuo dos pólos é o estado primitivo de Deus, do Ser, da vida, a reunificação dos pólos — o encontro dos sexos — engendra nova tensão, nova vida, uma nova criatura na célula ajustada ao propósito. Esta por seu turno leva intimamente a divina tensão de vida, porém manifesta novamente apenas um pólo em seu corpo — um sexo — através do qual a vida terrena se transmite pela *união* periódica dos sexos. Isto é sexualidade.

A energia, que se manifesta pela sexualidade e *que é o elo entre o espírito e a matéria* e, assim, possui a importante faculdade de *ajudar a introjetar um espírito no corpo*, de impregnar a matéria com nova vida, é chamada de “energia sexual”.

Porém, embora o homem com sua consciência tenha decaído do estado paradisíaco primitivo, em que ambos os pólos repousavam um no outro, percebe, se bem que totalmente inconsciente, que tal estado primitivo permanece uma possibilidade e, graças a seu conhecimento da metade manifestada, anseia ser reintegrado na totalidade que encerra em seu espírito, em sua própria vida, que ele mesmo sempre foi, é e será. Não concebe que pode alcançar a plenitude deste estado primitivo de consciência de seu próprio ser em sua vida física terrena e, ainda menos, compreende que o único meio capaz de auxiliá-lo a obter isto é sua própria energia sexual.⁶ Esta, portanto, encerra, para o homem, um segredo que nada tem a ver com a procriação de nova vida. *Exatamente como a energia sexual tem ajudado o homem exilado do estado espiritual*

6. “único meio”... Acho uma expressão extremada da autora, que reclama nossa reflexão e discernimento. O Yoga tem vários caminhos (marga): Karma, Bhakti, Jnana, Raja...

enquanto no corpo, assim pode também auxiliá-lo a reverter, em plena consciência, a seu primitivo estado de integração.

Simultaneamente, este segredo significa que os atributos da energia sexual — se o homem não despende este potencial vivificante e gerador, mas o retém no próprio corpo — de uma parte, podem reabastecer seu corpo de vida, aumentar sua vitalidade interna, mantê-lo na flor da juventude ou regenerá-lo e, de outra parte, aumentar sua vitalidade, despertar, estimular e ativar seus mais altos centros nervosos e cerebrais e despertá-los de sua prévia condição latente. Estes centros cerebrais e plexos nervosos do corpo servem para manifestar e suprir os focos puramente intelectuais que o homem encerra em seu ser espiritual e que, na filosofia do Yoga, são denominados *chakras*. E se, através da ação da energia sexual vivificante poupada e retida pelo próprio corpo, tais focos ou *chakras* conseguem manifestar-se, o homem alcança, em seu próprio ser, o domínio sobre as forças da Natureza e, através de seu poder hipnótico de sugestão, conscientemente desenvolvido, sobre todo ser vivo. Alcança, assim, a onisciência divina; torna-se perfeito, um iluminado, um mago, um mago branco.

Este livro pretende ser um acesso ao segredo de como um homem pode alcançar este nível de consciência universal com a ajuda da energia sexual controlada, e ensinar como obter o domínio sobre as forças naturais. Mas, não por todos! Porque há duas espécies de pessoas na terra: os vivos que já são “seres humanos” e os “mortos”, que são simplesmente “homens” e “mulheres”.

Os vivos, bem como os mortos, levam consigo um corpo — *vivem* em um corpo — e, desde que o corpo humano, na presente ordem da Natureza, manifesta apenas metade do todo, apenas um pólo, os vivos, bem como os mortos, levam no corpo metade do todo, um pólo, um sexo. E assim, não obstante tendo um corpo e talvez uma vida sexual saudável baseada no amor, os vivos estão cientes de que a sexualidade e os problemas dela oriundos originam-se no corpo, pertencendo tão-somente a este e não ao verdadeiro Ser, ao espírito, à sua *essência*. O espírito, o verdadeiro Ego — também chamado Ser — não tem sexo e, conseqüentemente, o ser humano que

alçou a consciência ao espírito, ao verdadeiro *Ser*, o homem que está desperto e vivo, não mais anseia pela metade em algo, mas a totalidade, o Absoluto; não mais o transitório, o físico, porém o eterno, o divino. Seus problemas não se originam da sexualidade do corpo, mas do contraste entre o mundano-físico e o espiritual-divino. Sua meta é tornar-se consciente em espírito, e obter completo domínio sobre o corpo e sobre todas as forças à sua disposição em seu verdadeiro *Ser*. Em sua mente, tais pessoas pairam acima da sexualidade, acima do sexo, e já são “seres humanos”, mesmo que, em um nível físico, elas talvez, apesar de tudo, levem uma vida sexual.⁷ É seu objetivo atingir o que a mais alta carta do Tarot⁸ ilustra tão vividamente: o grande *Ser*, o grande Ego, que não manifesta mais o sexo porque conscientemente uniu os dois seres em si e conseqüentemente é um todo, deixando o homúnculo (ver ilustração) que é um ser físico e ainda pertencente a um sexo, dançar em sua mão como uma pequena marionete, como um agente de sua manifestação, pois que seu papel, no mundo terreno ou material, assim o quer.

Os “mortos”,⁹ ainda espiritualmente inconscientes e levando uma existência puramente física, que eles mesmos ainda não vivem (apenas seu corpo vive), ainda primordialmente seres de sexos diferentes, pensam apenas em termos de sexo. Ainda pequeninas marionetes, os homúnculos rodopiam na palma do grande *Ser* e executam seu papel. Ainda apenas metades do todo são, primeira e principalmente, “homens” e “mulheres”. Para eles, só há sexo, e nada mais. Mesmo o outro grande instinto, o de conservação, para eles, existe exclusivamente como servo da sensualidade e do sexo. Comem, bebem e viciam-se em gulodices, somente de modo a serem tão sadios quanto o possam, visando a espremer a última gota de sexualidade do corpo. Obtêm seu pão com manteiga; ganham di-

7. A autora já não está dizendo que a energia sexual é o “único meio”. (N. do E.)

8. *Tarot* — Um jogo de 78 cartas (22 chamadas arcanos maiores e 56 chamadas arcanos menores), de conteúdo altamente simbólico, utilizado para adivinhação e para estudos metafísicos. Sua recuada origem é nebulosa. (N. do E.)

9. *Mortos* — “...e deixai que os mortos enterrem seus mortos” (Mat: 8.22). (N. do E.)



Em Deus, os dois pólos descansam um dentro do outro em perfeita harmonia e unificados, em equilíbrio absoluto. A filosofia religiosa da Índia expressa tão transcendente verdade na imagem do deus Shiva, que reúne em si mesmo os dois sexos. (Reprodução por cortesia do Museu Rietberg, Zürich.)



Mestrovic: o Cristo eternamente crucificado: Ottavice. O homem inconsciente não sabe que DEUS, que é em realidade sua verdade, o mais alto Ser mora em seu inconsciente.

nheiro; triunfam numa carreira; comunicam-se com os demais, mas tudo que dizem, mencionam, escrevem e fazem tem apenas uma motivação: o impulso sexual. Para eles a suprema ambição e orgulho é alcançar o auge da potência sexual e do sucesso amoroso. Certamente, desde que jamais atingiram a consciência de espírito, são deixados, uma vez que o uso abusivo enfraquece seus corpos, com nada além de sua infinita vacuidade e, enquanto o corpo se enfraquece, vêem-se imersos em escuridão e senilidade cada vez mais profundas. Ao nascer o ser humano comum, seu espírito morre para o corpo; e sua consciência vive e morre com a vida e a morte do corpo. Cristo os chama de "mortos que enterram seus mortos", e Paulo diz que são "o homem natural (que) não recebe as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são tolices". Este livro não foi escrito para estes, pois eles jamais o compreenderiam e olhariam como tolice.

Porém, há "pessoas" que têm visto que os que com a idade se tornam fracos e senis não são os únicos habitantes da terra, mas que sempre tem havido pessoas que, conquanto se tornem velhas e, muitas vezes, muito velhas, não ficaram senis e, ao contrário, dia a dia se tornam mentalmente cada vez mais ricas, mais sábias, mais instruídas, vigorosas e potentes, e que, tal como Goethe, por exemplo, preservam até a beleza física. Há pessoas que já se aperceberam que há duas espécies de seres na terra, chamemo-los — conforme nossa preferência — os vivos e os mortos, os despertados e os dormentes, os conscientes e os inconscientes, e aqueles que se tornaram vagamente conscientes das causas desta diferença e aqueles que gostariam de seguir estes modelos.

Queremos transmitir a outrem os resultados cristalizados e purificados da venerável filosofia yogui e as observações e experiências que temos colhido durante várias décadas. Não é experiência livresca, nem afetada por várias teses científicas engenhosamente concebidas, que mudam de dez em dez anos, mas, isenta de influências impostas, foi descoberta, experienciada e sentida ao longo de nosso caminhar pela vida.

É importante, a esta altura, acentuar um ponto em particular. Exatamente como duas pessoas diferem, assim dois caminhos não são idênticos. O destino humano varia

enormemente, igualmente as sendas que trilhamos para a meta final. É extremamente raro juntarem-se duas pessoas de sexos opostos, para uma ser o complemento perfeito e harmônico da outra e para ambos alcançarem uma identidade verdadeiramente feliz. Porém, ainda é mais raro para um casal, que obteve este maravilhoso entrosamento, mantê-lo por toda a vida, até que a morte os separe. Portanto, se um casal recebeu a dádiva excepcional de Deus, de uma vida passada em união, em tão íntima harmonia, que desfrute este raro enlace e seja grato. Se este livro lhes cair nas mãos, esteja certo, não lhes significará nada. Entretanto, devem lembrar-se de que há muitos seres humanos que, talvez também alguma vez encontraram semelhante sentido e mutuamente se pertenceram, porém, por força de circunstâncias, muito cedo novamente o perderam e depois se tornaram solitários. E há muitos, abundantíssimos, que jamais na vida encontraram tal ligação e, ao contrário, tiveram de suportar vida solitária de princípio a fim, como se Deus quisesse mostrar que sua resposta a seu problema devesse ser procurada e encontrada, não em relações pessoais, mas de outro modo. Para estes e outros, que sentem profunda necessidade íntima de procurar e de achar Deus, este livro pode ser ajuda e guia.

Não é nossa intenção aliciar aspirantes para o caminho do Yoga fora de uma atitude humana e *sadia* para com a vida e o amor mundanos. Em verdade, o oposto é verdadeiro: o que queremos é introduzir tal atitude em todos, porque nosso caminho deve e pode iniciar-se apenas na saúde. Porém, o Yoga é o mais salutar e, portanto, o caminho mais curto do desenvolvimento, pelo qual os seres humanos avançam para a mais elevada meta — para Deus.

A este caminho, que parte do primeiro despertar, do mais profundo, do mais escuro, do ainda semiferoz nível de consciência, e progride para perfeito autoconhecimento, para a divina autoconsciência e verdadeira identidade com Deus, chamamos Yoga.

E, desde que a energia sexual é a força diretriz que ajuda o homem a palmilhar tal caminho, e, ao longo dele, a ascender sempre para mais longe e mais alto, e que em verdade o impele, e que se manifesta em seu mais baixo

nível no corpo, onde representa o elo entre a mente e a matéria. *o Yoga e a energia sexual não podem ser separados.*

Trilhar o caminho do Yoga não significa que devamos abraçar uma vida abstinência. No início, devemos, primeiramente, aprender a viver sadiamente de tal modo que vivamos *com* a Natureza e não *contra* a Natureza. Isto inclui alimentos e bebidas salutaras e, certamente, uma vida erótica sadia. O Yoga ensina a tornar-nos, inicialmente, sadios de mente, de espírito, e, conseqüentemente, de corpo; em síntese: a vivermos sadiamente. Como se pode renunciar à vida sexual, se não se sabe ainda o que a vida sexual sadia significa?

Os últimos estágios, que se atingem extracorporalmente, cada vez mais dentro do espírito, seriam atingidos por todos em qualquer caso como um natural desenvolvimento da mente consciente, posto que este desenvolvimento nos é inerente, tal como uma planta ou flor contém o processo pelo qual, primeiramente, se enraíza, depois brotam as folhas, floresce e, finalmente, atinge o clímax quando frutifica, porque sua meta sempre esteve latente na semente. E o homem, também, encerra em si, como semente, a possibilidade de alcançar o mais sublime alvo — Deus — e tornar-se um homem-Deus. Seguindo as leis naturais, todavia, esta senda de desenvolvimento natural leva um longo tempo, quiçá centenas de anos. É laboriosa e cheia em durezas, e pode levar muitas reencarnações. Porém, o homem encerra uma faculdade secreta, em sua própria energia sexual, pela qual pode realizar tal desenvolvimento e evolução em menor tempo. Tal como se podem usar meios artificiais para forçar plantas a florescerem mais cedo do que o fariam pela Natureza, o homem pode atingir a maturidade muito mais cedo em sua senda de interiorização em direção à consciência, usando vários métodos yoguis que aceleram seu progresso interno. Nenhum estágio evolutivo será omitido, porém o tempo pode ser reduzido como o tamanho de um astro no telescópio. Igual à flor que carece de calor extra para desabrochar mais cedo, também o homem necessita de calor e vitalidade infundidos pelo fogo secreto. E o combustível — o fogo secreto dos Rosa-crucianos — é, como o asseveramos, a energia sexual. Há grande dife-

rença entre o desenvolvimento natural e o acelerado. Não reside meramente no fato de que a meta, a consciência universal, seja alcançada muito mais rapidamente, porém, também, no fato de que o homem, enquanto aprende esta possibilidade e a põe em prática, ainda está na posse da potência sexual plena, e é capaz não somente de cobrir a senda do desenvolvimento espiritual muito mais prontamente, mas, simultaneamente, de dispor da força vitalizante latente na energia sexual, de convertê-la em poder criativo divino e sujeitá-la a seus fins. Daí, o nome Yoga ou *jugo*. Estes poderes também dotam o homem, concomitantemente, das habilidades mágicas que amiúde têm sido descritas e nos são familiares através da vida de santos e yoguis — conhecidos na terminologia yogui como *siddhis* — tais como clarividência, regeneração do próprio corpo, cura milagrosa, expulsão de demônios, ressurreição de mortos, levitação, telepatia, profecia, etc.¹⁰

Somente os que trazem em si, de encarnações anteriores, um sistema nervoso com força necessária para suportar o ciclo derradeiro e mais difícil da senda e a alta frequência da tensão progressivamente crescente, sem se despedaçar sob o esforço, alcançam esta meta suprema em apenas uma vida. Lembremo-nos de que, apesar de toda a sua energia e seu poder de tolerar grandes diferenças de tensão sem fraquejar, a resistência do sistema nervoso tem limites. Não nos olvidemos de que a diferença entre um gorila e um homem primitivo é menor que a entre este e o homem-Deus. Assim como não se pode esperar que um gorila, no período de uma existência, evolua até um homem, porque sua constituição não seria capaz de superar a diferença, da mesma forma, ainda que em escala menor, não se pode do homem primitivo, ou de um homem comum “recém-desperto”, esperar, no período de uma existência, que ele se torne um homem-Deus plenamente consciente e espiritualizado. A resistência de seus nervos seria inadequada para a finalidade.

10. A caça imprudente e egoísta a tais poderes tem criado muitas dores, destruindo o equilíbrio do neófito apressado. Desta ansiosa busca, muito frequente nos jovens, magos negros vêm criminosamente se aproveitando, prometendo dar poderes. (N. do E.)

Porém, se se pudesse dizer a um gorila como ele poderia *conscientemente* desenvolver seus centros cerebrais subdesenvolvidos, por uma prática constante, e ele realmente praticasse e tentasse exercitar-se e aprender letras, algarismos e outras coisas que lhe fossem absolutamente novas, ele alcançaria o estágio humano muito mais rapidamente, embora não nesta encarnação de gorila. Sejam bem claros acerca disto: o gorila não desenvolveria nem mudaria a forma do crânio e, conseqüentemente, do cérebro, até o ponto de tornar-se um homem, mas poderia explorar ao máximo as possibilidades de sua *gorilidade*, e levaria consigo, para a próxima encarnação, um corpo e um sistema nervoso muito mais evoluídos para adaptação. Tal equipamento ele continuaria a exercitar conscienciosamente, desenvolvendo-o até atingir os limites de suas possibilidades. Assim, em duas ou três existências, poderia tornar-se um homem, embora um homem primitivo, porém, em escala muito mais rápida do que se tivesse de prosseguir a senda comum do desenvolvimento natural através de vários séculos. O gorila não entende esta evolução consciente — nem o homem primitivo. Deste modo, eles evoluem de acordo com as leis naturais. A eternidade é suficientemente longa.

Todavia, o homem que evoluiu da consciência restrita do ser comum e já está bastante desperto para não sentir-se à vontade em seu baixo nível evolutivo, pela verdadeira razão de que já percebe em si maiores possibilidades ativas, acha-se capacitado para a instrução. Pode-se discutir com ele como e por quais meios pode ele evoluir mais rapidamente e para um nível mais alto do que se tivesse de esperar meramente pelo caminho natural de evolução, até que a resistência de seus nervos fosse intensificada automaticamente pelas lutas cotidianas da vida. Assim, então, ele se habilitaria, por seus nervos progressivamente resistentes, a tentar estados de consciência mais elevados e tolerá-los sem detrimento da saúde. Nosso livro, portanto, está endereçado às pessoas que já compreendem que seu ritmo de evolução pode ser acelerado por exercícios conscientes, mentais e físicos, e que não somente compreendem isto, mas, também, são compelidas por um desejo íntimo crescente de se empenharem nos exercícios e conscientemente desenvolverem-se. Há uma

coisa, sem dúvida, que jamais devemos esquecer e esta é que: por maior que seja nosso propósito de progredir, só podemos avançar nas possibilidades que o corpo e o sistema nervoso permitem, quando amadurecidos ao máximo. Não se deve esperar atingir o nível de um homem-Deus a curto prazo. Devemos ficar contentes se pudermos realizar *as mais elevadas potencialidades inatas em nosso corpo* e nosso ser nesta existência. Também, assim, é válido exercitar-se, porque nenhum limite humano pode ser previsto para esta "mais elevada potencialidade". Normalmente, não temos idéia do que um homem é capaz de suportar e perseverar. Apenas nas terríveis experiências causadas pelas guerras ou catástrofes naturais, tornam-se manifestas as insuspeitas capacidades e a inimaginável resistência humana. As capacidades e as resistências do corpo são, decerto, dependentes do poder desconhecido da força espiritual presente. Segue-se, portanto, que não devemos formar preconceitos sobre o limite de nossas potencialidades — na senda do Yoga ou em qualquer outra —, ou sobre o nível que possamos atingir ou não, porque é da natureza das coisas que não as podemos conhecer previamente. Não nos atormentemos acerca do degrau preciso, da escada de Jacó, que nos propusemos atingir nesta existência. Deixemos isto com Deus. Devemos exercitar-nos com absoluta confiança e fé em Deus, de modo que não percamos tempo, mas evoluamos tão rapidamente quanto possível. De qualquer modo, ao morrermos, levaremos conosco o estágio evolutivo atingido nesta existência e, na próxima, iniciaremos deste mais alto estágio como o estágio mais baixo da nova encarnação. Nenhum esforço nosso será perdido!

Não entraremos na patologia sexual aqui. Os portadores de tais disposições compreenderão melhor sua condição, se aceitarem o conteúdo do livro convenientemente, e encontrarem o caminho da liberação. Devemos limitar, aqui, nossas observações aos estágios pelos quais se deve passar gradualmente da patologia sexual à saúde e desta ao nível supremo e divinamente espiritual e como e de onde a força para este propósito pode ser tirada.

Queremos indicar as conexões entre a senda do Yoga — o caminho da consciência em expansão — e o progresso acelerado no controle da energia sexual, o progresso sumamente importante, natural e salutar e que coloca a ver-

dadeira e saudável conversão e espiritualização da vitalizante energia sexual nas mãos de muitos yoguis e yoguins que aportam a nossa escola de Yoga e dos que desejam praticar Yoga a domicílio com êxito.

Um velho amigo, que não obstante ainda estava no gozo do vigor juvenil, certa vez contou-me o caso que se segue:

Saíra a passear com um amigo muito mais idoso. No caminho, o amigo contou-lhe que, embora estivesse impotente, ainda gozava a vida plenamente, vez que seus prazeres espirituais eram infinitamente grandes. Lera grandes livros, freqüentemente ia ao teatro, à ópera, viajara muitíssimo, jogava golfe, etc. Meu amigo o escutou longamente e, então, disse: "Meu caro, não prossiga na descrição das delícias de sua vida, pois você não terá nenhum sucesso em fazer-me querer ser impotente!"

Ora, não é intento deste livro sugerir a quem quer que seja "querer ser impotente"! Longe disto! Em verdade, ele pretende realizar o diametralmente oposto: mostrar ao yoguin *o caminho que conduz à fonte da mais intensa potência*. Se ao longo desta senda alguém encontrar a meta final, a meta final da humanidade, então, simultaneamente, atingirá o domínio espiritual de todos os poderes, que potencialmente estão na divina natureza do homem e de todas as criaturas vivas. Uma vez alcançado este domínio espiritual, jamais será perdido, nem mesmo com o envelhecimento, pois os poderes criadores divinos não derivam do corpo, mas *criam* o corpo. E quem os conheceu e sentiu em si, e aprendeu a usá-los como uma chave, obteve o controle consciente do corpo.

A fonte da potência suprema é Deus.

Portanto, o que este livro pretende é mostrar o caminho mais curto em direção a Deus!

Capítulo II

RECONHECIMENTO E SER SÃO A MESMA COISA

A tendência do desenvolvimento humano tem sido, para nós, a lei do mínimo esforço, pois permite a formas externas de energia, tais como luz, calor, eletricidade, magnetismo, radioatividade ou energia nuclear, substituírem cada vez mais nosso trabalho. Tomamo-lo como certo. Estas modalidades de energia são usadas cotidianamente e dificilmente podemos imaginar a vida sem elas. Porém, se desejamos saber o que realmente são, em que consiste sua essência, e estudar os livros dos maiores cientistas contemporâneos, concluímos que apenas podemos observar e conhecê-las pela aparência, como todas as coisas, em verdade. Só podemos descrever o *comportamento* das substâncias que foram aquecidas, eletrizadas, magnetizadas, radioativadas ou ionizadas. Mas não sabemos nem poderemos saber a natureza real e verdadeira desta energia, ou do que quer que seja. É impossível, porque nós mesmos não *somos* esta energia nem qualquer das coisas do mundo. Isto é, nosso estado de ser não é idêntico ao de todas estas coisas.

Somente cada coisa poderia dizer-nos aquilo que ela é: se uma forma de energia ou uma criatura tal como um gato ou cão. Isto porque somente uma forma de energia ou um gato ou um cão poderia saber e informar-nos sobre o que é uma forma de energia ou um gato ou um cão, pois eles são o que são. Eles poderiam informar, no entanto — e isto é muito importante — *se fossem conscientes em si mesmos!*

Isto, no entanto, é impossível. Impossível, porque tudo que foi e será criado é naturalmente o que é — as diferentes formas de energia, os elementos, as plantas, os animais, e finalmente o homem em seu estado inconsciente — tudo

é o que é, ainda que por si mesmos não saibam o que são, porque em si mesmos não são conscientes.

Apenas o homem é capaz de alcançar o completo conhecimento de si mesmo, completa autoconsciência, e apenas o homem desperto, que se tornou completamente consciente de seu verdadeiro ser, *sem qualquer vislumbre de sua antiga inconsciência remanescente*, apenas ele sabe de per si aquilo que ele é. E quando o homem atingir este estado perfeito de consciência, está em condição de conhecer *uma forma única de energia em toda a criação* — entretanto, aqui, novamente, ele experimenta a *natureza essencial desta energia*, não pelas exterioridades, mas, na intimidade, em um estado de ser. *E isto é sua própria vitalidade em todas as suas manifestações, desde a forma materializada mais baixa, conhecida como energia sexual, até a forma mais sublime, o poder criador, porque a verdadeira natureza desta energia é, simultaneamente, sua própria natureza verdadeira: ele é ela mesma!* Na primeira pessoa: *Eu sou ela!*

A consecução deste conhecimento é a meta final de sua senda! Porque também o homem inicia seu desenvolvimento como uma criatura viva inconsciente, e no nível mais primitivo de sua humanidade tem, apenas, uma consciência de aspecto extrínseco, como um animal. E enquanto sua autoconsciência não esteja desperta e após longa evolução, talvez, através de *eons*, (*) torne-se uno consigo mesmo em um estado de ser, seu todo, o homem também não pode — e não sabe — o que é seu verdadeiro ser, o que ele é em realidade. E nesta condição de inconsciência é-lhe impossível saber o que ele mesmo é, assim como saber o que são eletricidade, radioatividade, energia nuclear e outras formas de energia, e o que é a essência da energia, que lhe deu a própria vida e o capacita de percorrer a vida, quer dizer, ignora o que seja a energia sexual.

Na primeira epístola aos Coríntios, o Apóstolo Paulo expõe claramente a verdade de que somente cada coisa pode, de per si, conhecer-se, e nada mais, desde que somente ela pode estar em um estado de ser consigo mesma:

(*) Eons são extensos períodos de tempo; são eras ou ciclos de vida. (N. do E.)

“Entretanto, Deus no-os revelou por seu Espírito: porque o Espírito perscruta todas as coisas, até mesmo as coisas profundas de Deus. Pois qual dos homens sabe as coisas do homem, a não ser seu próprio espírito que nele habita? Assim as coisas de Deus nenhum homem as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, recebemos não o espírito do mundo, mas o espírito que é de Deus; para que soubéssemos as coisas de Deus que por Ele nos foram liberalmente concedidas. Destas coisas nós também falamos, não com as palavras que a sabedoria humana ensina, mas com as que o Espírito Santo ensina: comparando as coisas espirituais com o espiritual. No entanto, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus: posto que, para ele, são tolices; nem ele as pode entender, porque são espiritualmente percebidas. Mas o homem espiritual julga todas as coisas, e ele mesmo não é julgado por ninguém.”¹¹

Em linguagem contemporânea, formulamo-lo assim: Se nós mesmos não fôssemos humanos, não poderíamos conhecer a natureza de um ser humano. Se não apreendêssemos o espírito de Deus, não poderíamos sequer saber que há um Deus, ou o que Deus é. Porém, recebemos o Espírito de Deus e tornamo-nos conscientes dele; portanto, temos conhecimento das coisas divinas. O homem não conscientizado — ou, como Paulo o denomina, “o homem natural” — ainda ignora o que jaz atrás de sua consciência; por isso, encara as verdades espirituais como tolices. O homem que alcançou a conscientização sabe, todavia, que, como um ser humano, ele apreende o Espírito de Deus e, assim, paira acima de todas as coisas terrenas e mundanas.

O homem no primeiro e mais baixo nível de humanidade é, ainda, nada mais que um animal aduzido de razão. Confunde seu *Ser* com a sua mente. Acredita que ao dizer *eu* designou a totalidade do *Ser*. Em verdade, com a palavra *eu*, designou, tão-somente, aquela pequena parte pessoal de seu *Ser* que já se tornou consciente em si. Ignora a parte inconsciente do *Ser*, portanto, não a reconhece, e nem mesmo suspeita de sua existência. Seu inconsciente assume o aspecto de seres externos; eis como

11. I Cor: 2.10-15. (N. do E.)

conceitos tais como "demônio" e "anjo" surgiram. Desde nível primário, ignora ele que tais seres fictícios são, em verdade, faculdades de sua própria consciência, isto é, que são ele *mesmo*. Ainda não tem idéia do que quer que seja que exista atrás de sua consciência primitiva, embora, por enquanto, lhe seja inacessível uma parte incomensuravelmente maior do seu *Ser*, em um estado totalmente não conscientizado. Como, então, poderia conhecer a natureza de seu verdadeiro ser integral? Como poderia saber que o próprio Deus habita em seu próprio ímo, que ele é, em verdade, um ente divino, se desconhece Deus e seu verdadeiro *Ser*, e que este verdadeiro *Ser* é Deus!

Aqueles que alcançaram a completa conscientização do *Ser*, que alcançaram a consciência universal, foram, e ainda são, muito raros na terra. No entanto, o único objeto de todas as nossas vidas, de nossas reencarnações, é atingir a consciência plena e tornar-nos unos, em um estado monístico¹² com o Criador, que repousa nas profundezas de nossas almas, como *EU SOU!*

Porém, como pode o homem animalizado e inconsciente despertar e alcançar tal meta, se ele a ignora? Nascido pela primeira vez como ser humano no degrau mais baixo da imensa escada de Jacó da consciência, como pode ele ascensionar-se de seu estado, de degrau por degrau, elevar-se ao divino autodespertar, ao perfeito preenchimento e ressurreição, se está inadvertido da existência de sua meta e de sua própria capacidade de atingi-la? — Que o auxilia, que o impele subitamente para dirigir sua consciência de aparência extrínseca para o interior pela primeira vez, para tornar-se "convertido" e para erguer-se do primeiro despertar, do primeiro vislumbre do autodespertar para a consciência universal, para o ser divino, radiante e celestial que lhe é inerente, para alcançar a remissão, a libertação e a ressurreição?

O que o impele a fazê-lo e a erguer-se é, nada mais nada menos, sua própria energia sexual!

12. Estado monístico é aquele em que, atingida a união mística, já não existem um *eu* devoto e um Deus adorado, mas somente o Uno Sem Segundo. A Vedanta chama este estado bem-aventurado de *anu-bhava*, que representa a volta da gota ao oceano. "Eu e o Pai somos Um", na expressão de Nosso Senhor Jesus, o Cristo. (N. do E.)

Esta energia gigantesca está latente em toda criatura viva. Inicialmente, ela auxilia o ser humano, através de seus pais, a ser gerado na matéria, a ser corporificado e, quando atinge a maturidade física, dá-lhe a habilidade para dotar de corpos outros seres. O homem inconsciente, todavia, ainda não concebe que esta verdadeira energia não somente o habilita a gerar filhos, como também que é a única força, o impulso que o auxilia, e, na verdade, compele-o a incitar sua consciência, estágio por estágio, ao estado divino de autoconscientização. A energia sexual força a consciência humana a ascender e a dirige a alturas cada vez maiores. A menos que atinja o mais elevado estágio de autopercepção e auto-realização, um ser humano não pode saber que, como tal, ele pode familiarizar-se apenas com esta energia, e isto somente, em seu verdadeiro ser. Porém, ele pode, e em verdade quer, fazer esta energia consciente em si mesmo, porque ela é seu verdadeiro ser, ela é *ele mesmo*.

A energia sexual ajuda o homem a elevar-se acima da energia sexual! Não foi isto decretado com infinita sabedoria?

Se já experimentamos esta verdade pessoalmente, então podemos compreender por que os *iniciados* usavam o escorpião como o símbolo da energia sexual. O escorpião é o agente da própria destruição, e, igualmente, a potência sexual se destrói a si mesma, porque compele o homem não conscientizado e ajuda o conscientizado à transmutar a energia sexual em energias superiores, e a chegar à autoconscientização nesta energia — *a ser esta mesma energia!* Porém, a esta altura já não é mais energia sexual. Destruiu-se como tal.

Tentemos penetrar o mistério da energia sexual que podemos identificar em nós mesmos e assim dominá-la.

Como pode isto ser feito? Responderemos esta pergunta nos capítulos vindouros.

Capítulo III

A SERPENTE CRIADORA PRIMITIVA

O Evangelho segundo S. João se inicia com as palavras seguintes:

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e sem ele nada do que foi feito seria feito. A vida estava com ele; e a vida era a luz dos homens. E a luz brilhava nas trevas; e as trevas não a compreenderam.”

Quão admiravelmente estas poucas palavras elucidam o mistério da criação!

Porém, só podemos compreender adequadamente e apreciar estas palavras, se pudermos ler a Bíblia no original grego. A tradução, lamentavelmente, não peca pela exatidão. A língua inglesa se ressent de palavras para uma tradução exata do texto grego. Não há palavra com significado idêntico ao da palavra grega *logos*, por isso, Lutero traduziu *Logos* por *Word* (palavra), que não satisfaz totalmente para traduzir o significado de *Logos*. Teria sido melhor usar *Verb* (verbo),* pois exprime mais adequadamente o nascimento do primeiro impulso, o primeiro frêmito da criação. Em grego, *Logos* significa o princípio criador, o poder de Deus, o instrumento divino que executa sua vontade e anima a criação, como, por exemplo, a mão do homem, que é simultaneamente ele mesmo e seu instrumento, que é *ativo*. Quando *Logos* ainda estava na latência primitiva, antes de qualquer coisa, mesmo antes da primeira revelação de Deus, a criação das vogais e letras, a palavra (*word*) que é igualmente composta de letras, não poderia ter existido. Essa é uma fase essencialmente posterior da criação. E, não considerando isto, há uma dificuldade acrescida em compreender-se este texto corretamente. Cada pessoa tem

* Como na tradução em português. (N. do T.)

sua interpretação própria de muitas das palavras, consoante seu nível mais ou menos elevado de consciência. O termo "Deus" significa algo diferente para cada pessoa. É verdade, e pode-se verificar no original grego, que Deus criou o homem "segundo" o molde de sua imagem, como uma luva é calçada na mão, e continua a fazer assim, atualmente; também é verdade que o homem retribuiu isto, criando Deus a sua imagem humana. Sobretudo, os termos usados no tempo de Lutero não se ajustam mais para expressar certas coisas. Então, se tentamos traduzir o significado destas sentenças segundo o original grego com termos atuais, ocorrerá algo assim: No princípio era o *Logos*, a vontade que gera o fato, o poder que anima e realiza a criação, ainda com Deus em estado latente, como potência de Deus. Deus era e é, ele mesmo, esta potência. Em essência, Deus e seu princípio criador, seu poder criador, são uma só coisa. Tudo foi criado por Deus através do *Logos*. Deus é ser, é a vida em si mesma, e tudo que existe só pode existir porque o princípio criador, o aspecto criador de Deus, a saber, o *Logos*, cria, anima e mantém. Deus, o ser eterno, a vida, modelou o homem, também — consoante o texto original — segundo a si mesmo, segundo sua própria imagem. Portanto, o verdadeiro Ser, a genuína essência do homem é o próprio Deus. Entretanto, o homem em sua condição inconsciente ainda está nas trevas e não concebe a luz divina que lhe é inerente. Está inconsciente e não tem pressentimento de que Deus, isto é, o Ser quintessente, habita em seu inconsciente.

A vida é, portanto, o poder criador, o *Logos*, e tudo que foi criado o foi pelo *Logos*. Tudo, desde o magnífico espírito, até a matéria foi e é criado, animado e mantido pelo *Logos*. Porém, no sétimo e excelso nível está o espírito de Deus, o próprio Deus em um estado de repouso perfeitamente equilibrado. Daí, Deus, como seu próprio princípio criador — porque o *Logos* é o próprio Deus — dá existência à escalada da criação. Do espaço infinito, de cada ponto do universo, de toda parte, a vida flui. A princípio, surgem e entram em vigor formas de energia puramente espirituais da mais alta frequência, depois a frequência progressivamente cai, ondas se alongam e as formas de manifestação continuam a ganhar densidade, substância, até que o nível mais baixo é atingido: o da

denominada matéria "morta" que, todavia, não é morta, posto que sabemos ser a matéria outra forma de energia. Em um átomo de matéria, exatamente como nos sistemas solar e astronômico, circula o poder criador divino, circula a vida. Está em cada degrau da escada de Jacó que se estende do céu, do reino de Deus, descendo para o mundo material, para a terra.

Nós, seres humanos, possuímos todas as formas de energia criadora em nós. Somos o microcosmos no macrocosmos.¹³ Nosso espírito, nosso verdadeiro Ser é Deus, como Paulo asseverou. Então, o *Logos*, o poder criador do Ser, desce cada vez mais profundamente em nós, como no universo; forma nossas idéias; cria os níveis emocional e espiritual; e, finalmente, a necessária resistência a estes, o portador de todas as formas mais elevadas de energia, nosso corpo físico. Assim como *Logos*, além do homem, e em todos os níveis da criação, se manifesta e cria *a si mesmo* como formas variegadas de energia, assim também nós, seres humanos, possuímos toda a escada de Jacó das manifestações do *Logos*, isto é, toda a criação como os vários aspectos de nosso próprio Ser. E como o *Logos* é ativo em todos os níveis da criação no microcosmo, assim o homem emite e manifesta em seu microcosmo, em todos os níveis de seu ser, através dos órgãos correspondentes às múltiplas frequências do poder criador, as formas extrínsecas da mesma energia divina e criadora, isto é, de nosso próprio Ser.¹⁴

Se nós sacarmos a espinha humana com o cérebro e sua extensão, a medula espinhal, notaremos a forma de uma serpente. Esta serpente é, justamente por isso, a imagem da forma de manifestação do *Logos* no macrocosmo, e no homem, o microcosmo. É também a imagem da resistência ao *Logos*, de sua localização no homem: a

13. Microcosmos somos cada um de nós. Macrocosmos, os Universos. (N. do E.)

14. A Teosofia ensina que a "centelha divina", nosso Ser, mergulha em universais planos de densidade crescente, e, em cada um destes, usando a "matéria" que os forma, engendra um corpo ou veículo, para nele experienciar. Assim, do mais sutil ao mais denso, a "centelha divina" que nós somos se reveste dos seguintes veículos: átmico; búdico; mental superior; mental inferior; astral; etérico; físico. (N. do E.)

medula espinhal. Esta "serpente espinhal" criada da mais refinada matéria etérea é a portadora do poder criador divino, de nossa vida. O poder emana com frequência gradualmente crescente dos sete centros espirituais, por meio de órgãos adequados, que mantêm o poder criador como resistência.

No antigo Egito, o iniciado usava uma fita de ouro em seu adorno frontal, o qual simbolizava uma serpente com a cabeça erecta. Ser "iniciado" significava que o homem se conscientizara dos sete níveis de auto-revelação ou autopercepção e, portanto, no *Logos-serpente* como um todo. Não havia mais um elemento inconsciente e, assim, ele era um homem que alcançara a consciência universal.

A erecta serpente de Esculápio, bebendo o elixir da vida em uma taça rasa, representa também a criadora serpente-força da espinha humana. É a plenitude absoluta, portanto a saúde, e, conseqüentemente, tem também o poder de curar todas as doenças, isto é, todas as formas de degeneração.

Encontramos esta mesma "serpente" na Índia, conhecida como *Kundalini*. Enquanto o homem permanecer inconsciente, com seus mais altos centros nervosos ainda em latência, a serpente continua enrodilhada no centro de energia inferior, cuja sede é a vértebra terminal, o cóccix, isto é, no pólo negativo da tensão vital! A medida que o homem se conscientiza e seus centros energéticos são ativados no processo, lentamente a serpente *Kundalini* se desenrola e se estira cada vez mais para cima, fixa-se sucessivamente em e estimula cada centro nervoso e ascende ao centro mais elevado, que tem sua sede na parte mais alta da cabeça, no crânio. Aí, une-se ao pólo positivo que se aloja no sétimo centro energético. Então, ela se conserva erecta, como a serpente de Esculápio.

A filosofia do Yoga empresta grande ênfase à diferença entre a corrente vital e a resistência, isto é, os órgãos físicos e os centros nervosos pelos quais a corrente nasce. O poder criador, a corrente vital, forma sete centros energéticos no ser humano e cada centro energético, conhecido na terminologia yóguica como *chakra*, tem o efeito de um transformador que modifica o poder criador divino em tensão mais baixa, correspondente ao próximo centro de manifestação. Assim, procedente do centro mais ele-

A representação de Deus no antigo México: na base, está uma serpente, símbolo da energia sexual; sobre ela, a figura de um homem representa o corpo, sustentáculo das manifestações emocionais, mentais e institucionais; no alto acha-se simbolizada a autoconsciência radiante, incorpórea e puramente espiritual: DEUS.





A primeira e mais baixa carta do *tarot* representa os seres humanos que estão ainda "mortos", ainda inconscientes em espírito e que levam uma existência puramente física. No início, são seres humanos ainda separados — homem e mulher — e pensam somente em termo de sexo. São infimos marionetes, os "homunculi", que se movimentam sobre a palma do grande Ego assexuado conforme os papéis que tenham a desempenhar no mundo.

vado, o poder criador é transformado seis vezes, daí resultando sete centros, os sete *chakras*.

Desde que nós, seres humanos, nos familiarizemos com esta energia do nível terreno, material, começamos a contar os focos magnéticos, que são, concomitantemente, os planos de manifestação de baixo para cima. Os termos yóguicos para estes sete centros são palavras sânscritas, ei-las:

O primeiro e mais baixo *chakra* é chamado: *Mula-dhara* (*Mula* significa "medula"): sua sede é o pólo negativo, que repousa no cóccix em estado latente.¹⁵

Segundo *chakra*: *Svadisthana*; sua sede é o plexo nervoso acima dos órgãos genitais.

Terceiro *chakra*: *Manipura*; sua sede é o plexo solar.

Quarto *chakra*: *Anahata*; sua sede é o centro nervoso do coração.

Quinto *chakra*: *Vishuddha*; sua sede é o centro nervoso da glândula tireóide.

Sexto *chakra*: *Ajna*; sua sede é o centro da testa, entre as sobrancelhas.

Sétimo *chakra*: *Sahasrara*; sua sede é a parte mais elevada do crânio, que é também a sede do pólo positivo. Pela ativação deste centro cerebral, o homem alcança a divina consciência plena.

Na Bíblia, dia ou luz significa *consciência*. Noite ou trevas significa *inconsciência*. Consoante esta metáfora, como Moisés, o grande iniciado, diz na Bíblia, Deus cria cada "dia" em todos os níveis de consciência com as vibrações pertinentes aos níveis, mas, ao sétimo nível de consciência, no sétimo "dia", ele não cria, mas descansa em si mesmo. Neste estado não há tensão, da qual uma criação possa envolver, porque ambos os pólos, positivo e negativo, estão descansando reconciliados entre si, em perfeita harmonia e absoluta unidade. Somente o homem, em um estado de êxtase como pura consciência, pode experimentar isto; em caso contrário, significaria morte física.

Nos trabalhos de alguns estudiosos ocidentais, lemos que o yogui hindu, no êxtase de Samadhi, está incons-

15. *Mula* (em sânscrito, *moola*) significa raiz, base. *Adhara* significa substrato, suporte. *Mooladhara* se traduz, literalmente, por "substrato básico". Dos *chakras* é o básico. Muitos o chamam de *chakra* raiz.

ciente. É um grande erro! A verdade é o oposto: ele está em estado de *completa consciência*, portanto, de *consciência universal*. Aparenta estar inconsciente, somente porque não tem consciência física. Quem quer que tenha experimentado o *Samadhi* sabe que, durante ele, o yogui está plenamente *consciente* e totalmente *acordado*.

Daí, podemos observar que há uma única verdade e que o cerne de toda religião é esta verdade única. S. Francisco de Assis, Sta. Tereza e outros grandes santos experimentaram a presença divina em estado de êxtase, exatamente como os yoguis hindus na Ásia experimentaram o *Samadhi* e ainda o fazem.

Nós, seres humanos, experimentamos estes vários níveis do *Logos* — manifestação e várias frequências como vários estados de consciência. Conseqüentemente, damos-lhes várias denominações.

A forma energética do poder divino, que une a mente e a matéria, no primeiro nível, no centro mais baixo, experimentamos em nossa mente consciente como instinto para a preservação das espécies, como impulso e desejo físico, sexual e, ao satisfazê-lo, como gratificação puramente física. A isto chamamos *energia sexual*.

No segundo nível, experimentamo-lo como a manifestação do instinto de autopreservação, como metabolismo; em nossa mente consciente, como fome e sede, e, ao satisfazê-lo, como saciedade.

No terceiro nível, o poder divino emana como força de vontade e o experimentamos na mente consciente como impulso para a volição.

No quarto nível, o poder divino predomina através do centro cardíaco, como sentimentos e emoções; experimentamos nele toda a escala entre ódio e amor pessoal.

No quinto nível, o poder divino se manifesta como nosso conceito de tempo e espaço. Seu instrumento é a tireóide que nos conecta com o mundo finito; articula-nos com o tempo e provê nosso *ritmo cronológico*. Este centro determina a rapidez ou lentidão de nossos pensamentos e movimentos, se achamos um período de tempo longo ou curto, se estamos sempre apressados ou se encaramos as coisas despreocupadamente. Conseqüentemente, este centro exerce uma influência decisiva no tempo de nosso ritmo de vida e, assim, na duração temporal de nossa vida.

No sexto nível, o *Logos* — energia — se manifesta como intuição. Cintila em nossa mente consciente o relâmpago, como se o fosse de luz espiritual, que nos provê com novas idéias e *insights*. Como estado de consciência, experimentamos esta intuição como luz espiritual que a tudo invade, meditação espiritual e como amor universal que tudo abraça. Sentimos uma sensação de identidade com todo o universo; entendemos a linguagem da Natureza e o conteúdo simbólico de cada linha e cada forma.

No sétimo e mais elevado nível, através do centro, na parte mais elevada do crânio, experimentamos o poder criador divino como um estado de ser puramente espiritual; isto surge em nossa mente consciente como o mais profundo autoconhecimento, como *consciência individual* suprema que experimentamos em nós mesmos como *EU SOU O QUE SOU*. Aqui não há mais sensações ou pensamentos inconscientes, nem percepções extrínsecas. Não mais estou feliz e contente, porque *Eu sou* estas coisas, todos os sentimentos, todos os pensamentos, a luz radiante de consciência — *Eu mesmo sou a felicidade, Eu mesmo sou a bem-aventurança e a paz! Eu sou a autoconsciência, radiante, onienvolvente, onipenetrante.*

Durante uma escavação no México, acharam-se representações simbólicas de Deus. Elas dão ilustração autorizada e clara desta verdade e destas variadas formas de manifestação divina em diferentes níveis da criação. Na base há uma serpente ou, às vezes, um dragão, que é a energia sexual: *Kundalini*. Sobre ela, de pé, encontra-se um homem, símbolo do corpo sustentando as manifestações emocional, mental e intuitiva, e, justamente no topo, acima do homem, há uma face radiante, a face de Deus, o símbolo da autoconsciência puramente espiritual e divina. Deus! Como poderia alguém ter retratado melhor a verdade das várias formas de manifestações de uma mesma deidade?

Somente o homem é capaz de alcançar a consciência em todos os níveis da criação e de abraçar todos os níveis de manifestação de uma consciência divina universal. Isto porque somente o homem possui, no corpo, os órgãos correspondentes às várias formas de energia criadora. Estes órgãos são aptos a suportar as diferentes vibrações e frequências das múltiplas formas em que a energia

criadora se manifesta, justamente como os órgãos são aptos para receber estas vibrações e frequências do universo, são aptos para emitir estas energias criadoras. São os mais importantes centros nervosos e cerebrais que transmitem as vibrações das várias formas de energia criadora às glândulas correspondentes, intimamente ligadas aos centros em que se processa a transformação. No homem que está no nível inferior da humanidade, a maioria de tais centros nervosos e cerebrais ainda está em letargia. Seu grau de consciência é, conseqüentemente, baixo e primitivo. A senda de sua evolução consiste em comandar e ativar sucessivamente os mesmos centros, até que todos tenham sido ativados, e o homem, percorrido toda a escala da criação, *incluindo o Criador*, consciente em si mesmo.

O combustível com que o homem pode aquecer e ativar seus centros nervosos e cerebrais em latência, semelhante a uma válvula de rádio, é a energia sexual que encerra em seu corpo. Enquanto permanece no baixo nível de consciência, o homem não é o senhor da energia sexual, mas, talvez, um servo. É ainda totalmente seu escravo e vive à sua mercê. Portanto, jamais suspeita que esta energia encerra um segredo; que sua própria energia sexual pode abrir-lhe a porta do poder espiritual; que com o auxílio desta energia, pode alcançar consciência no Ser, em Deus e, daí, obter a imortalidade e a ascendência sobre a matéria e sobre toda a Natureza. Se tal conseguir, pode-se dizer que encontrou a chave secreta da pedra filosofal,¹⁶ tornou-se um mago branco.

Os alquimistas medievais, os Rosa-cruzes, que eram grandes iniciados, reiteradamente citam em seus escritos, nos quais a verdade pura é evitada, que a substância da qual a pedra filosofal é obtida facilmente é encontrável, e todo ser humano a possui. Eles queriam proteger seus conhecimentos do vulgo que, mesmo então, teria transformado tudo em maldade e, por absoluta ignorância, abu-

16. *Pedra filosofal* — Era o objeto da investigação dos alquimistas. Ela seria capaz de transmutar qualquer metal em ouro (crisopeia) ou em prata (argiropeia). Liquefeita e reduzida, seria o "elixir da longa vida", que prolongaria a vida humana sadia e jovem, sem dar no entanto a imortalidade. Seria também a *panacéia*, isto é, o remédio para todos os males. (N. do E.)

sado do segredo da energia sexual em perversões depravadas. Concomitantemente, todavia, queriam outorgar a chave deste segredo apenas a pessoas suficientemente maduras que não abusassem dela. Queriam orientar homens inteligentes para a senda correta, onde procurariam o segredo na esperança de que alguém o achasse. De seus escritos se depreende claramente que a substância da pedra filosofal *se encontra no próprio homem*. Apenas este indício inocente produziu terríveis crueldades. Sabemos, por registros de cortes medievais, que senhores que desejavam obter a pedra filosofal encaravam o sangue humano como a substância secreta, porque mal interpretavam os escritos Rosa-cruzes que sugeriam ser a pedra passível de ser modelada a partir do ser humano. Por isso, com incrível crueldade, assassinavam servos em grande escala para obter a substância de seus corpos. Em sua ignorância, tais senhores, como o "homem natural" do Apóstolo Paulo, o povo inconsciente, ignorante, "morto", jamais compreendeu que o assunto era muito mais simples do que eles pensavam. Eles deviam ter-se lembrado, somente, de que o manancial pelo qual toda vida terrena se transmite é a energia sexual. O manancial da vida, o famoso elixir dos Rosa-cruzes, é, portanto, algo que conduzimos conosco. Deste manancial flui uma corrente, a própria vida, "que é fogo, mas flui como água". Que definição melhor poderiam achar da espécie de energia que flui como eletricidade ou água em nosso sistema nervoso, ainda que não seja água, mas fogo; portanto, como está literalmente assentado nos escritos Rosa-cruzes, "uma água ignescente, o fogo líquido" é "uma corrente de fogo que jorra como água". O homem ignorante usa esta "fonte individual", geralmente sua energia sexual, vital, na perseguição dos prazeres eróticos, sem desejo de procriar. Não concebe que se não esbanjasse a corrente vital que jorra de seu "manancial individual", mas se a preservasse para seu próprio corpo e para usar tal manancial, vital para si mesmo, poderia estimular e ativar seus centros energéticos mais elevados, os *chakras*, e, portanto, obter domínio sobre eles. Se usasse a corrente vital em prol de seu próprio corpo, como a vontade exige, poderia, então, dotá-lo de nova vida, regenerá-lo e alcançar a imortalidade das células, conhecida pelos Rosa-cruzes como

transmutação. Através dos mais elevados centros espirituais, poderia usar a energia sexual, produtivamente, convertida em poder criativo espiritual, para servir a si mesmo, e, simultaneamente, compartilhar do trabalho de espiritualização do mundo. Objetivamente para apoderar-se deste segredo *é absolutamente essencial que o homem tenha uma atitude e uma moralidade superiores para a vida!* E, desde que estas são excessivamente raras, os "alquimistas", os Rosa-cruzes e outros iniciados se expressaram somente através de símbolos ou absolutamente silenciaram.

Hoje em dia, em contraste com aquela época, atingimos o estágio em que estas coisas devem ser discutidas, a fim de despertar a moralidade humana. E isto, não por motivos de religiosidade sentimental, porém preferentemente por razões humanas gerais, desde que Deus assim criou a constituição espiritual humana que se o homem resiste às leis morais intrínsecas inerentes a todos nós, inevitavelmente, trará miséria, desespero e trevas espirituais sobre si mesmo. Os homens adulteraram e interpretaram mal certas verdades descobertas por grandes psiquiatras. E, o que é pior, confundidas por erros, que charlatões semi-ignorantes disseminam, abusam da energia sexual tratando-a cada vez mais como mero fenômeno físico, empregando-a quase exclusivamente em prazeres eróticos. Esta atitude está repleta de tão grande perigo que desejamos tentar despertar a atenção dos pesquisadores e, particularmente, da juventude desencaminhada pela interpretação errônea de "repressão", "liberação das inibições espirituais e físicas" e de "libertação da inibição". Fazemos isto, embora tenhamos absoluta certeza de que muitas pessoas usarão novamente a energia sexual secreta em perversões degeneradas. Deve-se dizer com absoluta franqueza que a energia sexual pode ser usada em finalidades mais elevadas do que no simples alívio, com experiência erótica, do tédio que nasce da própria infinita vacuidade. A energia sexual é o próprio poder criador divino. Pode ser usada para o bem ou para o mal. Se for usada negativamente, ricocheteia e arrasta o exorbitante, inexoravelmente, ao inferno.

Talvez, haja alguns, entre a juventude e adultos tremalhados, que dêem atenção e, talvez, inicialmente, por

absoluta curiosidade, arrisquem-se a experimentar, ao menos, temporariamente. No curso destes ensaios, acumularão tão profundas experiências que, de uma vez por todas, se resolverão pela senda da verdade e jamais dela se desviarão outra vez. Também, muitos outros haverá certamente, em verdade já os há, que empreenderão este trabalho sem um sentido real de anseio por Deus. Se, apenas uns poucos forem, assim, conduzidos ao aprisco, este livro terá preenchido sua finalidade.

A fim de conduzir os experimentos adequadamente, e formar de qualquer modo uma idéia do que eles proporcionam, devemos primeiramente familiarizar-nos com algumas coisas e revolvê-las em nossas mentes. Este livro também se propõe a mostrar o caminho da prática experimentada e comprovada. Cristo profetizou na Bíblia que advirá o tempo em que os mistérios da verdade serão proclamados. Há inúmeras indicações impressionantes de que este tempo é chegado. Foi atingido o ponto em que a verdade acerca da energia sexual deve ser revelada. O que a humanidade fizer disto depende de sua maturidade moral. Afinal, a energia nuclear pode ser usada em melhores finalidades do que na fabricação de armas para serem usadas para a auto-aniquilação! Identicamente, é possível usar-se a energia sexual para o céu ou para o inferno, vez que ela é o poder criador divino ou *Logos*, a essência do próprio homem. Quando o homem tiver tomado posse da potência espiritual e, assim, tiver alcançado supremacia, ficará a seu critério se será um mago negro ou branco!

Capítulo IV

ENERGIA SEXUAL EM SUA LUZ FALSA E VERDADEIRA

Em Revelação ¹⁷ (5:6), lemos como o *Logos* metamorfoseado em Cordeiro, com sete chifres e sete olhos, parte para encarnar-se na matéria, para a animar, espiritualizar e reconduzir a Deus:

“...e entre os anciões, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto (na matéria, no corpo, o espírito sente como se tivesse sido morto); tendo sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a Terra.”

E: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (S. João 1:29) “Tirar os pecados do mundo” significa, para o espírito, assumir o encargo dos atributos da matéria. Para o corpo, que é matéria, os atributos da matéria não são pecados; mas, para o espírito, sim. Os atributos, a saber, as leis da matéria, são diametralmente opostas às do espírito. Em sua epístola aos Gálatas (5: 17-18), Paulo diz:

“Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne: porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja de vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei (da carne, da matéria).”

As leis da matéria são: contração, resfriamento, inflexibilidade, endurecimento e solidificação. As leis do espírito são: fogo, tepidez, calor, expansão e radiação. Para o espírito, portanto, é pecaminoso manifestar os atributos da matéria; igualmente, é pecaminoso para a matéria manifestar os atributos do espírito. O Cordeiro de Deus é espírito, e, se se encarna na matéria, deve submeter-se às leis da matéria e sujeitar-se a seus atributos, os quais,

17. Apocalipse. (N. do E.)

para o Cordeiro, são pecado. Somente assim, pode, o *Logos*, espiritualizar a matéria e reconduzi-la a Deus.

O princípio criador, *Logos*, o Cordeiro de Deus, diz de si mesmo, em outra passagem bíblica: "*Eu sou* o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão, por *mim*." (S. João 14:6) Assim, a vida que *eu* mesmo *sou*, nas próprias palavras do *Logos*, é, em si mesma, a senda pela qual vamos ao Pai. Para isso a vida encarnou-se, primeiramente, na matéria, envolveu-se em uma carapaça adequada, o corpo, e nele formou órgãos capazes de gerarem sempre outros corpos. A divina corrente vital flui ininterruptamente por estes corpos, formando sempre novas carapaças, que sempre se tornam mais aptas a conter e a manifestar as vibrações do espírito, como resistência. E enquanto carapaça material, viva e ainda inconsciente, a pessoa leva sua existência sombria e está sendo trabalhada, em verdade, atormentada fora de sua mente inconsciente, pela vida, que, em sua forma materializada, é a energia sexual, de modo que sua conscientização irrompa. No indivíduo, a parte ainda inconsciente do Ser que se materializou, o Ser mais alto, o *Logos*, impele-o constantemente, através da energia sexual, a tornar-se autoconsciente em seu corpo material, e a vir a conhecer a essência do seu ser mais profundo, Deus, isto é, a *alcançar o autoconhecimento*. Enquanto o homem permanece inconsciente, experimenta Deus em seu imo, como desejo sexual. Quando se conscientiza, experimenta Deus como próprio Ser (*Self*), como seu ser real — como *Eu sou!* Deus é para o homem o *estado absoluto de autoconsciência*.¹⁸

Assim, a vida, o eterno ser, Deus, *se* ajuda a si mesma a tornar-se mais consciente na matéria, no corpo, até um tal momento, em resultado de que, o maior milagre ocorra: uma mesma autoconsciência envolve as antagônicas leis materiais e espirituais, a matéria é espiritualizada e neste corpo espiritualizado o princípio criador, *Logos*, o Cordeiro de Deus que morreu na matéria ao nascer, ressuscita enfim, depois de eons de desenvolvimento, e novamente torna-se Deus. O Cordeiro e sua

18. "*Eu sou* a fluidez da água, Ó filho de Kuntl; a radiância na lua e no sol; o Verbo de Poder em todos os Vedas; o som no éter; e a virilidade no homem" (Bhagavad Gita II — 8). (N. do E.)

esposa, o *logos* e a consciência do ser físico, se unificaram. O consórcio místico, sagrado, foi realizado! ¹⁹

Errôneas interpretações das Escrituras e instrução religiosa defeituosa levaram o ocidental a encarar como obra demoníaca a procriação de renovadoras gerações, sem as quais cessaria a vida, e condenar o gozo físico e a sensação de prazer que lhe está associada. Permitiu gravar-se em sua mente o conceito de "pecado original" e, em verdade, até hoje, encara os órgãos físicos indispensáveis à procriação como pecaminosos e obscenos. Em contraparte, quão admiravelmente pura e divina é a concepção de alguns povos asiáticos antigos e contemporâneos que encaram o órgão genital masculino, o *Lingam*, como sagrado, e o adoram como a forma representativa do divino, vez que seu real propósito é manifestar e divulgar o supremo: vida, ser eterno. Deus, através da matéria, através do corpo. É ingênuo em alto grau supor-se que a adoração dos orientais ao *Lingam* envolve adoração meramente ao órgão físico masculino. ²⁰ Ainda se crê, no oci-

19 O "consórcio místico" é chamado, em Tantra Yoga, *Maha Maithuna* e consiste na fusão (cópula) de *Shiva*, o Ser Supremo (aspecto masculino), com sua *Shakti*, a Energia Cósmica, a Mãe Divina (aspecto feminino). Ambos estes pólos estão presentes em cada um de nós. A sede da *Shakti* é o *Muladhara*, e a de *Shiva*, o *Sahasrara*, respectivamente no perineo e no alto do cérebro. (N. do E.)

20. *Lingam* — "Um sinal ou símbolo de criação abstrata... Em sua origem o *Lingam* nunca teve o significado grosseiro ligado ao falo, uma idéia que surgiu mais tarde" (Blavatsky; *Theosophical Glossary*; Adyar). Tivemos oportunidade de ver, em vários templos da Índia, o *Lingam*, um grande elipsóide de pedra no "santum sanctorum" para a adoração dos fiéis. Não vimos adoração fálica, mas a reverência para o mistério da criação dos universos. I. K. Taimni, em "*An Introduction to Hindu Symbolism*" (Adyar) afirma que "o elipsóide serve como um símbolo natural perfeito desta Realidade que é conhecida como o *Shiva-Shakti tattva* no Hinduísmo". Este elipsóide é chamado *Shiva-linga*, a palavra *linga*, em sânscrito, quer dizer símbolo ou emblema. Os dois focos do elipsóide correspondem aos dois pólos que representam o princípio positivo, chamado *Shiva* e o negativo, chamado *Shakti*. É certo que ambos estes princípios estão num estado potencial, mas neste estado potencial está escondida a tremenda Energia que, em suas inumeráveis formas, faz viver a máquina do Cosmo tanto quanto as manifestações da Consciência do Supremo ao mais baixo". Informa-nos ainda Blavatsky: "Na Índia, o símbolo tem o mesmo signi-

dente, que a antiguidade e os orientais, que empreenderam a suprema cultura, foram e são tão tolos a ponto de adorar *um membro específico do corpo*. Os orientais não adoraram e jamais adoraram a matéria e o corpo como tal, mas, certamente, *a automanifestação da divindade*, através da forma material!

Toda sua filosofia religiosa, seu absoluto desprezo pelo físico, mostra claramente esta mentalidade exaltada. Semelhantemente, o ocidental está absolutamente mal orientado, vendo nada mais que mera pornografia nas nobres representações do ato sexual que adornam os majestuosos templos do deus-sol em Konarak, Bhubaneswar e outros templos indianos. Os inspirados indianos criadores destes trabalhos artísticos excitantes e empolgantes não encaravam a cópula como obscena, mas como uma imitação do estado primitivo de Deus, como a imagem da vida, em que os dois pólos repousam intimamente um no outro e em que uma nova existência, uma nova encarnação, se torna possível. Encaravam o coito como a verdadeira divindade que se manifesta através da matéria, separada em duas metades, em dois sexos, mas, também, reunida pelos sexos, para propagar a vida na matéria, de modo que a grande meta seja conquistada e realizada: *espiritualizar a matéria, atingir a divina autoconsciência na matéria e experimentar a ressurreição da consciência humana em Deus!*

É um mistério como a raça branca veio a encarar a cópula, que nos deu a existência e a nossos filhos, como obscena e não mencionável. Se é algo vergonhoso, por que o povo, que mantém tais pontos de vista, continua a desempenhá-lo? E por que, então, Deus criou o mundo

ficado que teve no Egito, que é simplesmente este da Força criativa e procriadora, que é divina. Denota também quem foi o Criador Dual — macho e fêmea, Shiva e Shakti. A idéia desonesta e grosseira ligada com o falo não é indiana, mas grega e proeminentemente judaica. Os Bethels da Bíblia, pedras priápicas (eróticas), o "Beth — el" (falo) onde Deus morava... Portanto o *Lingam* mesmo como um falo não é um "símbolo de Shiva" somente, mas de todo "Criador" ou Divindade criadora em cada nação, incluindo os israelitas e seu "Deus de Abraão e Jacó". Toda esta longa nota visa a esclarecer e, portanto, a desencorajar as manhosas ou ingênuas explorações que se vêm fazendo acerca de símbolos tão sagrados e grandiosos. (N. do E.)

assim, na opinião de tais pessoas, pervertido, e que o ato feio seja absolutamente necessário para procriação de criaturas vivas? ²¹

Que diferença imensa entre as concepções oriental e ocidental! De uma parte, o *Lingam* é olhado como a encarnação das forças vitais e, nele, o divino é adorado, a fim de gerar filhos; de outra parte, o órgão genital foi separado nas perfeitas e clássicas representações de deuses gregos e romanos e as partes danificadas cobertas com folha de parreira e figueira. (É como se alguém quisesse atrair mais atenção para eles.) Os que assim agem, traem sua própria patologia sexual. Em vez de encarar o intercuro sexual como um ato exaltado em atendimento ao anelo de unificação e amor, como um ato de doação de vida em que se imita Deus, proporcionando real contentamento e felicidade, encaram-no como um fim bestial em si, bom apenas para devassidão e gozo sensual depravado, que nada tem a ver com amor e real felicidade. Se outras pessoas pensassem diferente, não teriam razão de cobrir os órgãos genitais como algo obsceno. Por sua própria mentalidade primitiva, lançam a sombra de obscenidade na genitália. Em sua própria impureza arrastam o divino. A falta reside, todavia, não no ato e na força sexual, que são divinos e vitalizantes, mas na atitude dos que pervertem estas coisas, desde que têm um motivo real para acanhar-se. Não admira que tenha de vir o tempo em que o pêndulo oscile da afetação para o lado antagônico. Como uma resultante, hodiernamente, há muitos doentes que, de outra parte, imprimem excessiva importância à sexualidade, procurando uma causa sexual para *toda* desordem mental, e, de outro lado, dão somente importância à energia sexual, provocando intercuro sexual desinibido a cada oportunidade. Como se a união sexual fosse um cigarro para ser fumado e depois jogado fora e esquecido! Ignoram que a energia sexual é uma manifestação do próprio *ser humano* e que não há cópula *sem auto-entrega* consciente ou inconsciente. O parceiro, homem ou mulher, não é um objeto para ser usado e des-

21. Infelizmente, falsos "mestres de Yoga", em proveito de suas taras sexuais, vêm usando tais respeitáveis argumentos para seduzirem pessoas do sexo oposto, geralmente jovens (N. do E.)

cartado, mas uma criatura viva, também contendo uma alma humana. Isto é verídico, mesmo para com as prostitutas! Estes transviados tentam satisfazer seu anelo por felicidade e estabilidade mental, por meio de intercuro puramente físico. As pessoas anseiam por amor, não por gratificação puramente física.

É um equívoco perigoso buscar amor em sexualidade oca e tentar substituir o amor pela sexualidade. É bastante natural, digamos, às mulheres a quem jamais foi dada a mais pálida expressão de amor por seus apáticos, desinteressantes e desinteressados esposos "mortos", acreditarem que os indícios de ternura mostrados por um marido interessado pela mulher no breve período da excitação sexual constituem amor e, portanto, quererem copular com eles tantas vezes quantas eles quiserem. Isto não é porque elas estejam primariamente interessadas no coito, como tal, mas, sim, porque anseiam por *uma migalha de amor*. Se ele as desaponta, e surge uma oportunidade — o que quase sempre acontece! — então, elas tentam obter amor de *outro* homem e experimentar a sexualidade integral. No mais das vezes, não o fazem a não ser por frustração física. O corpo deseja gratificação sexual muito menos freqüentemente do que se imagina! Os homens almejam que as mulheres os considerem e admirem como a suprema manifestação divina, como homem. Se um homem não logra obter este reconhecimento em casa, certamente encontrará outra mulher que lhe pagará o tributo de admiração e, depois, comumente, ele aparenta só ter querido sexo. Tanto o homem como a mulher buscam o amor de seu amante, mas equivocam-se ao crer que isto é recebido deste "outro" parceiro. Encontram-se secretamente, em estado de excitação sexual, porque sempre esperam um intercuro sexual. E a sexualidade imita o amor. Compele à ternura e abraços, força os amantes à carícia recíproca, a amenizarem mutuamente seus sofrimentos através das revelações de sexualidade tal como quando o amor verdadeiro é permutado. Que se segue com experiências assim? Desapontamentos, uma amarga ressaca, acusações mútuas ou solidão glacial e, no caso da mulher, usualmente, uma sensação desesperada de exploração e aviltamento. *Am-bos não deram amor verdadeiro, mas, tão-somente, espera-*

ram recebê-lo, portanto, nenhum o recebeu! Jamais o amor é substituído por sexualidade oca, puramente física! E a humanidade anseia enlanguescer por *amor!* Estas incalculáveis pobres almas jovens, que ainda são menos do que crianças, e que, em grande parte, por causa do modo “civilizado” de vida não ser mais conducente ao amor, talvez carentes de amor dos pais, entregam-se às aventuras de excessos sexuais, porque buscam o *amor!* A multidão de “mal-amados”, jovens ou adultos, só pode curar-se por meio do amor e não por intercuro sexual humilhante ou na tentativa de libertá-los das inibições sexuais e persuadindo-os a levar vida sexual dissoluta, promíscua e indiscriminada. Quantas destas pessoas, jovens e adultas, aspiram a um conselho acerca de como recuperar sua pureza física e espiritual, após um tal irresponsável tratamento psíquico. Se alguém lhes acena com um pouco de amor e compreensão, elas ressuscitam curadas e prontas a se tornarem membros úteis da sociedade. Não nos deparemos com uma destas pessoas que sofreram “repressão” ou “trauma” resultantes de sua pureza. Por “pureza” entende-se, certamente, não apenas uma vida de abstenção amorosa, mas também uma vida sadia baseada no *amor*.

Depois do impulso para falsa concepção de liberdade, a extrema “permissividade” e falsa concepção de “liberdade” sexual, provocadas pela “repressão” e o “trauma”, tentemos fixar o pêndulo no meio e chegar a uma concepção normal de sexualidade.

Devemos seguir o exemplo dos grandes iniciados que não encaram a energia sexual como força maligna, porém, compreendem seu segredo e sabem que é o único meio, pelo qual nós, os seres humanos, podemos alcançar a meta final — Deus. Aqui, novamente, a infinita sabedoria com que toda a criação é determinada se auto-revela. Exatamente como somente nossa ignorância nos traz o conhecimento (cf. Elisabeth Haich: *Ein par Worte uber Magie*), do mesmo modo, é apenas a energia sexual que nos permite libertar-nos dela, da energia sexual. A energia sexual nos livra dos verdadeiros desejos sexuais, aos quais ela dá origem uns após outros, e nos conduz da mortalidade, da morte, para a redenção, para a ressurreição, para a *VIDA*.

Os alquimistas medievais, o Rosa-cruzes, descrevem este processo evolutivo muito inteligentemente: O sábio obtém a pedra filosofal, colocando sua árvore da vida em uma tina cheia de elixir da vida. Esta é constantemente aquecida pelo fogo do dragão, a energia sexual, para fazer a árvore florescer.

Não desdenhemos, portanto, a sexualidade, nem a encaremos como força maligna que animaliza o homem, nem dela *façamos* tal força.

Consideremos a energia sexual como a chave que nos abre a porta entre o espírito e o mundo material, do mais alto ao mais baixo, porém, também, do mais baixo ao mais alto. Encaremo-la, então, como o ímpeto divino que nos habilita a criar outras gerações, a propagar a vida no corpo, de cima para baixo, inclusive a metamorfosear o homem, a tirá-lo de sua selvageria para o espiritual, e auxiliar a vencer a morte. Devemos ser gratos à energia sexual que, usada adequadamente, nos dá muita felicidade em ambas as sendas. Na senda descendente, é breve e transitória. Na ascendente, a felicidade eterna.

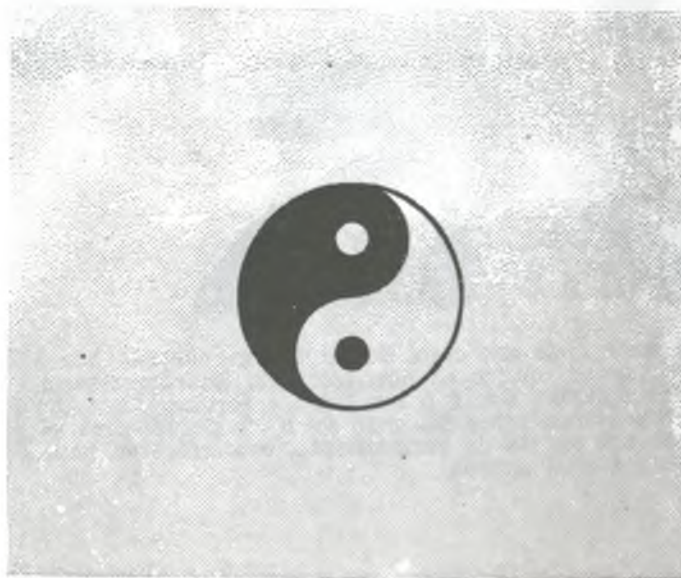
Usemos seu fogo para fazer nossa árvore da vida florescer. Lembremo-nos: o homem primitivo ainda está no mais baixo nível de sua consciência. Em seu egoísmo animal, vive em autismo, completamente isolado e emparedado. Seu coração ainda está morto, e ele ainda nem pressente o significado do amor. Só a energia sexual, este fogo elemental, é capaz de amornar pela primeira vez seu coração morto. E, mesmo se durante a breve fascinação da excitação sexual pode experimentar e expressar apenas um indicio de amor, é este, entretanto, o primeiro vislumbre do amor divino. Através da sexualidade, inicialmente, se lhe torna conhecida a felicidade decorrente do dar. Embora seu amor alborescente ainda não seja mais do que desejo animal, uma paixão, sua excitação já é, mesmo se absolutamente inconsciente e breve, uma incitação para a identidade, para o amor! E mesmo se, inicialmente, experimenta esta incitação ao amor no corpo, exclusivamente, e, daí, somente possa procurar gratificação física, é, no entanto, o primeiro reflexo da identidade espiritual com o grande Ser, que o homem inconscientemente está procurando e que, após

longa evolução, talvez por eons, encontre, porque está fadado a fazê-lo. A energia sexual causa-nos inquietação interna que nunca nos permite estar tranquilos. Continuamente, nos instiga e impele a encontrar a senda interna, após muito vagar. De súbito, entre impulsos bestiais, na "noite", nas trevas da inconsciência, nossa autoconscientização eclode, exatamente como o Santo Menino nasceu em uma manjedoura, entre animais, na "noite", na escuridão. E o homem se põe na grande senda, decide viajar do primeiro despertar da consciência no Ser para a paradisiaca consciência universal, para a meta. Enquanto evolui pouco a pouco, autoconsciente, pela longa estrada, desenvolve-se em seu ímo a habilidade de controlar a energia criadora em todas as manifestações, e a usá-la consoante sua vontade. Se, uma vez, atinge o nível supremo, o manancial do divino poder, estará apto a transmutar as formas inferiores de energia do divino poder criador em suas formas superiores, e com as formas superiores da divina energia criadora está habilitado a controlar e orientar as formas inferiores e a manifestá-las todas, através dos centros nervosos correspondentes. Vamos conhecer este poder divino; tentemos, com sua ajuda, galgar a escada de Jacó e, assim procedendo, auxiliar a energia sexual a transmutar-se em suas vibrações superiores, em poder divino.

Onde há conscientização, o poder criador está em atividade.



A última e mais alta carta do *tarot*, o grande Ser, que é assexuado porque unifica os dois pólos em Sua consciência, faz o "homunculus", que é o ser físico e pertencente a um sexo, movimentar-se sobre Sua mão como um pequeno marionete, como um agente da manifestação, conforme seu papel no mundo material terreno.



A representação chinesa dos dois pólos da criação em seu estado primevo. São chamados Yin e Yang, o pólo negativo e o positivo, dando e recebendo, a potência e a resistência. Em Deus, eles estão no estado inicial, em perfeito equilíbrio, em harmonia absoluta, um no outro. A união física, sexual, é uma imitação, um reflexo dessa unidade divina.

Capítulo V

A ESCADA DE JACÓ

Os que partem na senda do Yoga com a intenção de *renunciar* à energia sexual e subitamente querem levar uma vida abstinência, evidenciam que não apenas ignoram a origem divina desta energia, mas a própria energia em si! Como pode um homem adquirir controle sobre algo, renunciar a este algo, sem sacrifício ou contradição, se com ele não se familiarizou inteiramente e não chegou a um acordo?

Enquanto um indivíduo suspeita dos prazeres potenciais ainda não experimentados dentro da sexualidade, não pode nem deve renunciar à vida sexual. Viveria, então, na crença de ter omitido ou perdido algo; e, não obstante possa ser errôneo, este equívoco cada vez mais o atrairá para experiências sexuais. Somente quem se familiarizou integralmente com a sexualidade e provou-a totalmente em suas potencialidades, quer nesta existência quer em outra anterior, pode alcançar Deus. De outro lado, se ele ignora a sexualidade, Deus, também, está muito além de seu alcance. A energia sexual é a viga-mestra da vida, portanto, também uma manifestação de Deus, se bem que na forma de matéria e no nível mais baixo! Se nossa meta é alcançar Deus, devemos iniciar a ascensão da escada de Jacó pelo degrau mais baixo (Gen 28:12). Nenhum degrau pode ser omitido, e como poderia alguém renunciar a algo e prosseguir para subir o próximo degrau antes de se familiarizar com aquele que o antecede?

Se eu quiser extirpar minha energia sexual sem tê-la conhecido previamente, ela se voltará contra mim *com toda minha própria potência*, porque *eu sou* esta minha própria energia, mesmo se apenas inconscientemente! Por esta exata razão, *sua força é igual a minha própria!* Em hipótese alguma posso destruí-la, porque isto seria des-

truir a *mim mesmo*. Não podemos destruir a energia sexual, apenas podemos transformá-la. Podemos apenas, *ser* ela!

Devo atravessar experiências, devo tornar-me tão integralmente familiarizado com a energia sexual, com todos os seus vexames, dificuldades e armadilhas, que nenhum aspecto desta forma de energia criadora me fique oculto. Suponhamos que alguém já tenha adquirido esta experiência e nasceu com ela nesta vida. Não carecerá readquiri-la. Porém, deverá sentir esta certeza em si mesmo. Podemos observar que mesmo aqueles situados nos mais elevados níveis da evolução espiritual iniciam sua vida humana como objeto sexual, em nível mais baixo, na puberdade. Porém, levarão apenas pequeno lapso de tempo para ir da adolescência à maturidade, enquanto o homem primitivo requer talvez milhões de anos para igual desenvolvimento. Os organismos unicelulares requerem milhões de anos para ascender, através dos estágios de répteis, aves e mamíferos, até o homem, como o sabemos; enquanto o embrião humano atravessa todas estas fases evolutivas, da concepção ao nascimento, no resumido período de nove meses. Assim, o homem que atingiu um nível mais alto pode efetuar todos os estágios evolutivos de manifestação sexual durante a breve fase da juventude, desde a necessidade mais primitiva do adolescente, para descarregar sua sexualidade reprimida, até o mais alto sentido espiritual, sentido de pertencer, fundado no amor, que é próprio do adulto superior. Naturalmente, há inúmeras exceções pertinentes às incalculáveis variações de desenvolvimento e de diferenças de níveis atingidos.

Se, portanto, alguém passou por suas experiências de energia sexual, na vida passada ou na presente, libertar-se-á de sua dependência, exercerá controle sobre ela e a usará como *poder criador*. Se, de outro lado, um homem que ignora a energia sexual e é inapto para transmutá-la preserva-a mediante uma vida abstinência, esta energia primária será recalcada para o inconsciente e suprimida, tanto que se manifesta de forma pervertida. Com incrível astúcia, freqüentemente causa às pessoas as mais sérias desordens, doenças e perturbações físicas e mentais. Não é comum descobrir-se que tais sofrimentos sejam causados pela energia sexual reprimida e restringida. É

particularmente perigoso quando um casal ou, às vezes, um dos cônjuges apenas decide subitamente tornar-se abstinência. Em verdade, é duvidoso que isto seja mesmo desejável. É conveniente perguntar-se primeiro a si mesmo, *com muita honestidade*, por que subitamente tal solicitação para a abstinência. Amiúde percebe-se que a verdadeira razão não é tanto um forte anseio de Deus, como mais propriamente o desejo insatisfeito de amor e compreensão, uma incapacidade geral para viver e, originando-se disto, também desejos sexuais frustrados ou desapontamentos desagradáveis. Muitas pessoas não são suficientemente honestas consigo mesmas, não têm o menor desejo de acolher a verdadeira razão, reprimem-na no inconsciente e dizem que, para chegar a Deus, querem renunciar a *tudo*. Como tais pessoas concebem "Deus", a ponto de renunciarem a *tudo* por ele? Significa então que a sexualidade é *tudo* para elas? Assim o parece, porque, comumente, isto é *tudo* que importa. Se elas realmente querem renunciar a *tudo*, que abandonem tudo, que sejam coerentes e vão para uma caverna. Porém, outra vez, eles não o desejam; só na imaginação. Ou, talvez, para uma caverna com aquecimento central e banheiro?

Portanto, estejamos alertas! Enquanto alguém vir continência como "renúncia total", como "sacrifício total", tem a verdadeira razão por que *não* deve renunciar a "tudo", por que *não* deve desejar desistir de tudo, mas deve primeiramente saber o que é "tudo". Com seu cônjuge, deveria tentar experimentar uma devoção sublime baseada em amor e levar uma vida sexual sadia, satisfeita e higiênica. Em assim procedendo, não deve de modo algum sugerir-se de que uma vida sexual sadia é algo degradante ou corrupto. Se o faz, sua atitude obviamente é patológica. Nem, de outra parte, uma vida continente deve ser motivada por vingança inconsciente sobre seu cônjuge ou sobre si mesmo! Vingança devida a desapontamento, frustração ou falha.

Se alguém tem uma atitude sadia para com a vida sexual em si mesma, esta nunca é degradante ou corrupta. A Bíblia não nos diz para traçarmos limites, nem que nos sintamos pecadores, quando os transgredimos. Não é a sexualidade que degrada e corrompe o homem, mas este é quem se faz um animal e, em vez de levar uma vida

sexual hígida, baseada no amor verdadeiro e na união, deliberadamente distorce-a para um fim brutal, depravado e em si mesmo perverso. Ele corrompe e degrada tanto a si mesmo como a sexualidade.

Quem quer que parta pela senda do Yoga e que queira progredir pelo caminho interno, não distorcerá a sexualidade para um fim brutal em si. No casamento, na união física, não buscará a gratificação de desejos bestiais, mas, de preferência, *a manifestação da união espiritual mais elevada*. Dar-se fisicamente não o degrada nem corrompe, porque seu ato é motivado por um desejo espiritual profundo, por unificação, por amor. Por que então dele esperar que inicie o Yoga com a continência imediata? Se ele ainda não tem habilidade para transformar a energia sexual, um sistema de vida de abstinência forçada pode-lhe redundar em nervosismo extremo, desarmonia, beligerância; em verdade, mesmo em casamento rompido, *porque a energia sexual ainda não está apta para encontrar o caminho para os centros nervosos mais elevados*. Pessoas casadas devem ter em mente que não foi o acaso que as conduziu ao casamento. Foram conduzidas a esta união pelo *karma*²² e, portanto, *é este verdadeiro matrimônio* que acelera seu progresso. Seu *karma* indicará quando estarão suficientemente maduros e que chegou a hora para levarem uma vida abstinência e para prosseguirem, de mãos dadas, em amor supremo e mútua compreensão. Assim, o casamento não será um fardo insuportável, porém, significará assistência mútua e felicidade. Todavia, o matrimônio se tornaria um fardo pesado, uma escravidão e um obstáculo para o progresso, quando o tempo kármico tiver expirado e o débito kármico estiver pago, então ele cairá do homem, como um traje usado. Fugir de uma situação opressiva nunca é uma solução. Os problemas têm de ser resolvidos *ou, senão, eles se mantêm a nosso lado!* Uma vez que tenhamos obtido uma liberação interna de tais uniões dolorosas, há também uma trans-

22. *Karma* significa ação. Através de nosso *agir* no mundo, criamos conseqüências positivas ou negativas para nosso destino. A isto se chama criar *karma*. Nossa *ação*, se meritória, credencia-nos para um destino feliz. Se ao contrário, nos cria deméritos, condena-nos a sofrimentos. No contexto, a autora fala de *karma* como destino. (N. do E.)

formação no mundo externo e inesperadamente a porta da liberdade se abre. Um casamento por si só não é um óbice na senda do Yoga. Muitos dos grandes santos, no ocidente bem como na Índia, que foram casados, atingiram a meta mais elevada. Um dos maiores mestres indianos, Ramakrishna, viveu com sua esposa, Sarada Devi, até morrer, e ambos foram grandes Yoguis. Igualmente, no ocidente, podem-se arrolar inúmeros homens e mulheres que, embora casados, alcançaram os mais elevados graus de santidade, a oniconsciência divina, como, por exemplo, S. Mônica, a mãe de S. Agostinho, e muitos outros santos, bem como iniciados Rosa-cruzes.

O homem abandona o desejo físico quando alcança a maturidade. Logrou conhecer a fascinação da sexualidade e, agora, vê através dela. Esta força em sua forma inferior, como energia sexual, continua a interessar-lhe, apenas como um elo, como um catalisador entre o espírito e o corpo, como um impulso auxiliar para o progresso. Ele cessa de afirmar que teria de renunciar a "tudo", a fim de alcançar a Deus. Não se faz mister que o homem *renuncie* ou *antecipe* coisa alguma! Tão logo esteja apto a transmutar a energia sexual em sua forma mais elevada, ele a preserva, e o faz em uma forma mais elevada e muito mais valiosa. *Ele nada perde, mas ganha tudo.* Porque a felicidade que o homem experimenta, ou, mais propriamente, espera experimentar, em sexualidade, *fica com ele uma vez e sempre em um nível muito mais elevado.* Desde que não esbanje sua energia, mas preserve-a, ela continua a coabitar com ele. Não a perdemos, não mais a desejamos desfrutar como um muito transitório prazer sexual efêmero, fugazmente vivido, porém, agora, exclusivamente na forma mais elevada de uma beatitude mental e espiritual, que é nossa para sempre e não pode ser perdida porque: *EU SOU ELE. Tat twam asi!* Tu és ISTO! nas palavras da filosofia Vedanta.

Cessamos de experienciar o poder criador no corpo como energia sexual, como desejo e impulso sexual, que tão logo seja atendido se desvanece. Agora, nós o experienciamos diretamente como o próprio poder criador, como alegria criadora em um nível de consciência sempre mais elevado, como um *estado de ser* crescente, resistente, sempre e eterno. Não posso mais desejar *possuir* felicidade;

já não sou apenas *feliz*. *Eu sou a própria felicidade!* Como pode a felicidade cessar de sentir-se feliz, se ela é a *própria* felicidade? É, fundamentalmente, uma questão de consciência: se eu ainda não desenvolvi consciência no *Logos*, na própria vida, eu experimento o ser como energia sexual, como pressão sexual que age em meu *corpo* e é o doador da vida para uma terceira pessoa. Se estou em um nível mais elevado de consciência, experencio o *Logos*, a vida, dentro de mim, como *amor*, manifestado em minha alma como a mais elevada emoção. Se desenvolvi consciência no *Logos*, na própria vida, eu o sinto no *espírito*, em *Self*, como um estado de autoconsciência, como eu mesmo: EU SOU ELE!

Se todavia tornei-me o próprio *Logos*, a vida, recebi simultaneamente uma sensação de profundo contentamento inefável, que jamais fenece, que jamais pode fenece! Achamos o que com infinita ânsia procurávamos desde o primeiro despertar, a primeira aurora da consciência. Experimentamos o perfeito preenchimento, libertação e ressurreição! *Eu sou* a imperturbável autolibertação e o luminoso autodespertar: não conheço medo, pavor ou incerteza!

Consoante o nível de consciência alcançado, a forma extrínseca, o nome, a experiência, o estágio interno mudam. A essência deste poder, no entanto, permanece o que na realidade sempre foi, o poder criador divino, o *Logos*, que é nossa própria vida, nosso *Self* individual; é aquilo em meu âmago que, quando eu me tornar consciente, experienciarei comigo mesmo, como EU SOU. Como pode a morte ter poder sobre mim, se *Eu sou a própria vida*? Como pode a vida morrer?

Quando estivermos aptos a mobilizar de suas condições de letargia e latência os centros nervosos e cerebrais que, como resistência, suportam as mais altas vibrações, porque quanto mais elevados os estágios de consciência, tanto mais elevadas as frequências e vibrações ativas no corpo — então, também seremos capazes para dirigir o poder criador mais acima ou mais abaixo na escada de Jacó, à nossa vontade, e a usá-lo à nossa disposição. Quanto mais elevada a manifestação, tanto mais altas as frequências e a tensão e tanto maior a beatitude. A alta tensão exalta nossa consciência a estados progres-

sivos, cada vez mais próximos de Deus. Podemos experimentar Deus, como *Eu sou o que eu sou*; como Moisés, o grande iniciado que falou face a face com Deus, disse: "O nome de Deus é EU SOU O QUE SOU..." Infelizmente o povo fracassa em entender o que ele queria dizer com isto.

Tenhamos em mente que nossos modelos no ocidente, os grandes santos, e no oriente, os grandes mestres, os *rishis*, jamais seriam tão tolos para se desfazerem, se sacrificarem e renunciarem aos prazeres sexuais, se estes fossem prazeres *reais e eternos*. Eles atingiram a meta, a consciência divina, e com ela uma felicidade milhares de vezes mais alta, e o preenchimento supremo. A questão é determinar se estamos numa felicidade muito transitória ou eternamente duradoura. Porque os prazeres sexuais estão, inexoravelmente, sujeitos ao tempo, sabemos antecipadamente que mais cedo ou mais tarde devemos, numa qualquer eventualidade, vir a perder esta felicidade e estes prazeres, quer gostemos ou não. Quanto maior a felicidade, tanto maior a perda, quando a hora tenha soado. Se, de outra parte, não gasto esta energia através do corpo, mas *torno-me consciente nela*, desde que eu mesmo sou ela, se posso atingir o estado pelo qual eu posso ser outra vez a energia sexual, então, não mais perderei esta felicidade, pois, eu sou ela! E o *Ser* é eterno e não fenece com a decadência do corpo. *Ele, simplesmente, se projetou e manifestou no corpo como energia sexual e novamente se recolheu*. Porém, se em minha consciência eu me identifico, não com a projeção, a manifestação, mas com "aquilo" que projeta, com o manifestador, que é meu próprio e verdadeiro Ser, então, conscientemente, carrego a Vida em meu imo. Eu sou Ele! E o Ser é eterno. Assim, as alegrias do Ser também são eternas!

Uma pessoa que não possa experimentar a Vida, o *Logos*, com sua mente consciente, porque estas frequências máximas seriam muito fortes para seus nervos, isto é, alguém que esteja no período transitório de evolução gradual, deveria, certamente, levar uma vida sexual hígida, baseada na unidade espiritual. Pela união sexual, duas pessoas podem proporcionar-se mutuamente muito amor e felicidade, mesmo que seja uma felicidade transitória. De modo algum isto os degrada e, em verdade, aju-

da-os a construir um relacionamento íntimo e a partilhar de uma experiência verdadeira e sublime. E a Natureza explora seu anelo por amor e preenchimento, enfeitiça-os com sua fascinação e promete-lhes as mais altas felicidades pela sexualidade, a fim de criar outras gerações. Se duas peccas procuraram a união sexual fora do amor verdadeiro e da mais profunda afinidade espiritual, e a experienciaram na íntegra, o companheirismo e o amor ainda permanecem como consolação, após a realização sexual. Por quanto tempo? Isto é outra questão. Porque algum dia, quando se submeteram aos desejos sexuais, largando-lhes as rédeas totalmente, constataram que, no verdadeiro momento de gratificação física, quando pensavam que "agora" a prometida felicidade está chegando, ela de súbito se lhes escapou e foi embora. E, o que é mais, gastaram sua própria energia para esta autodecepção. No mais das vezes, as pessoas buscam o intercuro sexual não pelo desejo da união íntima, mas pelo prazer e alegria física. Depois, restou-lhes apenas um vácuo imenso e a sensação de enfado, como se observa em muitos casais jovens e velhos. Porém, a Natureza requer progênie para a propagação da vida, e o homem, em sua solidão e abandono, procura compreensão e amor na sexualidade. Muitas outras vezes, ele cai na armadilha da Natureza, enquanto não compreende que isso não é o que realmente procura e que a sexualidade não lhe pode outorgar o que ele cobiça. Somente então, talvez, de mãos dadas com seu cônjuge, ele se tornará sempre mais atento ao caminho espiritual.

Os iluminados se tornaram conscientes disto. Viram através dos simulacros de prazeres da sexualidade e sabem que o homem pode produzir constantemente a suprema alegria, êxtase e beatitude como um estado permanente de autoconsciência, que ele mesmo pode *ser* isto, contanto que não esbanje a energia sexual, mas a use para estimular, despertar e ativar os centros nervosos e cerebrais ainda letárgicos, em condição de latência. Isto habilita o homem em seu verdadeiro ser a tornar-se consciente de Deus, para atingir a onisciência divina. Como as gotas de água que estão no mar, que são o mar, assim o homem pode repousar em Deus, ser consciente em Deus, e ser o próprio Deus. Cristo disse: "Não está escrito em sua lei: Eu disse: sois deuses?" (João 10:34 e Salmo 82:6)

Capítulo VI

A TRAIÇÃO DE JUDAS

Como dissemos no capítulo anterior, a vida abstinência só tem sentido se não nos prejudica e pode dar-nos proveito. Somente quem tem a válvula dos centros nervosos superiores aberta, permitindo, assim, a ascensão da energia sexual a eles, está apto para uma vida abstinência feliz e sem as conseqüências patológicas da repressão, e pode usufruir as recompensas excepcionais e os valores inestimáveis desta maneira de vida. A repressão é exatamente o que ele evita; e usa preferentemente seu poder de uma forma espiritual mais elevada que rende uma felicidade incomparavelmente maior do que a que teria se gastasse tal poder fisicamente como energia sexual.

Uma pessoa de tão elevada posição espiritual pode manifestar também o amor físico de uma natureza muito ardente. Ele (e somente ele) está apto a dar rédeas às freqüências mais elevadas, não somente através dos centros espirituais já ativados na qualidade de altas freqüências espirituais, como também apaixonadamente, por meio do corpo, através dos centros inferiores em um estado de alta tensão como energia sexual. Não se pode comparar a tensão sexual de um galo com a alta tensão de um garanhão de raça.

Porém, somente as pessoas altamente evoluídas correm o risco de cair em vida dissoluta. O perigo inerente ao conhecimento e capacidade adquiridos é que as habilidades conscientes podem ser usadas de duas maneiras — certa e errada. Quem possui conhecimento total ou parcial é passível de errar. Em vez de transmutar a energia sexual em sua forma superior, em poder criador espiritual, pode usá-la como magia negra, isto é, transformando os poderes espirituais em energia sexual, dirigindo-os para baixo e identificando-os com o corpo. Por isso, é impor-

tante que os *centros superiores sejam estimulados e ativados por etapas*, porque, somente assim, há um desenvolvimento da força moral da pessoa que é paralelo a, ou, digamos, em equilíbrio com sua força criativa espiritual, protegendo-a desse modo de todas as aberrações.

Determinados caminhos do Yoga envolvem este risco. Dentre eles, por exemplo, as chamadas *Kundalini* e *Tantra* Yoga. Nestas formas os centros nervosos e cerebrais superiores são despertados por métodos drásticos, ignorando-se a possibilidade do gradativo desenvolvimento orgânico, espiritual, mental e físico, que é relativamente mais lento, porém, absolutamente seguro para o Yogui. Eis por que o guru genuíno — o professor espiritual iniciado — sempre tem cautela com os discípulos. Somente os charlatões se imiscuem inescrupulosamente com estas formas mago-criadoras elevadas, irresistíveis e onipenetrantes.

Pode alguém ser chamado “mago branco”, “homem-Deus”, se, por um desenvolvimento regular ao longo da senda do Yoga, se tornou consciente no mais elevado nível divino e, tendo alcançado o degrau mais alto da escada de Jacó, é mestre de toda a escala do poder criador revelado, porém, apenas de modo legal e moralmente divino, portanto, completamente impessoal e abnegadamente, como instrumento de Deus. Ele também transmite seus altos poderes ao corpo, vez que habita um corpo, mas sua consciência não abandona a fonte, Deus. Sua consciência é uma com Deus e jamais se identifica com o corpo. Conscientemente, permanece o que realmente é, em seu verdadeiro ser, vida, *Logos*, o próprio Deus.

O mago negro, de outra parte, estando em um nível de consciência artificialmente elevado pelo uso da magia, porém ainda completamente egocêntrico e moralmente subdesenvolvido, atua exatamente de modo antagônico ao mago branco: usa os poderes divinos para auto-satisfação e para sua concupiscência. Identifica sua consciência com o corpo e não com Deus, e dirige os poderes divinos para baixo, dos centros espirituais para os órgãos físicos do sexo. Logo que a força espiritual criadora, que devia igualmente ser posta em uso criador espiritual pelos centros nervosos e cerebrais ativados, é rebaixada e mal aplicada para uso pessoal, para fins físicos egoístas, esta pessoa age como um mago negro.

A diferença fundamental entre um “mago branco” e um “negro” é que este tem comando sobre os poderes divinos, enquanto aquele se põe a seu comando; eles o utilizam como instrumento. O mago branco se tornou completamente impessoal; assim, não pode agir como pessoa. Sua pessoa não existe mais! Melhor, desde que sua consciência está unida a Deus, a vontade divina age nele e através dele.

O mago negro, com seu modo de vida pessoal, egoísta, se devota às paixões e prazeres físicos. Assim procedendo, desperdiça, trai e mata o poder divino, o *Logos*, seu Ser divino. Ele poderia, também, operar milagres com seus altos poderes, porém, atraíndo-os e a seu Ser — Deus — finalmente, se destrói e se mata. Os magos negros sempre sofrem uma morte horrível! A Bíblia descreve esta traição na história de Judas.

Para a perfeita compreensão da história de Judas, devemos saber, primeiramente, que a Bíblia está repleta de alusões a implicações cósmicas; portanto, a verdades astrológicas. Já no Velho Testamento, encontramos referências à astrologia, como por exemplo na visão de Ezequiel em uma das mais importantes passagens da Bíblia. Ezequiel observa o universo como uma incomensurável roupa de linho quadrada, espalhada, e vê quatro “animais” em seus quatros cantos: o leão, o touro, o querubim e a água. (Sic) Estes são os quatro cantos do universo, os quatro signos mais importantes do zodíaco: Leo, Taurus, Aquarius e Águia (cf. Elisabeth Haich — *Initiation*, Allen and Unwin). Em sua forma inferior, o último é chamado Scorpio. As mesmas quatro formas do zodíaco, achamos na representação simbólica dos quatro evangelistas: S. Marcos — Leo, S. Lucas — Taurus, S. Mateus — Aquarius, e S. João — Águia, em sua forma inferior Judas — Scorpio. Na primeira epístola aos Coríntios (15:41), Paulo fala também dos efeitos produzidos pela irradiação dos corpos celestes: “Há uma glória do sol, outra glória da lua e outra glória das estrelas: porque uma estrela difere de outra em glória.”

Os raios, as frequências do signo zodiacal Scorpio, correspondem à frequência do poder criador, o qual é representado em sua oitava acima, em sua forma espiritual, como uma águia altaneira, por João, o Apóstolo, *que apóia*

a cabeça no peito do Cristo. E em sua forma inferior como energia sexual, como o escorpião autodestruidor, é simbolizado por Judas. Cristo — o *logos* — profetiza de Judas: “Aquele que come pão comigo, ergueu seu calcanhar contra mim.” E: “Um dentre vós me trairá. Ele é aquele a quem eu *der* um naco de pão depois de *mergulhá-lo*.” A energia sexual, o suporte da vida, Judas, que “tem uma bolsa”, é nutrido pelo princípio criador, Cristo, “e quando ele mergulhou o naco de pão, deu-o a Judas Escariotes”, e Judas o trai com um beijo: “Jesus lhe disse: Judas, traís o Filho do Homem com um beijo?” O “beijo” é um ato erótico, isto é, sexualidade. O homem que pratica a magia negra, que já possui o poder criador — “da bolsa” — e, entretanto, identifica-se com o corpo, isto é, dirige a força espiritual para baixo, esbanja a força espiritual convertida em energia sexual no prazer físico, como uma finalidade em si, desperdiça seu Cristo — a força mago-criadora do *Logos* — atraiçoa-o, entrega-o ao nível da matéria. Judas vendeu Cristo por trinta moedas de prata — são os trinta degraus do signo zodiacal Scorpio, que tem a mesma vibração que os órgãos sexuais e, por esta razão, simboliza os órgãos sexuais e a energia sexual. No momento em que o Divino, traído e perdido por Judas, morre na cruz (a cruz simboliza o mundo material), Judas deve morrer também, porém, por suicídio. Como está escrito na Bíblia: no momento da morte de Cristo na cruz, Judas se enforca e morre também. Ao matar a criatividade, matou-se também, porque tanto a energia criadora divina como a energia sexual são o próprio *Logos* e, daí, idênticas entre si. Se um homem atraiçoa a força criadora por viver dissolutamente, por excesso sexual e abuso como meio de prazer, também lhe morre a sexualidade. Perde a potência, perde a força sugestiva central, torna-se um caráter fraco e incapaz de resistência; é despedaçado, destruído por variegadas influências do mundo externo e se torna uma presa para seu maior inimigo — o medo.

Judas se matou e ao princípio criador — o Cristo — e continua matando-o hoje, em cada pessoa que abusa das mais elevadas qualidades e usa a razão para dirigir os pensamentos continuamente para os órgãos sexuais; em toda pessoa que estimula os sentidos e glândulas sexuais com alimentos e bebidas excitantes e com ajuda mental,

literatura, filmes e peças teatrais pornográficas e que desperdiça sua energia sexual em excessos e abusos.²³ E, certamente, o alcoolismo e outras toxicomanias vão de mãos dadas com tais hábitos. A experiência demonstra que as pessoas que vivem assim, e também os que dissipam o poder criador com masturbações excessivas, mais cedo ou mais tarde — infelizmente mais cedo do que mais tarde — decaem em irresolução, aniquilamento espiritual, trevas e medo. (A masturbação ocasional do adolescente não tem, necessariamente, esta consequência perniciosa. Referimo-nos aqui, apenas, à masturbação *perversamente excessiva*.)

A pessoa simples, com um nível médio de conscientização não é e não pode ser um Judas. A possibilidade de uma transmutação de energia nem mesmo lhe ocorre. Não pode dirigir sua energia para cima nem para baixo, nem pode transmutá-la. Se uma pessoa que tal aquiesce a seus desejos sexuais e leva uma vida sexual normal e sadia, não peca contra o princípio criador que habita em sua consciência, pela simples razão de que a *vida sexual sadia não é pecado!* Ela não degrada força divina alguma no corpo; não identifica o Ser supremo, do qual ainda não tem consciência, com o corpo e, conseqüentemente, não pode aproximar-se do Ser superior e muito menos abusar dele. *Portanto, simplesmente gasta a força física sexual de modo normal, e não a força criadora — espiritual.*

Os centros nervosos e cerebrais do homem são de tal modo constituídos que manifestam gradualmente a energia do *Logos* em um desenvolvimento seguro em cada estágio do crescimento da consciência. A vida mundana, no entanto, nem sempre permite a estes centros despertarem e se tornarem ativos em progressão regular, do inferior ao superior, porém, em certos casos (infelizmente, hoje em dia, em muitos casos, como resultante da civilização), alguns dos centros mais elevados despertam de seu estado latente antes da necessária ativação dos centros inferiores. Tal irregularidade produz todas as espécies de

23. Eu acrescentaria que também em todo aquele que, abastardando sua mente com criações obscenas, ao mesmo tempo que se corrompe, contribui para poluição da psicosfera (na linguagem de Chardin, noosfera), prejudicando milhões de outras mentes. (N. do E.)

anomalias físicas e mentais, que podem levar e, infelizmente, levam a sérias desintegrações do ego! Os efeitos de duas guerras mundiais, as várias descobertas tecnológicas para cuja utilização o homem não está ainda suficientemente amadurecido e a grande lacuna entre o homem e a Naturêza repercutem (hoje, como sempre, quando grandes civilizações entram em decadência) nos centros nervosos latentes, ativando-os desordenadamente em um alarmante número de pessoas, num processo que ameaça piorar e afetar não somente a raça branca, bem como os povos asiáticos e africanos. É simples de ver-se isto. Doentes mentais sofrendo de complexo de inferioridade e megalomania, que nunca se desenvolveram além da adolescência, que ainda se acham em baixo grau de consciência, mas que, no entanto, já *possuem força hipnótica de alta ordem*, ocupam posições em que levantam massas com sua energia ativada, eletrizante, de alta frequência, e fazem mal incalculável à vida política e econômica da sua e de outras nações, até que *outro* indivíduo, igualmente primitivo e de desenvolvimento deformado, possuindo também, energias mágicas persuasivas, desaloja-os de suas posições e, se possível, inflige danos ainda maiores à comunidade. Não é de admirar que prevaleçam em toda a parte do mundo condições de absoluto caos, que o povo corra tanto sem razão aparente e, virtualmente, evite a vida natural e feliz para a qual Deus nos deu ampla oportunidade na terra. Temor, inquietação, impotência e miséria prevalecem em toda a parte no mundo, atualmente. Por meio dos Judas traidores que colocam as forças criadoras espirituais supremas a serviço de seus baixos impulsos, o homem se perdeu quase totalmente.²⁴

Eis os perigos da Árvore do Conhecimento do bem e do mal! A pessoa que adquiriu conhecimento sem o paralelo desenvolvimento da força moral, que ainda não ampliou a esfera de seu Ser para abraçar a comunidade

24. As causas deste quadro desalentador estão na psicosfera já tão densa e terrivelmente poluída com imagens e idéias degradantes disseminadas nos inumeráveis espetáculos públicos (TV, teatro, cinema, livros, revistas, anúncios...) à base de crueldades sadomasoquistas e pornografia. Cada roteirista, autor, ator, diretor... funciona como mago negro a inundar a psicosfera de sêmen e sangue. Muito má para todos. Trágico para eles. (N. do E.)

e, deste modo, ainda não converteu seu egoísmo em amor, corre o risco inerente de usar inversamente a energia superior, dirigida para baixo, anormalmente — como um mago negro — e para grande prejuízo da humanidade. Somente pessoas meramente “conhecedoras”, que não têm mantido harmonia no desenvolvimento dos centros nervosos e cerebrais, poriam as elevadas manifestações do Ser, tais como literatura, teatro, cinema, arte, música, a serviço da energia mais baixa, a serviço da demagogia inescrupulosa, da sensualidade, erotismo, concupiscência, sexualidade obscena e pornografia. Os animais não podem pecar sexualmente. Quando são excitados pela força hídica da Natureza, usam-na naturalmente; procriam a descendência e também usufruem dos prazeres da sexualidade sadia. Para eles, é tudo que há quanto a isto. O homem, no entanto, de um lado ainda subdesenvolvido, do outro já semiconsciente, usa a razão para prescrutar todas as espécies de métodos de excitação dos órgãos sensoriais, *mesmo contrários a sua vontade*, do titilá-los simplesmente para gozar, até a luxúria perversa. Os órgãos sadios se enfraquecem e degeneram, porque têm de continuar proporcionando prazer além de sua força normal. Naturalmente, os habitantes do submundo exploram as fraquezas humanas pelas mais sórdidas espécies de negócios, tais como antros de drogas e outros estabelecimentos sórdidos do submundo. Aqueles que, por motivos de infelicidade ou dependência ao prazer (que também é radicado em infelicidade), dirigem a energia vital para os órgãos sexuais, os quais solicitam gratificação sempre renovada como resultado da titilação constante, têm cada vez menos energia para as funções dos órgãos superiores que servem à espiritualidade. O resultado é a debilitação da força de vontade, constante sensação de apreensão, astenia física e mental, resistência diminuída, inatividade e incapacidade para a vida. Assim, o homem tem confiscada sua aptidão espiritual superior, declina na sensibilidade e se extingue.

Capítulo VII

OS PODERES MAGICOS DA SUGESTÃO, HIPNOSE E MEDIUNIDADE

Freqüentemente, usam-se e usar-se-ão, neste livro, expressões tais como habilidades e forças “mágicas”, “mágico-sugestivas” ou “mágico-hipnóticas”. Estas expressões semelhantes requerem uma definição adequada, porque foram e continuarão a ser usadas por inúmeras pessoas com tal variedade de significados que seus limites se tornaram indistintos e vagos. Torna-se necessário, portanto, dizer-se algo acerca de seu significado para evitar mal-entendidos.

O que se entende por força hipnótica ou sugestiva, estamos todos aptos a experimentar e observar. Sabemos que há pessoas que podem impor sua vontade a outras — mesmo a animais. Sabemos que a transmissão pode ser efetuada por métodos variando da simples influência por persuasão, por sugestão, à hipnose deliberada, pela qual a “outra” pessoa se submete à vontade estranha. Torna-se um instrumento inconsciente nas mãos do hipnotizador, e, completamente à sua mercê, executa-lhe a vontade tal qual marionete, destituída de ego e espírito.

Quem pode transmitir sua vontade a outrem e um mago sugestivo ou mago hipnótico. De outra parte, quem executa a vontade deste “mago”, do hipnotizador, é um médium.

Se observarmos tais transmissões da vontade, meramente à parte, percebemos apenas os efeitos externos. E mesmo que os observemos de perto, só podemos averiguar que os fenômenos existem realmente. O que os torna possíveis, e o que é sugestionador, e o que o hipnotizador e o médium são em realidade só pode ser aprendido e conhecido por alguém que tenha experimentado e observado estas transmissões por si mesmo, *em plena consciência*, ou como um transmissor mago-hipnótico, isto é, como hipnotizador, ou como recipiente — como médium. Enfatiz-



Ao alto e à esquerda desta figura, o sábio cria a "pedra filosofal" mediante plantar sua "árvore da vida" em uma tina cheia do "elixir da vida". Esta é permanentemente aquecida pelo "fogo do dragão" — a energia sexual — de forma a florescer a "árvore da vida" do sábio. (Representação Rosa-cruz)



São Jorge atingiu a plenitude da consciência e venceu o "dragão" — a energia sexual. Entretanto não o mata, porque precisa de seu fogo, de sua energia, que lhe permitirá alcançar DEUS. (Brother Kolozsvári, Hradcany Castel, Praga)

zamos a experiência *consciente*, porque muitas pessoas que possuem e trabalham com esta força podem ter-se tornado hipnotizadores ou médiuns mundialmente famosos, e, entretanto, não tiveram nem têm a mínima idéia da natureza de sua própria força. Podem descrever o fenómeno e as leis desta força que domina outrem meramente do exterior, porque a possuem e usam, não consciente, porém, inconscientemente. Vêem e observam os efeitos, mas desconhecem a força em si e suas funções.

Não é fácil, em si, obter conhecimento consciente e observar esta força. Faz-se mister uma habilidade inata para fazê-lo. Menos fácil ainda é, uma vez alcançada uma experiência destes fenómenos plenamente conscientes, explicá-los em palavras aos que não compartilham de tal experiência direta. É tão difícil quanto explicar a um cego, que, embora o intelecto compreenda certas vibrações como “vibrações”, não pode *percebê-las* como tal, mas que podem ser “vistas” simples e diretamente pelos olhos. Seria mais difícil ainda explicar que não são as “vibrações” que se vêem — as “vibrações” são invisíveis — mas, que vemos a “luz” sem termos consciência de que esta é realmente constituída de vibrações mensuráveis.

Isto é válido para todas as experiências mentais. Somente por nossas experiências e estados de ser diretos e individuais, podemos percebê-lo e torná-lo consciente dentro de nós. O intelecto só pode entender o fenómeno; jamais perceber, ver, ouvir, degustar, sentir e, assim, experienciá-lo diretamente. Entretanto, somente com sua assistência é possível prosseguir com as experiências mentais internas, posto que o intelecto só pode criar e compreender palavras e dar discernimento ao que não é experiência direta. Apenas o intelecto está capacitado a ligar o hiato entre a ignorância e o conhecimento. A base de experiência direta, então, uma explicação racional do significado de sugestão, hipnotismo e mediunidade será tentada.

Sabemos que o homem recebe vários raios do universo e de seu ambiente. Igualmente, ele próprio emite várias energias, sendo um centro autônomo, um *EGO*. Ele tem sete centros energéticos principais — os *chakras* — através dos quais recebe a energia cósmica, transforma-a e a transmite sob sete formas de energia a seu corpo, a seu

ambiente e ao mundo externo. Estes centros energéticos geralmente ainda não estão ativados, mas repousam em estado mais ou menos latente e suas funções variam, com o nível particular de desenvolvimento do indivíduo. Isto esclarece a razão por que a qualidade e quantidade de radiação total de diferentes pessoas variam amplamente. Depende do nível de desenvolvimento individual do homem.

Sabemos da teoria científica ondular, que as ondas das várias radiações podem se reforçar, enfraquecer, ou mesmo neutralizar-se reciprocamente, consoante o relacionamento entre o tipo e o comprimento das ondas. Se se superpõem diferentes ondas, de modo que suas frequências coincidam, obtém-se um reforço mútuo; se se opõem, entretanto, a resultante é o enfraquecimento ou neutralização, porque ocorre uma solução de continuidade. Estes pontos de neutralização são cientificamente denominados de "interferências".

As radiações individuais do ser humano atuam, naturalmente, segundo os mesmos princípios, porque tudo é análogo. Hermes Trimegisto²⁵ disse: "Assim como é em cima, é embaixo." Elas, as radiações individuais, atuam no ambiente e no mundo externo, não importa se plantas, animais ou pessoas estejam presentes. A verdade é que, na presença de pessoas afetuosas, tudo é vivificado; as plantas são mais frescas e vicejam mais profusamente, as crianças e animais criados por tais pessoas crescem hípidos e fortes, e todos os adultos à sua volta se tornam mais saudáveis, mais joviais, mais fortes e, em verdade, mais felizes. De outro lado, há outros em cuja presença todas as plantas definham e morrem e as crianças e animais se enfraquecem e adoecem. Evitadas por seus semelhantes, ficam cada vez mais abandonadas e isoladas.²⁶

Doutores, enfermeiras, massagistas, jardineiros natos, bem como pessoas de outros ramos de atividade na vida, ilustram claramente este efeito benéfico. Pode ser um pai ou mãe de família, uma babá que envelheceu com a

25. "Hermes, o três vezes grande" (Trimegisto) é tido como sendo o deus egípcio da magia — Toth. Autor de *Corpus Hermeticum*, *Tábua de Esmeralda*, *Kaibalion*,... (N. do E.)

26. No Brasil, diz-se que tais pessoas têm "olho de seca-pimenteira". (N. do E.)

família, às vezes um "tio", um amigo, ou um colega de profissão, que é o favorito de todos, porque (ele ou ela) tem uma irradiação impressionantemente estimulante e benéfica. Tais pessoas atraem todos os seres vivos e, em toda a parte, são tidas como vida e alma do ambiente.

Qual o segredo de tais pessoas?

Ei-lo:quânto mais altas as frequências e mais curtas as ondas que alguém emite, tanto mais próximas a certas frequências, vibrações e raios que não podem ser detectados cientificamente, embora os experimentemos diretamente e, simplesmente, os chamemos "amor". As "frequências" do *amor* representam as ondas mais curtas, exatamente as frequências mais altas; são tão penetrantes que traspassam, permeiam e mesmo transformam todas as outras formas de energia. Ninguém e nada pode resistir a tais frequências e nada pode ficar fora de seu alcance. São as mais altas, as frequências divinas, porque amar é Deus!

Certas pessoas também emitem baixas frequências, porque cada estado, sentimento, pensamento, palavra e desejo emitido tem uma irradiação e efeito mais alto ou mais baixo. Correspondentemente, o efeito de tais manifestações é atrair ou repelir, fortalecer, enfraquecer ou destruir, dar ou tomar.

Há pessoas que podem perceber tais irradiações tão distinta e diretamente quanto todos os seres vivos vêem os raios luminosos com os olhos. Só podemos explicar isto racionalmente por analogias e semelhanças, como a telepatia, por exemplo, pode ser explicada pela analogia com o rádio ou a televisão.

Uma pessoa, como todo ser vivo, emite, portanto, energias combinadas e é envolvida por elas, exatamente como uma lâmpada é envolvida por suas próprias espécies de irradiação — luz, calor, etc. Esta irradiação composta difere entre as pessoas e, quanto mais conscientemente um indivíduo se tenha desenvolvido em seu verdadeiro Ser, tanto mais potente o efeito de sua irradiação sobre seu ambiente, plantas, animais e pessoas. Exatamente como uma lâmpada irradia luz e quanto mais forte a luz, maior a luminosidade a seu redor, assim o homem é envolto por sua própria irradiação, cujo limite é o de sua visão mental e, também, o de sua vontade. Exatamente como uma grande luz brilha através de uma pequena,

mas esta é incapaz de penetrar aquela, assim o homem de maior autoconsciência ilumina os de menor — ele os vê — sem que eles possam iluminá-lo e vê-lo. A história da humanidade mostra inúmeras ocasiões em que gênios iluminaram seus semelhantes com os olhos espirituais e os reconheceram claramente, mas estes, por sua vez, não viram nem reconheceram tais gigantes, e, em verdade, abusaram freqüentemente de tais homens e os mandaram para a fogueira ou outra forma de morte.

Assim, o grande homem vê seus semelhantes, mas estes não o vêem. Tanto quanto a irradiação do homem mais evoluído penetre no menos evoluído e sua freqüência se choque com as ondas do outro, fortalecendo ou enfraquecendo-as, assim, na mesma medida, o outro o achará amável, desagradável ou repulsivo. Isto, também, é confirmado quando pessoas do mesmo nível evolutivo se encontram e reciprocamente se influenciam. Pode acontecer que, a despeito de estarem no mesmo nível de desenvolvimento, uma seja mais evoluída em uma direção, mas involuída em outra, na qual sua companheira tenha avançado mais. Conseqüentemente, a soma total de seus desenvolvimentos pode ser igual, ainda que, dependendo de sua composição, fossem ter efeito fortalecedor, enfraquecedor ou — como resultado de interferência — repulsivo um sobre o outro. Leis matemáticas atuam no ser humano, como em toda a criação, posto que o homem também é criado consoante estas leis. Por isso, achamo-nos mutuamente amáveis ou desagradáveis, se não verdadeiramente repulsivos.

Se uma pessoa altamente evoluída influencia um ser humano inferior, pode ser que a freqüência do homem mais potente encontre a do mais fraco de tal modo que enormemente fortaleça algumas de suas freqüências, tornando-as dominantes nele. De outro modo: as qualidades já presentes nele, que podem ter estado inconscientes e fracas, senão verdadeiramente latentes, de súbito se tornam vivas, conscientes e fortes, através da irradiação análoga da pessoa mais forte. Dizemos, então, que o mais forte “o influenciou por sugestão”. Quando uma tal influência é exercida sobre um indivíduo, ele não perde o livre-arbítrio, permanece ele mesmo, desde que suas freqüências permaneçam o que têm sido e mantenham suas próprias emanções. Somente certos componentes de suas

freqüências foram enfatizados, intensificados e conscientizados graças à vibração sincronizada do mais forte. Assim, sua força de vontade não se enfraqueceu, mas, ao contrário, foi estimulada pelo outro. Portanto, não se pode argumentar que houve uma possessão. Possessão, isto é, o estado hipnótico, obtém-se somente quando o mais forte penetra o mais fraco com suas freqüências e, através das vibrações, que podem ser reduzidas a um denominador comum em ambos os casos, atinge o cerne do mais fraco, possuindo-o a tal ponto que sua força de vontade define e cede cada vez mais à força estranha, à vontade do mais forte. Isto pode ir tão longe que o que se tornou hipnotizador possui o mais fraco, o médium, tão completamente, através da freqüência comum que, também, à força, muda-lhe as freqüências que *não sejam comuns* a ambos, e remodela-as segundo sua própria imagem. Por isso, o médium finalmente é forçado a receber tantas freqüências estranhas, que sua própria consciência é superada e reduzida a uma condição latente. Há inúmeros estágios deste estado, variando da simples sugestão por persuasão verbal à total hipnose e domínio completo.

Portanto, a sugestão é um estado em que o indivíduo ainda retém seu direito à autodeterminação e aceita a vontade do sugestionador, em plena consciência.

A sugestão se torna hipnose suave, se o objetivo do sugestionador é gradualmente enfraquecer e suprimir a vontade do indivíduo, até que ele, inconscientemente, ceda seu direito de autodeterminação e adote cegamente a vontade do sugestionador, que agora assume plenamente o papel de hipnotizador enquanto ele se torna seu instrumento passivo.

Na hipnose total, as vibrações estranhas do hipnotizador, impostas à força no médium, penetraram-no completamente e tomaram posse dele, submetendo-o em estado inconsciente ao hipnotizador. Sob seu poder, o médium se lhe torna instrumento dócil, posto que sua consciência foi rebaixada aos níveis mais baixos de seu inconsciente, e, automaticamente, executa a vontade do hipnotizador. É fato bem conhecido que esta condição do médium tanto pode ser usada beneficentemente, digamos para curar, como para fins malévolos.

Neste ponto, levanta-se uma questão muito importante. Vimos que a pessoa mais forte, isto é, a *mais consciente* (porque a força de uma pessoa depende sempre da extensão a que se desenvolveu sua consciência), pode instilar sua vontade no mais fraco, por sugestão, em verdade, pode mesmo subjugar-lo completamente à sua vontade, quer dizer, pode hipnotizá-lo. Mas, como um indivíduo muito consciente e, portanto, muito forte pode exercer menor ou nenhuma influência sobre seus semelhantes, enquanto há muita gente que, embora nem muito consciente nem altamente evoluída, tem, não obstante, uma forte influência hipnótica e sugestiva sobre outros? Há uma pletera de exemplos de grandes gênios, tanto do passado como contemporâneos, que não exerceram qualquer poder sugestivo, e muito menos poder hipnótico sobre seus contemporâneos, enquanto de outro lado homens mediócrs de habilidades modestas, freqüentemente, adquiriram e exploraram o poder hipnótico sobre inúmeras pessoas, ou se tornaram famosos hipnotizadores, efetuando incalculáveis curas por meio de seu dom hipnótico. Por outro lado, outros criminosamente influíram em caracteres débeis.

A resposta a esta questão é proporcionada pela matemática.

Não pretendemos discutir aqui, minuciosamente, a teoria ou a magia dos números. Entretanto, para melhor compreensão das leis intrínsecas do ser humano, o caminho mais simples é fazer uso de números, visto que o homem — como toda a criação — é criado segundo leis matemáticas.

Sabemos que, na série natural dos números, infinitamente muitos são divisíveis, não só pelo número *um* e por *si mesmos*, mas por outros números. Porém, também sabemos que há infinitamente muitos outros — muitos números grandes, excedendo a milhões — que só são divisíveis pela *unidade*, por *si mesmos* e por nenhum outro, isto é, são indivisíveis. Na teoria dos números, então, são chamados de "números primos".

Como foi mencionado anteriormente, os homens, exatamente como qualquer centro energético, emitem vibrações. Estas têm uma freqüência definida que caracteriza as pessoas. Desde que os homens mani-

festam infinitas variações de caráter, suas frequências são correspondentemente tão inumeráveis e variadas que podem, perfeita, justa e facilmente, pertencer tanto à categoria dos números fatoráveis — divisíveis — como à dos não fatoráveis — números primos. Se nos lembrarmos da lei de que as ondas de várias frequências podem se influenciar, apenas, se compartilham de certas afinidades, semelhanças ou mesmo identidades, compreenderemos que *uma pessoa mais forte pode influenciar outra — uma pessoa mais fraca — apenas se a frequência da mais forte é divisível pela da mais fraca.*

Agora, podemos entender que uma pessoa de nível evolutivo inferior ao de outra tenha muito maior dose de força sugestiva do que outros homens — pode mesmo ter força hipnótica — *em virtude de sua frequência pertencer à dos números divisíveis por muitos outros.* Tomemos, por exemplo, o número sessenta. Não é um número grande na série infinita dos números, no entanto, pode ser dividido por *doze* números — por *um, dois, três, quatro, cinco, seis, dez, doze, quinze, vinte, trinta* e por *si mesmo*. Assim, uma pessoa a quem possamos caracterizar pelo número *sessenta* pode ter influência sugestiva ou hipnótica sobre *doze* tipos diferentes de pessoas. Se, todavia, tomarmos como exemplo o número 257, achamos que, embora mais de quatro vezes sessenta, só é divisível pelo número *um* e por *si mesmo*. Não há outro pelo qual possa ser exatamente dividido. É, portanto, um número primo. Uma pessoa caracterizada por ele, ou por qualquer outro número primo mesmo maior, não pode exercer influência sugestiva ou hipnótica sobre outra, não importa o alto nível em que se ache. Ficará isolada e impotente entre seus semelhantes, porque sua energia não corresponde à de outros, e é portanto bloqueada.

Há um grande número de exemplos nos quais, em contraste com alguém altamente evoluído, outro, de grau evolutivo muito menor — um homem primitivo, simples —, emite um grande poder sugestivo e hipnótico, porque aquele que é altamente desenvolvido se caracteriza, digamos, pelo número 65.537, e o primitivo, pelo número 12, por exemplo. Embora 65.537 seja relativamente um número alto, é, ainda, um número primo e, deste modo, não tem acesso a outros números. Por seu turno, o número 12, embora baixo, tem acesso a seis números, por ser divi-

sível por seis números diferentes (a metade de si mesmo!). Daí, naturalmente, esta pessoa ter poder sugestivo em relação a seis tipos de pessoas de nível de consciência inferior ao seu. Geralmente, a pessoa média não é de alto nível de consciência. Assim, podemos ver por que é possível que gênios superiores fiquem freqüentemente isolados e solitários, sem qualquer contato ou poder sugestivo, enquanto pessoas subdesenvolvidas e de limitada inteligência — infelizmente, amiúde, um simples adivinho — exercem misterioso poder. Naturalmente, a pessoa de alto nível, a quem podemos caracterizar, digamos, pelo número 30.240, pode exercer legítimo poder sobre grandes multidões, quase sempre, sem qualquer intenção. Em qualquer lugar, contará com simpatia e apoio, porque poucos são capazes de escapar à sua penetrante força sugestiva e hipnótica. Multidões vibrarão em sintonia com ele, queiram ou não, porque 30.240 é divisível por *noventa* números. Esta pessoa terá acesso a noventa tipos de pessoas e, deste modo, comandará um vasto poder hipnótico. Igualmente, é compreensível que algumas pessoas o odeiem de todo o coração! Entretanto, este número ainda é menos da metade do exemplo prévio — 65.537!

Se consideramos excepcionais homens como Moisés, Budha, Confúcio e Jesus, podemos imaginar que freqüências estes “magos brancos” devem ter tido, e com que alta freqüência, se tivéssemos os meios de avaliá-la, teríamos de caracterizar estes e todos os outros instrutores e mestres! Os trabalhos destes homens exponenciais foram influentes, não somente em seu tempo e esfera — quando e onde viveram — como continuaram a reverberar na atmosfera do mundo inteiro, através do tempo e do espaço, até os tempos atuais e por toda a eternidade.

Omito exemplos de magos negros, intencionalmente.

Agora, surge a questão: qual a diferença, em relação aos números, entre pessoas superiores altamente evoluídas a quem chamamos de “magos brancos” e aqueles que são seus reflexos, também alta e superiormente desenvolvidos, mas que praticam a magia negra, que sempre existiram e existem ainda em nosso tempo?

Qualquer pessoa que suprima o direito de autodeterminação de outrem, ou mesmo a prive dele para usá-la como marionete a serviço de seus fins egoísticos, é um mago negro. Todo homem pode e deve lutar com armas

humanas; mas não com poderes mágicos e, decerto, não com o vasto poder mágico adquirido pela transformação da energia sexual. Um indivíduo superior pode usar tais poderes somente no interesse do grande todo no qual — como deve saber — todos nós, ele mesmo também, somos uma célula ínfima. Se alguém se desenvolve firmemente, se seus centros energéticos latentes são ativados na sequência correta, então, mesmo antes de estar apto a usar seus mais altos centros energéticos, seus olhos internos espirituais já serão abertos a esta verdade, e ele não desejará de modo algum usar sua força mágica hipnótica egoisticamente, para seus fins pessoais, em prol de sua mania de poder. Não porque seja, ou queira ser, “tão abnegado”, mas porque se sente completamente unificado ao grande todo e livre do puro *egoísmo*, respeita o bem do grande todo e *serve* a esta finalidade com todo seu poder mágico. *Porque só há uma espécie de amor: o amor egoísta.* A única diferença é *quem* e *o que* eu incorporo na esfera de meu amor egoísta. Ele pode incluir uma pessoa, um animal, uma família, qualquer grupo social ou associação, qualquer nação, toda a terra, ou o universo inteiro. O povo chama este mesmo “amor egoísta”, de “amor abnegado”, porque eu ampliei o círculo de meu amor egoísta para abarcar todo o universo. Mas não mudou em verdade, apenas evoluiu. Inicialmente, amo a mim mesmo, depois, finalmente, amo todo o universo como eu mesmo, ou, melhor dito, *como a mim mesmo*, porque evolui e, no curso da evolução, meu amor também evoluiu e reconheci que *eu sou* o universo inteiro! *Tat twam asi!*²⁷

O mago branco, portanto, jamais desejará suprimir a consciência de outrem, para afirmar sua própria vontade sobre ele e escravizá-lo. Absolutamente ao contrário. Ele auxiliará a desenvolver a consciência de outros indivíduos, de modo que, *voluntariamente*, eles se alistem a serviço das intenções e planos divinos. O mago branco *permanece em seu próprio centro, porém, dali, de seu imo, irradia estimulantes forças de amor e, portanto, da própria vida.* Possibilita a outros *permanecerem* livres e

27. Se considerarmos que aquele que vivencia o “Tu és Aquilo” (*Tat twam asi*) e o “Eu sou Aquilo” (Ham Sa), já não é mais um *eu*, seu amor pode ser egoísta. Já terá se tornado o Uno, isto é, o próprio Amor. (N. do E.)

inafetados *dentro de seus centros*, de modo que eles não somente preservem seu direito de autodeterminação mas, com o auxílio do mago branco, evoluam para um nível mais alto.

O mago negro, de outro lado, por pura megalomania, por absoluta prepotência, usa a energia criadora para seduzir pessoas sob seu fascínio e as utiliza como escravas. Mediante sugestão ou hipnose, apodera-se do centro dos outros e os faz servirem a seus fins pessoais, egoísticos, como um satélite em órbita a seu redor, à custa de, no processo, destruírem mental e fisicamente suas vítimas.²⁸

O mago branco permanece em seu centro, irradiando daí para todo mundo externo o poder mágico e divino de *amor*. O mago negro invade o mais íntimo ser de outro homem, devora-se a si mesmo dentro de sua alma, penetra-o com sua vontade, o destrói, torna-o autômato inconsciente, dançando em obediência a ele.

Não obstante, as altas frequências emitidas pelo mago branco, ele fica com sua consciência no número *um*, no número de Deus, que é por si indivisível, no entanto, pode dividir todos os números *ad infinitum*. Exerce sua influência sobre todas as criaturas vivas, através do número *um*, com a mais irresistível irradiação e poder do *amor*. Como dissemos, o mago branco permanece com sua consciência no número *um* e irradia daí para o infinito. Deste modo, ele é completamente *impessoal*. O mago negro sai do *todo indivisível* para a pluralidade, alcança o mais alto grau de conhecimento e poder e se identifica com o mais alto número de suas frequências próprias e pessoais, por isso, fica superindividualista, preocupado exclusivamente com sua autopromoção e interesses pessoais. É evidente que todo o mal elaborado pelo mago negro reverte, finalmente, sobre ele próprio e tem um fim terrível.

O número *um* é o número de Deus. Sem ele, o número *um*, não há nenhum outro. Este número é o princípio, exatamente como sem Deus não há começo nem criação. O número *um* é indivisível. Todos os outros são divisíveis por *um*, porque todo número o contém sem deixar resto

28. Que fique o alerta contra a ação (fascinante aliás) dos muitos falsos gurus (espertalhões internacionais ou caboclos), interessados em fazer mais um sectário ingênuo, robotizado, fanático e servil. (N. do E.)

e é penetrado por ele. Mesmo o mais alto número primo tem de se submeter sem resistência à penetração do número *um*, exatamente como Deus penetra o homem mais isolado com sua irresistível força do *amor*, infunde-o e destrói a crosta isolante com seu fogo.

Deus é contido sem deixar resto em toda a criação, da menor à maior criatura, porque Deus é pai de toda a criação. Do mesmo modo, o número *um* é o pai de todos os números!

O número de Deus é o número *um*. Todavia, há um número que transcende a compreensão humana, o intelecto finito, que é o reflexo do número *um* no infinito. Exatamente como o número *um* é ponto de partida de toda a criação, assim, este número imaginável é a realização, o fim da criação. Assim como todo número é divisível pelo divino número *um*, assim, este número de realização e o infinito podem ser divididos por todos os números. Nenhum cientista pode calculá-lo, porque ele é o número do infinito e, portanto, existe como o oni-envolvente reflexo infinitamente grande do número *um*. Assim como número algum pode existir sem o número *um*, justamente por isso não pode haver número algum que não esteja contido sem deixar resto, neste inimaginável número do infinito.

Deus é amor, e frequências de amor são tão altas que somente este número pode expressá-las: contém em si todos os outros números e é, portanto, o número infinito. Assim como a eternidade está além dos limites do tempo, contudo só pode ser expressa através do tempo, que pertence à criação finita, assim podemos conjecturar sobre o número infinitamente grande de frequências de Deus — do amor — somente pelo conhecimento dos limitados números finitos. A eternidade em si não está sujeita ao tempo, contudo o tempo é parte da eternidade. Assim, achamos os infinitamente muitos números finitos no infinito, na eternidade, que não conhece nem finito nem a fragmentação em Deus.

Enquanto *um* é o número de Deus e expressa sua invariabilidade, indivisibilidade e eternidade, ainda forma todos os números *ad infinitum*. Assim como Deus é onipresente, criando e animando todas as coisas sem ser tocado por sua criação, do mesmo modo o número *um*

forma todos os números, e, na verdade, é pré-requisito para que existam, sem ser tocado por eles e seus compostos. E assim como o número *um*, o criador de todos os números, é o ponto de partida, assim seu reflexo é o número do infinito e da realização que contém em si todos os números, o fim de toda criação e do finito. A esta altura resta apenas *o nada* de onde o universo emergiu e onde será absorvido e desaparecerá. Nosso EGO é DEUS, o número *um* em nós. Mas em realização o número *um* se estende ao número além da compreensão humana, o número do infinito. A senda humana se estende do número *um*, do nascimento da consciência ao número do infinito, onde abarcamos todo o *universo na consciência una*.

Assim como o som primordial da criação por si mesmo criou todos os demais sons por seus próprios tons harmônicos, e exatamente tanto quanto ouvamos apenas este simples e grande som primitivo com seu poder que tudo permeia, ao soarmos concomitantemente sons harmônicos, então, nós nos tornaremos o número *um*, o único, simples, divino *Ser* penetrando todo o universo, animando todas as frequências existentes. E ocorrerá que todos os homens, todas as criaturas vivas, toda a criação, será penetrada, inflamada, animada, despertada e chamada para uma nova vida eterna em Deus, pelo poder onipenetrante do primordial número *um*.

Capítulo VIII

OS SETE DEGRAUS DA ESCADA DE JACÓ

Enquanto o homem ainda é uma criatura inconsciente, sua força logóica²⁹ nele opera em nível inconsciente, automaticamente e consoante as leis da Natureza, como no caso dos animais. A energia sexual nele se manifesta como um impulso puramente animal-físico, impelindo-o para aliviar-se da tensão nervosa desagradável causada pela potência acumulada. Conseqüentemente, seu estado de consciência nada mais é do que um impulso animal buscando alívio. Não tem qualquer indício de amor, porque ainda está espiritualmente inapto para sentir e manifestar seu inconsciente e inativo desejo de amor. Seus centros superiores ainda estão latentes e seu coração, morto. De sua morte aparente é despertado pelo impulso sexual. Em estado de excitação física, estimulado pela energia sexual, instintivamente procura uma companheira. A natureza o ludibria. Porque a excitação sexual só serve ao propósito de procriação, de propagação da vasta corrente da vida, para alcançar a grande meta, a espiritualização da terra. O homem primitivo ignora tudo isto. Satisfaz seus desejos sexuais como gratificação. Comumente, no entanto, as leis da civilização humana e os códigos morais em geral impedem a gratificação logo que o impulso sexual se faz sentir. Goste ou não, ele é compelido a postergar a execução por algum tempo. Mesmo entre negros primitivos e tribos bosquímanas, os jovens que atingiram a maturidade devem restringir sua sexualidade sadia, até a grande cerimônia. Somente então são iniciados nos segredos da sexualidade. Enquanto, em outras partes do mundo ou com as raças brancas ocidentais, de início, o homem deve protelar seu impulso até

29. Força logóica — força de Logos (Deus). (N. do E.)

que, eventualmente, ache uma oportunidade de gratificar seus desejos sexuais, um animal, assaltado pelo desejo sexual, procura uma parceira conveniente e, geralmente, a encontra logo. Portanto, o homem precisa aguardar por algum tempo. Durante esta espera a tensão se acumula nele. Desde que não ache alívio imediato, esta energia tenta descarregar-se de outro modo, através dos canais nervosos. A tensão contida se armazena e, desta forma, o homem é arremetido por vibrações e frequências sempre excitantes. Se, todavia, as frequências de uma energia aumentam, *ela não consegue deixar de ser o que era previamente*. Então, a primeira transformação da energia sexual, embora pequena, já ocorreu: aumentou a frequência!

A nova tensão, aumentada por acúmulo, com suas mais altas frequências, agora não opera mais tão-somente sobre órgãos sexuais, mas também em seus órgãos mais elevados que são capazes de manter e manifestar as frequências aumentadas. O impulso tem o efeito adicional de despertar seu intelecto, atormenta o próprio cérebro por uma idéia, por uma solução. O desejo físico desperta a consciência e, assim, o primeiro vislumbre, embora tênue, na aurora da conscientização, foi atingido. Mais cedo ou mais tarde, o homem acha também a oportunidade de aliviar o desejo sexual; então, não se lhe exige reprimi-lo e, ainda ao mesmo tempo, a primeira etapa na transformação da energia sexual foi cumprida. Certamente, isto não acontece tão simples e tão rapidamente como aparece nesta descrição e, embora o efeito varie muito com os indivíduos, o resultado é o mesmo.

Como já se disse, o homem pode desenvolver estados internos patologicamente nervosos sempre muito perigosos, conhecidos na psiquiatria moderna como "repressões". Isto acontece quando seus centros nervosos mais elevados ainda não foram ativados e, conseqüentemente, não obstante ainda incapaz de transmutar a energia sexual em força criadora, leva uma vida abstinência. Mas, se no mesmo estado de evolução ele restringe seu impulso sexual apenas por um período curto e depois dá-lhe rédeas soltas, não causará repressão. Em seu estado ainda inconsciente, deu os primeiros passos no caminho da transmutação da energia sexual, de modo totalmente involuntário.

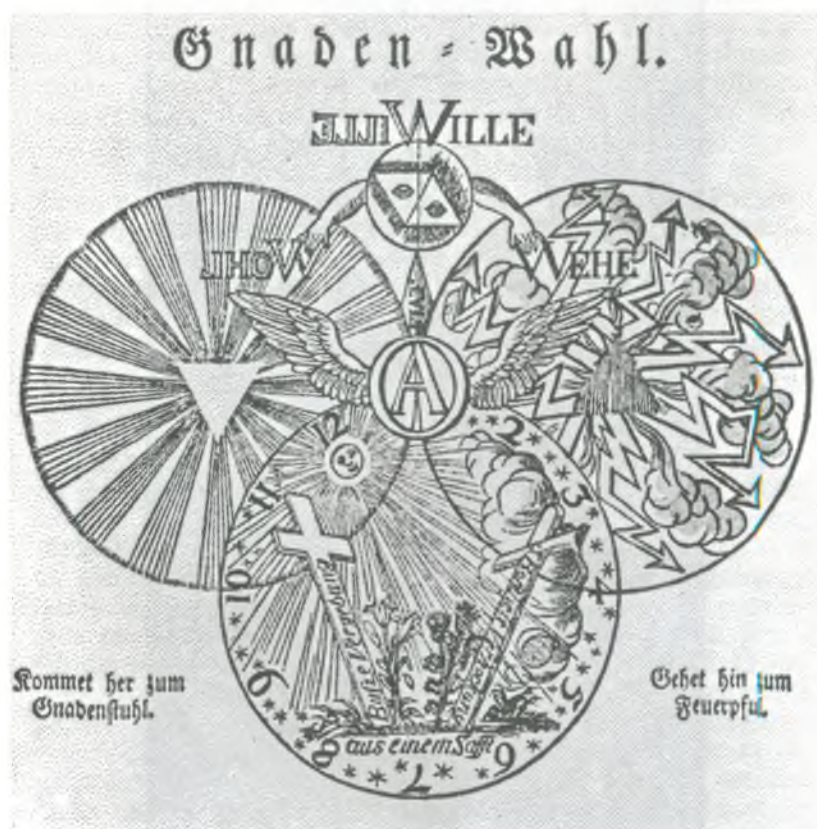
Que o compeliu a fazê-lo? A energia sexual insatisfeita. Portanto, podemos dizer que a própria energia sexual a nós inerente ajuda a transmutar a energia sexual. Mediante a verdadeira carência de gratificação, o homem elevou sua tensão e, por esforço mental, já levantou e expandiu a consciência em pequena escala. Dessa forma, quando quer que um indivíduo esteja incapaz de satisfazer seus desejos sexuais ao primeiro impulso, ascende ao próximo degrau na escada da consciência em crescimento. Sobe, etapa por etapa, até alcançar o estágio em que se torna internamente consciente não somente do seu desejo físico, mas de seu Ser também. Não obstante, a força impulsora não cessa de atuar nele; impele-o para adiante com sua tensão sempre recorrente e crescente, ajudando-o, compelindo-o a experimentar gradativamente correspondentes estados mais elevados de consciência. Gradualmente, ele alcançará o nível onde, em estado de excitação sexual, não sentirá um desejo puramente animal de gastar-se, mas experimentará e manifestará a primeira intimidação de uma humana unificação, mesmo que seja meramente ainda na forma primitiva de devoção física. Embora isto não seja mais do que fervorosa possessão e sujeição, há, entretanto, um novo relacionamento humano entre ele e a outra pessoa, a quem passou a conhecer mais intimamente, através do intercurso sexual. Os primeiros indícios de ternura, os primeiros sintomas de amor aparecem. Deste modo, seu coração morto é suficientemente aquecido e despertado em tempo. O impulso meramente sexual dá lugar ao desejo de satisfação em alto nível, no segundo nível de manifestação — o de estar amando. E desde que, sobretudo, começa a emergir das massas anônimas como indivíduo, também não mais se contenta indiscriminadamente com qualquer parceira, mas procura uma que lhe esteja mais entrosada e a seu gosto evolvente. Várias existências podem escoar-se, durante o curso deste desenvolvimento de um homem desajeitado, inconsciente e primitivo, até alcançar este nível. A eternidade é suficientemente longa...

O homem primitivo, ainda enclausurado na prisão de um lento desenvolvimento natural através de eons, pode iniciar o terceiro nível de conscientização apenas em alguma vida futura. Então, ele não gratificará o impulso sexual *indiscriminadamente*. Torna-se mais exigente e

também trata de agradar a parceira. Seu relacionamento com pessoas do sexo oposto muda para um composto de desejo sexual e sentido de unificação juntos com possessividade, que, embora primitiva e egoísta, já é uma forma inferior de amor. Seu primitivo impulso puramente sexual transformou-se em amor, que o liga a uma determinada pessoa. Este amor é adicionalmente atizado pelo fogo de sua energia sexual que, devido a esperar, intensificou-se. De outra parte, seu desejo sexual é intensificado pela esperança de conquistar a pessoa de sua escolha. Tais energias sexuais, tendo sido alçadas a nível mais alto, agem com efeito intensificado nos centros superiores se, no desempenho de seu papel, encontram obstáculos. Poderíamos arrolar inúmeros exemplos na história da humanidade que provam quão engenhosas e astutas proezas os amantes podem praticar para preencherem seus desejos sexuais frustrados se, a despeito dos obstáculos, estão decididos a conquistar a pessoa amada quase inacessível. A energia sexual frustrada tem efeito bastante estimulante sobre os centros superiores, sobretudo o intelecto. O intelecto excitado promete aos amantes as maiores felicidades pela gratificação dos desejos sexuais. Assim, neles, o amor é mais intensificado, e, por razões de amor, se por nada mais, casam-se. Se o homem atingiu sua meta e se casou, a energia sexual encontra satisfação livre de restrições. Normalmente, todavia, espertos e galantes heróis e heroínas do amor, depois de saciados, se convertem em filisteus entediados, até a hora em que a providência os leve a renovada transformação energética. O marido — apanhado na armadilha da Natureza — começa a pensar mais acerca de seu trabalho, a fim de assegurar uma vida melhor à família, se não totalmente por causa do prazer que o trabalho lhe propicia. Ele procura realizar mais. Assim fazendo, é impelido a dirigir mais energia para os canais superiores, através dos quais despacha maior proporção destas energias criadoras. Assim, o homem normal é compelido, por sua energia sexual e seu amor, a dirigir parte de sua força impulsora para o nível intelectual e convertê-la em esforço mental. Gradualmente, vem a conhecer o prazer do trabalho criativo, e, assim, pela primeira vez experimenta uma espécie de autoconfiança. A autoconsciência cresce e se expande. O tempo e o hábito transformam sua possessividade e apetite por sua compa-



Satã é a lei da matéria que tem vivido através do espírito. Ele separa um sexo do outro — *solve* — de forma a dirigir as duas metades, ao mesmo tempo, como seus escravos — *coagula* — incapazes ambos de atingirem um ao outro na divina unidade original. (Décima quinta carta do *tarot*)



Assim foi como os rosacruzcianos representaram a polaridade e o poder da energia sexual: ela conduz ou ao "jardim da misericórdia" — à divina consciência e bem-aventurança, ou ao "abismo do fogo" — ao declínio da consciência, à treva espiritual, ao medo e à destruição.

nheira, que a esta altura se tornou mãe de seus filhos, em um vínculo espiritual e humano, uma amável harmonia doméstica, uma forma de amor mais elevado e mais abnegado.

Assim, inconscientemente, e sem o notar, dirige progressivamente sua energia sexual para os centros superiores e, gradualmente, atinge o próximo, o quarto nível evolutivo da consciência. Começa a receber e emitir frequências sempre mais elevadas. Estas despertam e abrem outros centros ainda mais elevados; começa a pensar cada vez mais e não mais meramente acerca de como gratificar melhor seus impulsos e como obter prazeres e delícias erótico-sensuais ainda mais intensas. Começa, também, a tomar interesse em coisas mais elevadas. Pensa em dar mais conteúdo à vida, e se torna gradativamente mais indivíduo; sabe que também no amor físico somente uma parceira compreensiva com quem partilhe uma afinidade espiritual pode dar-lhe gratificação. Procura e espera de sua amante um modo de pensar e um gosto semelhantes. Porém, sua procura crescente de amor restringe a escolha de parceiras possíveis e, assim também, suas oportunidades de plena gratificação sexual. Quanto mais refinado seu gosto, mais difícil sua gratificação. Sua energia sexual, frustrada e reprimida, força-lhe a consciência para ascender mais célere, mais alto mesmo, e também para perceber frequências mais altas. Fazendo assim, ela ativa o centro nervoso superior seguinte. O interesse dele se volta para o conhecimento! Assim, atinge o quarto nível e nele evolui. Começa a estudar, a aprender; deseja elucidar os mistérios do mundo. Seu horizonte mental se amplia. Suas forças criadoras não se manifestam mais apenas pela energia sexual corporal, mas como força emocional e intelectual e força de vontade revigorada. Ele "avança" em sua carreira; pode tornar-se um líder; distingue-se das massas. Por levar consigo uma tensão vital superior, e tornando-se consciência em frequências mais elevadas, dirige, também, vibrações mais elevadas aos órgãos sexuais, promovendo uma *proporcional ampliação na potência sexual física! Quanto mais elevado seu nível de consciência, tanto mais elevadas e mais potentes também as energias que o homem está apto a dirigir a seus órgãos e centros nervosos inferiores* e, correspondentemente, maiores os prazeres da união sexual! Para tanto, todavia, ele carece de

uma parceira tão superior quanto ele. Em sua vida amorosa procura uma mulher excepcional, compreensiva, que lhe seja igual e com quem possa formar um relacionamento espiritual e intelectual. Ele já tem experiência e sabe que *a perfeita gratificação do espírito e do corpo e a alegria da felicidade genuína apenas são possíveis com uma parceira digna e igual. Ela deve ter a habilidade de segui-lo nas frequências grandemente ampliadas e, ardendo em um amor sublime e apaixonante, retribuir com todo seu ser!* Ele já está consciente da vasta diferença entre a quantidade e qualidade e vive de acordo, porque não pode mais viver de outro modo!

É extremamente triste, em verdade, se alguém altamente evoluído é capaz de expandir e dar tensões muito altas no amor e, entretanto, sua parceira é incapaz de acompanhá-lo. Quão horrivelmente solitária tal pessoa se sente!

Jazendo na praia, na maré baixa, acham-se inúmeros mexilhões, que foram levados pelas ondas e queimados pelo sol. Quando pequena, eu costumava juntar as metades para reunificá-los. Eram muito simples, e com uma borda lisa e plana. Mesmo quando duas metades não pertenciam ao mesmo mexilhão, formavam normalmente uma boa parelha e eu podia fechá-las. Menos comuns eram as conchas que não eram planas, mas enrugadas no exterior e na borda. Eram muito mais belas e individualizadas. Eu só as podia acoplar se tivessem pertencido ao mesmo mexilhão: somente assim se entrosavam. Não se harmonizavam com a metade de outro mexilhão...

As pessoas também são assim. O homem primitivo pode encontrar muitas parceiras com quem compartilhar uma vida calma. O marido ganha a vida, a esposa cuida dele e da prole, e juntos carregam as responsabilidades de uma vida tranqüila. O hábito, os filhos e o lar os unem, sem harmonia espiritual profunda, no entanto; porque sua verdadeira motivação ainda não é espiritual, nem individual. Quanto mais espiritual, quanto mais invulgar e individual alguém se torna, tanto mais importante lhe é que seu parceiro conjugal se lhe equipare em nível evolutivo em todos os aspectos. Quanto mais definido o caráter de alguém, tanto menos possível é conviver com cômjuge que não o siga, e não haverá paz entre eles.

Quanto mais elevado o nível de um homem, tanto mais essencial para ele que o nível intelectual de sua parceira, sua inteligência, seu modo de pensar, seu gosto, completado com cada minúcia de seus jogos sexuais, em verdade, toda sua natureza, se entrose perfeitamente com ele. Apenas com esta mulher ele pode ter, também, um intercuro sexual agradável e gratificante, no qual ambos os participantes experimentam perfeita identificação mental, anímica e somática.

Deste modo, suavemente, o homem penetra no quinto nível. Neste nível da consciência, alcançou o ponto em que pode manifestar seu poder criador em forma de energia sexual, bem como espiritual, mental e intelectual, e, além disto, com sempre crescente força da vontade férrea. Irradia seu poder, parcialmente, já em forma puramente intelectual, parcialmente em forma espiritual e parcialmente em forma física, em direção a seu interesse dominante, consoante seu estado de consciência. Ativou seus centros nervosos e cerebrais, que são capazes de suportar energias puramente intelectuais mais elevadas e altas tensões. A resistência dos nervos e do corpo tem-se ampliado tanto que pode sustentar as altas frequências sem detrimento, e também as manifesta como energia sexual através de seu corpo. É apaixonado em seu amor que emana de uma harmonia espiritual interna. Seus órgãos sexuais, congenitamente potentes e resistentes, também são capazes de manifestar, correspondentemente, altas tensões apaixonadas. Tornou-se criador; estão abertas todas as válvulas em cinco níveis, desde a intelectualidade às manifestações físicas. Apenas dois centros cerebrais ulteriores, que futuramente suportarão e manifestarão as frequências mais elevadas e mais divinas, permanecem em latência.

Se alguém irradia uniformemente toda sua força, é que houve, automaticamente, também uma evolução uniforme de seus órgãos de manifestação. Em consequência, uma pessoa supremamente intelectual vive em um corpo forte, sadio e belamente formado. Este é o nível em que pela primeira vez, se assim o quiser, o homem está capacitado a renunciar à sua manifestação sexual sem riscos, nervosismos patológicos e outras dificuldades, porque então está apto a manifestar sua força em níveis mais altos isento de restrições. Para onde ele dirija seu inte-

resse, isto é, sua consciência, sua alta força criadora se manifesta através dos correspondentes centros nervosos e cerebrais e pelos órgãos adequados. Pode manifestar a energia sexual, e experimenta-a como amor e assim pode gerar prole, ou, se volta o interesse para o mundo de idéias, pode manifestar pensamentos criativo-sugestivos, supremamente intelectuais, e semeá-los como sementes férteis. Tornou-se intuitivo e sugestivo; suas habilidades mágico-hipnóticas se desenvolveram e entraram em jogo. Temos de lembrar-nos, apenas, daqueles grandes gênios, que eram não somente sexualmente muito potentes e experimentaram o amor apaixonado, como também fertilizaram toda a humanidade com suas idéias altamente criativas, oriundas da inspiração. Geraram *filhos intelectuais* com a humanidade, criaram novos mundos e alteraram o curso da história, exatamente como podiam dar felicidade a uma mulher com sua potência física e com ela gerar filhos.

Sabemos através da história que, durante o trabalho criador, grandes gênios muitas vezes se abstiveram de manifestações amorosas por muitos meses. Gastaram toda sua energia em manifestação intelectual; depois, no entanto, tornaram a manifestar amor apaixonado e devoção com a mesma potência. Tais homens, no quinto nível de evolução da consciência, já experimentam poder criador como um estado de ser. Experimentam-no como prazer de trabalhar, como existência, e sua influência é mago-criativa em todos os aspectos. Não importa se tal homem manifesta a energia como teórico, político, estadista, dirigente, filósofo, ou como ator, compositor, pintor, escultor ou autor. O impacto de sua influência é a medida de sua grandeza. É de nula importância onde e quando viveram e trabalharam, ou se vivem e trabalham atualmente. Eles estão acima do tempo e do espaço! Sua obra cintila como a luz divina acima de toda a terra em todos os tempos, e esta luz difunde seu brilho sobre o mundo finito e transitório. Um Aristóteles, um Pitágoras, Platão ou Plotino estão tão acima do tempo e do espaço quanto Spinoza, Leibnitz, Kant, Shakespeare, Goethe, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Ticiano, Rembrandt, Rubens, ou Beethoven, Mozart, Bach ou Galileu, Edison, Marconi, Paracelso, Hahnemann e outros titãs deste mundo. Eles investigaram a criação; trouxeram e revelaram-nos o que

conseguiram experienciar em níveis superiores. "Não há maior felicidade que aproximar-se de Deus e trazê-Lo para os homens", escreveu Beethoven numa carta aos Wegelers. Tão magnífico era seu amor espiritual que, para ele, a maior felicidade era trazer felicidade aos homens!

Muitos destes grandes gênios experimentaram o amor físico e gozaram-no plenamente. É, todavia, desnecessário e impossível arrolar aqui o número de titãs que transformaram o amor humano em amor divino. Recordo, por exemplo, Platão — é em sua homenagem que chamamos o amor ideal de "platônico" — e Dante, que criou a imagem do amor puro e celestial em Beatriz, em sua Divina Comédia. Notamos, também, que muitos de tais homens eram profundamente religiosos, sem fanatismo, e ansiavam por Deus. E sabemos que muitos deles podiam abster-se de manifestar a energia sexual por longos períodos e permanecerem harmoniosos, hígidos e isentos de repressão. Perguntaram certa vez a Beethoven por que não se casava: "Como poderia escrever minha música, se tivesse de gastar energia na vida conjugal?"

Não se pode servir a dois senhores. Deve-se decidir se dirigir o poder criador aos centros superiores ou aos inferiores. Os verdadeiros grandes homens jamais foram licenciosos. De outra parte, encarnações de *O Libertino* jamais se tornaram nem se tornarão grandes homens. Encontramos esta verdade graficamente simbolizada no relato bíblico de Sansão: ele possuía um poder mágico incomparável e invencível, que se irradiava de seus centros cerebrais superiores, isto é, de sua cabeça, semelhante a uma espessa cabeleira. Este poder que também o dotava da força física legendária desapareceu com o cabelo raspado, quando ele dirigiu sua força criadora mágica para os centros inferiores e usou-a em intercuro sexual com Dalila. Simultaneamente, "ficou cego" e perdeu a visão e liberdade espirituais: foi posto na "prisão", agrilhado em si mesmo e isolado. Porque "encontrou o caminho do auto-retorno" na 'prisão', e reteve sua energia em si mesmo, pôde transformá-la, uma vez mais, em força criadora mágica que os centros superiores reativados reemitiram. Seu cabelo, propiciador de potência, recomeçou a crescer, alongou-se, e ele, uma vez mais, se tornou apto a executar atos sobrenaturais e pôde destruir o palácio real

— a identificação da consciência com o reino da matéria. Assim, foi libertado do sofrimento.

Deste modo, a consciência humana ascende, gradualmente, ao sexto degrau da escada de Jacó. Neste nível, encontramos os profetas, os santos, os grandes instrutores do ocidente e os grandes mestres e *rishis*³⁰ do oriente. Eles se familiarizaram com o poder criador em cada nível e dominaram-no completamente. Sabiam que despender esta força divina no corpo seria, inegavelmente, uma perda tristonha para quem usa a energia vital como força criadora, e conseqüentemente apto está a conhecer e experimentar as alegrias e felicidades espirituais. O desejo sexual os abandonou como um fruto maduro a árvore. Seus órgãos sexuais são fortes e sadios como de outrem, vez que o espírito, o construtor do corpo e o poder espiritual, se revela no corpo perfeito. Todavia, desde que o corpo obedece ao espírito, a genitália age em proveito do corpo, provendo-o com os hormônios necessários à manutenção da saúde e da força, e o mantém suprido com energia sempre renovada. No corpo de tais indivíduos, a potência sexual queda serena. As energias que estimulariam órgãos genitais à procriação são dirigidas aos centros nervosos e cerebrais superiores, usadas de modo criador e divino como energia espiritual. Eles renunciam à atividade criadora humana, não escrevem obras literárias, nem compõem música para o público, nem se esforçam por glória ou sucesso mundano; em vez disso, irradiam sua energia criadora puramente como inteligência espiritual divina, como divino amor universal. Este é o poder sublime, mais irresistível e onipresente — o poder de Deus. A única atividade dos profetas terrenos é indicar o caminho da liberdade e ressurreição às pessoas que ainda habitam e sofrem nas trevas ou na penumbra, e que já estão lutando com toda a sua força para escapar do sofrimento. São os servos de Deus. Muitos já têm vocação quando nascem. Porém, houve e haverá muitos outros que só atingem este nível no correr de suas vidas. Houve e ainda há muitos de tais grandes homens entre nós. No ocidente, chamamo-los de santos, místicos, profetas; no oriente,

30. *Rishis*, os videntes da Índia, que intuíram toda sabedoria dos Vedas. (N. do E.)

grandes mestres, *rishis*. É difícil encontrá-los porque, aparentemente, não diferem dos outros homens, e somente os que estão *no nível imediatamente inferior ao deles* os reconhecem e entendem. Outros podem venerá-los por sentir-lhes a grandeza, mas não podem entendê-los. Outros os odeiam mesmo, por sentirem sua grandeza e imunidade a toda tentação e, portanto, por se sentirem inferiores e insignificantes a seu lado. Entretanto, o que procura Deus no âmago do coração encontra estes homens, porque “por seus frutos, os conhecereis...” (Mat. 7:20)

No sétimo nível, já se desenvolveu em tal extensão a consciência que se está apto a controlar todas estas formas energéticas do poder criador divino a partir das *mais elevadas frequências*, podendo-se usá-las de todas as formas sem descer com a consciência aos níveis inferiores. Experimenta-se a vida, conscientemente, no íntimo, isto é, na consciência, *é-se a própria vida*. No perfeito autoconhecimento, em um divino estado de autoconsciência, em absoluto estado de ser, *em que nem um átomo de seu ser permaneceu inconsciente*, o sábio se tornou conscientemente idêntico a Deus, conscientemente uno com Deus. Ele *percebe*, e pode repetir Moisés, que também falou face a face com Deus, e pode dizer que o nome de Deus é: “Eu sou o que sou.”

Deus é o eterno *ser*. E, se em realidade eu *sou* — o verbo “ser” na primeira pessoa — então, em minha consciência, tornei-me o próprio *ser*, Deus.

Este é o nível máximo de consciência, em que o homem e o Criador cessam de encarar-se como entidades distintas e o Ser humano se torna uno com Deus em uma universal consciência monística. Os que atingiram tal nível chamam-se homens-Deus.

Eis por que o homem-Deus *mais bem conhecido*, porém *menos compreendido* no ocidente, diz de si mesmo: “Eu e meu pai somos um.” (João 10:30)

Os homens-Deus vivem em um estado de oniconsciência, de consciência divina, e todas as suas manifestações jorram de sua consciência divina, do próprio Deus. De tempos em tempos, um homem-Deus nasce no mundo para mostrar que a obtenção deste estado de consciência *está ao alcance de todos*. Mostra-nos a senda para Deus, para

nosso PAI celestial, que em nossa consciência nos espera; mostra-nos a senda do “filho pródigo” que, um dia, desperta do estado em que nada mais faz do que atender a apetites bestiais, e diz: “Eu me erguerei e irei a meu pai...” (Lucas 15:18) E ele chega a uma decisão, começa a avançar na longa senda da evolução da consciência. Começa o grandioso retorno ao paraíso, à casa celestial do Pai amado, o Pai que abandonara, o qual vem agora a seu encontro (nosso encontro) de braços abertos, toma-o (nós) em seus braços, aperta-o no seio paternal e, no sublime estado de consciência divina, torna-se *um* com ele (conosco).

Capítulo IX

SÃO JORGE

Quem quer que pratique Yoga para acelerar o progresso na grande escada de Jacó de desenvolvimento da consciência deve tornar-se perfeito conhecedor da energia sexual que é a única maneira de auxiliá-lo do degrau inferior ao superior. Deve conscientizá-la em si e submetê-la a seu espírito, isto é, deve converter a energia sexual em energia criadora.

Como já vimos, a energia sexual, esta força universal, é o princípio criador — o *Logos* e, estejamos ou não conscientes disso, ela é o verdadeiro ser do homem, o próprio Ser, seu próprio e verdadeiro Criador, na primeira pessoa: *Eu sou!* Por isso, a energia sexual não pode ser destruída, vez que isto implicaria a autodestruição. Podemos, apenas, transformá-la, *ser* ela! E se alguém alcançou a completa autoconsciência com o auxílio desta energia e, assim, tornou-se seu próprio mestre, concomitantemente tornou-se o senhor da energia sexual, o mais mágico de todos os poderes mágicos, vez que *ele é esta mesma energia!* O homem plenamente consciente chama a energia sexual de EU. Um tal homem pode operar milagres e criar novos mundos em torno de si com a energia sexual convertida em força criadora divina. Obteve domínio sobre todo o reino da Natureza com todas suas forças e todas as criaturas: tornou-se um mago branco um homem-Deus.

A bem conhecida imagem de S. Jorge representa muito vividamente esta verdade. O grande santo, o homem todo-consciente, vence o dragão — a energia sexual — *mas não o mata*, apenas imobiliza-o com a espada. Porque *seu fogo e sua força lhe são absolutamente indispensáveis*. Se ele visa a alcançar Deus, se quer ser Deus, não deve

destruir sua própria força motriz. Subjuga-a, tão-somente. Se destruísse o dragão, automaticamente destruir-se-ia, e não poderia jamais aquecer seus centros nervosos e cerebrais sem o fogo do dragão e nem irradiar a energia sexual como força criadora divina. Se desejamos alcançar nossa meta — Deus — precisamos de energia sexual dirigida para nossos objetivos e convertida em poder criador, a fim de *usá-la como força motriz da espiritualização, libertação e ressurreição!*

Os que se puseram a caminho na senda do Yoga têm, normalmente, algumas poucas etapas em existências anteriores atrás de si e levam a experiência, inconscientemente que seja, de que não se deve abusar da energia sexual. Não querem mais ser colhidos nas ciladas da Natureza, mas evitá-las. Mas eles tiveram também de adquirir sua experiência de energia sexual, desde que esta é manifestação do poder criador de Deus, apenas no nível inferior, no nível material, manifestado como força espiritual condensada na matéria, portanto, força espiritual materializada. Se gastamos esta energia sadiamente, consoante as leis da Natureza, não é pecado. Só o é — se é totalmente válido este conceito — quando se abusa da sexualidade para fins de degradar a excelsa energia espiritual, esbanjando-a sem qualquer harmonia interna, como um fim em si mesmo, de modo exagerado e não natural, mediante estimular as glândulas por perversões e recursos artificiais. Tais processos roubam ao homem tanto a força de vontade como a força sugestiva, e muito lhe enfraquecem os órgãos sexuais. Tudo que é executado por órgãos anormalmente superexcitados em excesso de desejos normais e naturais, como anseio ardente de prazer como um fim em si, geralmente debilita a energia vital humana, a força mental e o caráter. Caso assim não seja, o homem tem o direito de usar a sexualidade de modo hígido e normal. Conhecemos, da história da humanidade, de seus primórdios até agora, muitos homens altamente evoluídos que possuíram elevado poder espiritual e, entretanto, se deram intensamente e com paixão à manifestação física do amor, sem rebaixar nem perder seu poder intelectual. Simplesmente usaram a energia criadora apropriada e de forma normal, consoante as leis naturais e divinas. Experimentaram o amor físico e a devoção ba-

seada em afeição sadia, gastaram, portanto, *fisicamente* a energia *física*. Não transformaram a energia espiritual criadora divina em poder físico, usando-a na direção oposta, nem a rebaixaram em luxúria puramente sensual, perversa e oca. Jamais foram sensualistas de vontade fraca à mercê da sexualidade. Muito ao contrário, foram senhores da energia sexual e de si mesmos. Entretanto, é certo que, embora grandes, tais gênios, que amaram apaixonadamente, foram incapazes de se tornarem profetas, magos brancos, santos e homens-Deus, enquanto não renunciaram à vida amorosa. A despeito de sua grandeza humana, ainda eram idênticos ao seu sexo, ainda eram seres humanos. Mesmo se no decurso da obra criadora foram alçados à altura do espírito divino — que é assexuado — e, durante este tempo, estiveram unificados a seus *genius*, terminada a obra, suas consciências novamente foram precipitadas a um nível inferior humano, onde, uma vez mais, se tornaram seres sexuais. Em outras palavras, não eram ainda um *todo* apenas; estavam a caminho de se tornarem um *todo*.

Um santo, um homem-Deus que colheu toda esta experiência em existências anteriores, a Natureza não pode mais atraí-lo para sua armadilha. Parou de gastar o poder criador através da genitália, porém preserva-a para o próprio corpo, sem identificar-se com a matéria, com o corpo. É consciente, e assim permanece na fonte da potência divina: ele mesmo é o manancial do próprio EGO e não declina mais deste estado de consciência para o nível material, sexual. Deste modo, orienta a energia sublime de alta frequência para seu corpo, que o transmuta tão completamente que a substância somática de um santo ou um homem-Deus difere fundamentalmente da de um homem comum. Os poderes espirituais destroem bactérias e vírus e assim os iniciados são imunes contra todas as doenças. Tais poderes preservam-lhe juventude corporal, porque as altas frequências e a alta tensão espiritual regeneram continuamente as células corporais. Os hormônios das gônadas estão presentes, não meramente para dotar o corpo humano de capacidade procriadora; muito ao contrário, eles enormemente contribuem, mais do que se pode perceber, para o acúmulo e a preservação, em seu próprio corpo, das energias da juventude. A energia sexual é a

própria energia vital,³¹ o elo entre o espírito e a matéria. Não somente pode transmitir vida a um *novo* ser vivente durante o coito, como pode, também, continuamente, carregar o próprio corpo de alguém com nova vitalidade, se a preserva para si próprio e conhece o segredo de sua transformação. Um santo, um iniciado, não menospreza o corpo, ao contrário, estima-o altamente como um maravilhoso agente de manifestação provendo o homem da única força motriz adequada à subida da grande escada de Jacó. Porém, desde que o iniciado seja consciente de seu próprio divino Ser — que é assexuado — não depende de complemento algum — seja físico ou espiritual. Em sua consciência, em qualquer sentido, tornou-se um *todo*. Assim, é apto para preservar e usar a energia vital para seu próprio corpo, como lhe aprouver, embora este continue a manifestar absolutamente normal e higidamente um lado do todo, um sexo, um pólo.

Como frequentemente se tem enfatizado, a energia sexual é o elo, o catalisador entre a mente e a matéria. Se alguém se encontra incapaz de manifestar a energia sexual, se seus órgãos manifestantes estão ausentes ou subdesenvolvidos, velhos ou enfraquecidos, então, não pode estabelecer um elo entre sua espiritualidade e seu corpo — sua espiritualidade e a Natureza. Pode atingir o nível espiritual mais elevado na consciência, não pode, entretanto, transmitir o poder mágico de seu espírito a seu corpo, nem ao corpo de outrem. Pode alcançar elevada sabedoria espiritual — isto é possível, mesmo no leito de morte — mas é-lhe vedado adquirir habilidades mágicas, conhecidas como *Sidhis*. Pode tornar-se um iluminado, um santo; jamais um iniciado ou um mago. Não há fogo sem combustível. Quando o noivo chega, a candeia deve conter azeite, diz-nos a Bíblia.

Isto, no entanto, não deve desencorajar os leitores que pensam já terem perdido sua potência sexual. Pois jamais o homem sabe quando, realmente, se tornou impotente. Conhecemos casos de anciões que se consideravam totalmente impotentes há muitos anos e, subitamente, experienciaram uma surpreendente ressurreição da potência.

31. Energia vital é *prana*, para os hindus, é energia bioplásmica para os modernos parapsicólogos. (N. do E.)

E isto é menos excepcional do que se pensa! De outra parte, podemos inquirir: é de tão vital importância para o homem ser capaz de regenerar seu corpo, tornar-se clarividente, flutuar acima da terra e adquirir ainda outras capacidades mago-ocultistas? Não é bastante estar apto a experimentar os mais elevados estados de consciência, falar face a face com Deus em sua mente, viver em paz infinita no mundo e, quando o tempo se tiver escoado no relógio cósmico, partir desta vida? Os destinos humanos são variados! E todo homem deve conhecer em si mesmo o que Deus deseja dele. Se alguém se sente chamado por Deus para seguir um certo caminho, deve adquirir todos os meios possíveis para achar tal caminho. Não somente as leis da Natureza, mas também as divinas são inflexíveis e insuperáveis. Tudo depende do que desejamos alcançar! Porque qualquer que seja nosso *desejo* a alcançar — o que nossa mais profunda convicção nos impele a fazer — demonstra a medida de nossa maturidade. Os que ainda não desejam renunciar à vida sexual e também os sexualmente impotentes devem tomar em consideração que, embora possam, em verdade, alcançar elevados níveis mentais, a transmutação da energia sexual em poder criador — isto é, a esperança de que se tornem iniciados — deve ser reservada para uma vida futura. Algum dia, todos os homens alcançarão o mais alto, o nível divino, então nada mais almejarão do que vir a *ser* o divino *Ser*, que é precisamente o que *tudo* vale. Porém, aquilo que ainda não aprendemos da experiência e ainda não provamos plenamente nos fará retroceder. Posto que tudo que ainda não foi experienciado pelo homem deveria ter sido. Portanto, não resistamos, mas tentemos quanto antes experienciar e deixar para trás tudo ainda não experienciado, se possível mesmo antes que nosso “manancial individual”, “o azeite da candeia”, tenha secado. E nos perguntamos: desejamos permanecer escravos da matéria, do corpo, ou tornar-nos senhores do mundo material, da Natureza, de nosso próprio corpo? Desejamos alcançar o conhecimento e o poder do *tudo* e gozar a paz eterna em Deus? Elegemos prosseguir como seres mortais ou despertar e tornarmo-nos seres “vivos”?

As leis divinas nos parecem inflexíveis, enquanto não as experienciamos pessoalmente. Se se tem a coragem de *experienciar* estas leis e possibilidades *em nós mesmos*, e,

também, de *viver consoante* elas como crente em Deus, então se fará a surpreendente descoberta de que elas apenas parecem "inflexíveis" na imaginação dos ignorantes. Em sua cegueira, o homem é temeroso de estar à mercê destas leis e de perder e sentir a falta de algo que — em seu limitado ser consciente — lhe parece da máxima importância. E nem considera nem sabe que este Deus "inflexível" é *ele mesmo*, que em sua inconsciência ele é o *Ser* que denomina de "Deus", mas que, em realidade, é seu próprio e verdadeiro ser ainda inconsciente. Inevitavelmente, a experiência pessoal traz a grande surpresa de que nosso verdadeiro ser, que enquanto inconscientes chamamos de "Deus", jamais nos toma algo sem nos proporcionar em retribuição felicidade e alegria incomensuravelmente maiores.

Capítulo X

O ANSEIO POR UNIDADE E SUAS ADULTERAÇÕES

Deus é o ser eterno — vida — e Deus ocupa todo o Universo. Deus, o ser eterno, a vida — em que os dois pólos ainda repousam intimamente um no outro — é a unidade que não conhece dualidade. *Nem Deus, nem o ser, nem a vida é divisível.* Esta unidade absoluta, divina, una e única, se manifesta em toda criatura viva como seu Ser que, a fim de manifestar-se, erigiu a forma material, a moldura da criatura viva, em torno de si e para si mesma. *Deste modo, só há um Ser uno, indivisível, ilimitado e infinito:* Deus! E a essência mais íntima de toda criatura viva é este *Ser uno, indivisível, divino.* O Apóstolo Paulo diz: “Porque Deus, que disse: das trevas resplandecerá luz, *ele mesmo resplandeceu em nossos corações...*” (II-Cor. 4:6); “Pois, por *um só Espírito, todos fomos batizados em um corpo...*; e a todos nós *foi dado beber de um só Espírito*” (I-Cor. 12:13); “E se um membro sofre, todos os demais sofrem com ele... Ora, sois corpo de Cristo (o *Logos*), e, individualmente, membro desse corpo” (I-Cor. 12:26, 27). No linguajar moderno: a Essência de Deus é o espírito, e toda a criação, o universo visível, seu corpo. Nós, os seres humanos, somos células deste corpo gigantesco, capazes de manifestar o sublime, exatamente como as células cerebrais, em nosso corpo, manifestam o sublime em nosso ser microcósmico.

Toda criatura viva encerra em si, portanto em seu inconsciente — onde é um todo — a unidade do Ser, e esta unidade nele se manifesta através de seu impulso inconsciente para re-immergir em todo o universo e em todas as suas criaturas vivas e identificar-se com elas. O Ser, que requer a propagação da vida para a espiritualização da matéria, aproveita-se da ânsia pela unificação, manifestando e realizando-a nas criaturas vivas, através dos dois

grandes instintos: preservação do indivíduo e preservação das espécies. Ambas são, portanto, diferentes manifestações de ânsia pela unificação.

Na primeira, o instinto de autopreservação, o *Logos*, impele as criaturas vivas a se tornarem unas com as outras, para preservarem a vida em *uma e mesma* forma material — *em um e mesmo corpo*. Na segunda (o instinto de preservação das espécies), as criaturas vivas são feitas para transmitirem a vida a *outras*, subseqüentes criaturas vivas, em outras formas materiais, em *outro corpo*, e assim a preservar a continuidade da vida de todo modo possível.

O instinto de autopreservação compele as grandes criaturas viventes a destruírem as menores, em sua ânsia por unificação. A natureza se aproveita deste impulso para nutrir suas criaturas ao mesmo tempo. Todavia, as criaturas vivas sentem este anseio pela unificação, mesmo quando não têm apetite. Quem tenha observado como um gato, *tendo comido vários ratos e, portanto, não estando, de modo algum, faminto*, persegue outra ratazana e a devora fervorosamente, apenas para vomitá-la pouco depois, certamente deve conceber que atrás da fome e da glotoneria, uma força maior, isto é, a ansiedade pela unificação, está operando. As criaturas vivas têm ansiedade por se unirem completamente, para obterem uma identidade com outras sem união sexual. Vez que a boca é a abertura para o interior, querem unificar-se pelo caminho mais curto, por esta razão, introduzem a vítima na boca, mastigam e deglutem-na. Os animais cedem a esta ansiedade e, literalmente, devoram-se reciprocamente. Nós, os seres humanos, fazemos o mesmo, apenas cozemos ou assamos, primeiramente, nossas vítimas. Também o tigre cede a este anseio, quando persegue o antílope e o devora, e todos os animais que se estraçalham e devoram mutuamente assim o fazem pelo mesmo desejo inconsciente de unificação. Também os seres humanos conhecem este anseio, especialmente nos casos em que o coito está fora de questão. A criança introduz tudo na boca, embora não tenha fome, e nós, os adultos, dizemos a alguém por quem estamos apaixonados: “amo-te tanto que gostaria de devorar-te”. E quando se ama, tem-se o anelo — que não pode ser satisfeito — de apertar a outra pessoa ao peito, mordê-la e abrir caminho em sua direção. Ansiedade inconsciente de unidade!



Os rosacruclanos chamavam a um homem que atingira a onisciência, tendo tornado conscientes dentro de si mesmo os dois pólos, um "hermafrodita" — palavra composta de Hermes e Afrodite — e o representavam com duas cabeças. Ele, o dono da energia, tendo domado o "dragão", sendo o "senhor deste mundo", está de pé sobre o "dragão", o qual, por seu turno, domina a terra. O homem pleniconscente usa o "fogo do dragão" para estimular e manter ativos seus centros nervosos e cerebrais mais elevados.



Pouso sobre a cabeça



Postura da vela



Postura sobre os ombros

O instinto de preservação das espécies propicia às criaturas vivas manifestarem o anelo por identidade, imitando a unidade de Deus, em que os dois pólos repousam intimamente um no outro, com o auxílio da genitália.

Também há casos na Natureza em que o anseio por unidade se manifesta através de ambos os sentidos, como, por exemplo, com a fêmea da aranha e do louva-a-deus, que devoram seus machos imediatamente após a cópula.

Quão sabiamente foi determinado que o anseio para efetuar a unidade em Deus compele as criaturas vivas através de ambos os instintos, de um lado, para preservar a vida — para nutrir o corpo, para comer — e do outro, para transmitir a vida a novas criaturas vivas, para engendrar vida!

Desde que, no estado divino espiritual primário, os dois pólos da criação, o positivo e o negativo, o dar e o tomar, a força e a resistência, repousam intimamente um no outro em perfeito equilíbrio, ao nível espiritual, sexos masculino e feminino unidos, há apenas a unidade corporal complementar. O espírito é uno e completo em si mesmo! Cristo diz na Bíblia: "Os filhos deste mundo se casam e se dão em casamento, mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura é a ressurreição dentre os mortos não se casam nem se dão em casamento; pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição." (Lucas — 20: 34, 35, 36)

Na criação do mundo da matéria, o pólo negativo é expelido da unidade: assim, eles entram em dualidade e em oponência como Deus e Lúcifer, como força e resistência, como homem e mulher. Mas, a unidade entre eles não cessa. Continua a manifestar-se quando estão separados, como tensão, dirigindo os pólos um para outro. No nível espiritual divino, eles se fundem e repousam um no outro, e a união física sexual é a imagem, imitação e reflexo, desta unidade divina. Porém, é impossível a realização no corpo material, pois a matéria isola, separa e mantém os pólos apartados, a despeito da repetida ânsia desesperada e tentativa de alcançar a verdadeira unidade. Os sexos tentam unir, porém, novamente, se afastam, e isso ocorre reiteradamente *ad infinitum*. Portanto, é impossível a verdadeira unidade no plano material. De todas as cria-

turas vivas, no entanto, somente o homem pode *experimentar* a união dos pólos em seu *imo*, como um estado de consciência puramente espiritual, embora o corpo, se hígido, manifeste apenas um sexo, consoante as atuais leis da Natureza. Porque no espírito, os dois pólos jamais se separam, mas repousam intimamente, um no outro, e o homem encerra em si esta unidade como um estado de consciência, "se se torna consciente no espírito.

Portanto, a separação dos sexos só existe no plano da matéria, no mundo material isolante, que oferece resistência, no corpo. O corpo manifesta, apenas, uma metade do todo divino e tenta reproduzir a unidade, não internamente, como no espírito, mas externamente, com um corpo alheio, pertencendo a outro ser. Assim se origina o ato criador e doador de vida, a procriação.

O jogo de cartas mais velho no mundo, do qual se derivam todos os outros — originalmente, não eram jogos de cartas, mas parte das sagradas escrituras judaicas, a *cabala*, representando o alfabeto e vários níveis de consciência do homem — este antigo *tarot* dá uma arguta e expressiva representação desta verdade, na décima quinta carta. Satã, o reflexo de Deus — Cristo o chama "o príncipe", a lei "deste mundo" (João 14:30) — que se tornou, através do espírito, a lei viva da matéria, separa os dois sexos (em seu braço direito está inscrito "solve"), apenas para depois reuni-los com o braço esquerdo (que apresenta a inscrição "coagula"); mas não em seu estado primitivo, no espírito, *internamente*, mas, no corpo, *exteriormente*. Ambos os sexos, masculino e feminino, que se pertencem mutuamente pela unidade interna de Deus, ele (Satã) os encadeia juntos exteriormente. Deste modo, conduz os dois sexos, eternamente, como escravos, fisicamente unidos, sem poderem alcançar-se reciprocamente na divina unidade original, pois o mundo material exterior é o mundo da solidão, da separação, o mundo do bem e do mal, do dar e tomar. Não é possível produzir unidade, no mundo exterior. Com a mente consciente, devemos apearnos do finito, ao qual nosso corpo pertence, e, o que não podemos fazer no mundo exterior, *devemos buscar, alcançar e experienciar no mundo interior, na mente, como estado de consciência*. Porque apenas em nosso ser interno, no Ser que é Deus, podemos espiritualmente achar

as metades complementares unificadas em harmônico repouso. O homem pode unir os dois pólos em sua *mente consciente*.

No mais elevado estado de consciência espiritual, experienciamos o anseio pela unidade divina interior e por sua realização, como um sentimento muito estranho. Tal sentimento não é estranho às pessoas comuns, porque todas elas o conhecem e intimamente possuem, ou porque, ao menos desejam recebê-lo de outrem. Ficaram tão acostumados a este sentir que o tomam com um fato natural, e não se detêm para considerar que, de modo algum, não é tão natural, mas extremamente estranho. E os que em si mesmos ainda não o conscientizaram são incapazes de compreender o que ele é e por que é. Nada tem a ver em absoluto com o corpo. Chamamos a este sentimento — *amor*. Para evitar mal-entendidos chamemo-lo *amor universal*.

Naturalmente, cada pessoa o concebe diferentemente, *consoante seu nível de consciência*. Não obstante isto, se desejamos analisar o que é o amor, poderíamos falar toscamente dele, nestes termos: temos uma sensação agradável e morna no coração. Não pode ser medida com um termômetro, no entanto sentimos como "tepidez". Irradiamo-la de modo completamente involuntário. Seus raios são invisíveis, incomensuráveis, e sua existência não admite provas, embora sintamos esta irradiação de amor proveniente de nós mesmos, bem como de outrem, de modo tão distinto que não se pode negá-lo. Irradia-se espontaneamente, e, sob seu efeito, desejamos unir nosso ser com todo o universo, ou com o que amamos. Conhecemos a expressão: "sou tão feliz que gostaria de abraçar todo mundo"! É um anseio por unidade *sem reação física*. Este sentimento nada tem a ver com o desejo sexual, nada a ver com o corpo, porque, certamente, não temos desejo sensual-sexual para com todo mundo, no entanto, a sensação está presente: um sentimento puramente espiritual, um estado puramente espiritual. Gostar-se-ia de fundir-se no universo, para ser-se absorvido por ele, para unificar-se com ele como a gota de chuva se unifica com o oceano quando nele cai. *Apenas o homem superior* que ativou seus centros nervosos e cerebrais superiores e, portanto, pode suportar as altas frequências puramente espirituais, é

capaz deste amor puramente espiritual. O homem inferior, com sua consciência subdesenvolvida, projeta o amor divino no corpo e o transforma em atração sexual. Ainda não está apto a suportar as frequências espirituais, nem as compreende tampouco com seu intelecto. Conseqüentemente, o nível espiritual não mostra o que alguém *sabe* — porque se pode ter um intelecto brilhante sem alto nível espiritual; nem depende este nível de alguém ser caridoso, porque se pode sê-lo com o intelecto, imitando-se, exteriormente, alguém que é pleno de amor. O nível espiritual se manifesta *na riqueza de amor que alguém encerra em si!*

Eis por que Paulo afirma:

“Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e que entregue meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.” (I-Cor. 13:1, 2, 3)

Também nas pessoas de nível inferior, ainda inconscientes, o anseio de unidade com o Ser é manifesto. Desde, no entanto, que sua consciência esteja identificada com o corpo, o anseio se manifesta na grande e corruptora falácia de querer experienciar e manifestar a unidade espiritual, o anseio de unir-se com todo mundo no corpo. Querem oferecer o corpo a quem quer que tenha possibilidade de copular, e o fazem indiscriminadamente. A consequência muito triste disto é que estas pessoas — que basicamente estão procurando também amar, se bem que de modo totalmente errôneo — degradam-se, renunciam à dignidade humana, perdem-se e se prostituem. As leis espirituais se opõem às materiais, do corpo. Se, portanto, as leis do espírito são divinas no plano espiritual, no plano material, manifestadas através do corpo, são satânicas. A recíproca é verdadeira: as leis da matéria, manifestadas pelo espírito, também são satânicas. Paulo afirma: “Porque a carne milita contra o Espírito e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja de vosso querer.” (Gal. — 5:17)

É compreensível por que as prostitutas são desprezadas em todo o mundo pelas pessoas cuja consciência é *ligeiramente* mais desenvolvida. Aquelas aqui rotuladas de prostitutas incluem não apenas as prostitutas oficiais, porque entre estas, amiúde, estão pessoas cuja degradação se deve à pobreza indescritível. Para nossos fins, prostitutas são aquelas que se oferecem mais ou menos indiscriminadamente a qualquer um, sem a pressão da penúria. Quem já teve a oportunidade de conversar de coração a coração com pessoas prostituídas — masculinas ou femininas — deve ter testemunhado seu triste sentimento de negligência, indignidade e incorrigível ruína, seu total desespero e autodesprezo. Quando inquiridas por que prosseguem em tal vida, quase invariavelmente dão a resposta desesperadora: "Procuro um pouco de amor." Estas pobres almas não compreendem que é precisamente o que elas estão fazendo que as faz trair o verdadeiro amor que procuram, traindo seu próprio Cristo com um "beijo" gastam o amor, erguem o calcanhar contra ele e matam-no, porque seus atos não nascem da harmonia interna que enlaça dois seres. É particularmente triste no caso das mulheres, que devem guiar seus maridos ao longo da senda para Deus, para a consciência divina. Deus diz à serpente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua semente e a dela; esta te ferirá a cabeça." (Gen. — 3:15)

A pessoa de baixo nível evolutivo, que experiencia o coito como mera descarga sexual, despida de qualquer afeição íntima, seleção ou sentimento de amor espiritual para o parceiro ou a parceira, mais cedo ou mais tarde cai presa de terrível medo e vacuidade. As pessoas inconscientes ignoram que profundíssimo vínculo a união sexual cria entre o homem e a mulher. Ambos absorvem reciprocamente a parte do ser invisível do outro. Pensemos apenas do quanto alguém pode irradiar e carregar um espaço morto, um cômodo, o compartimento de um trem, o palco de um teatro com sua presença, de modo que se sente muito tempo após sua saída. Deixa sua irradiação atrás de si e, deste modo, carrega as paredes, as peças da mobília, ou, talvez, a poltrona em que se senta, de tal modo que um cão, por exemplo, e também as pessoas sensíveis reconhecem e sentem sua irradiação muito tempo após ter ele deixado o cômodo. Quão mais poderosa é a influência mútua das pessoas que praticam o intercuro

sexual! Quão freqüente notamos o modo por que as pessoas, persistindo em relacionamento sexual com um parceiro que lhes é desajustado, gradativamente mudam, transformam sua natureza, seu caráter, muitas vezes para pior, algumas vezes para melhor, e adquirem certas qualidades do outro. Se duas pessoas compartilham sua vida amorosa, ou mesmo se tiveram apenas um simples encontro sexual, estão mutuamente afetadas por vastas forças invisíveis, porque a energia sexual é criadora, é o próprio homem! — E não obstante seja forte a convicção de alguém de que o poder e a irradiação de um ser “desinteressante” ou “insignificante” — como amiúde se ouve — não o afeta, estes, entretanto, deixam uma impressão de cuja profundidade nem suspeita.

Na obra-prima de Dante Alighieri, a *Divina Comédia*, esta verdade está habilmente apresentada: em uma seção do Inferno, Dante vê uma multidão de almas que se reuniram aos pares voluteando desesperadas, em sofrimento indivisível, porque seus mais vigorosos esforços para se separarem eram vãos. Durante a vida mortal foram unidas apenas em relações amorosas físicas e não, porém, pelo amor verdadeiro e o companheirismo. Paixões animais como finalidade e crua sensualidade foram a causa de seus encontros. Portanto, então ligados estavam inseparável e eternamente por sua própria aura espiritual corrompida e, também, pela constante e inextinguível lembrança de seu ato.

A mácula da parte invisível do homem não resulta, no entanto, apenas da experiência de cópulas com seres inferiores. Ocorre, igualmente, quando pessoas que não são necessariamente más, sem caráter ou impuras, mas simplesmente ignorantes, copulam com *um grande número* de parceiros, indiscriminadamente, a torto e a direito, hoje com um, amanhã com outro. Podemos colocar as mais lindas cores na paleta e, entretanto, obter uma confusão desesperada, se as misturando *todas* simultaneamente. As cores antes lindas perdem completamente seu caráter e se tornam irreconhecíveis. Por essa razão, podemos compreender por que as prostitutas têm seu desespero típico, irradiação impura, por que perderam o caráter humano individual, de tal modo que são reconhecidas a distância como prostitutas.

É mais trágico mesmo quando jovens de famílias boas e decentes se degradam por absoluta ignorância e fastio, por terem copulado indiscriminadamente com o primeiro adventício casual cujo conhecimento é recém-feito e, um dia ou uma semana após, repetem isto com um segundo, um terceiro, um quarto.

Quanta paciência e amor, e quanto tempo se requer antes que sejam removidas as más impressões, todas as impurezas e o terrível complexo de inferioridade de tal alma jovem estraçalhada, e seja restabelecido o auto-respeito! Alguém que não tenha tido a oportunidade de observar estas circunstâncias por si mesmo não acreditará que os parceiros, macho e fêmea, através de quem estas pessoas desesperadas se sentem inferiorizadas e desprezadas por causa de suas experiências sexuais conjuntas, levaram consigo as mesmas impressões degradantes. *Entretanto, não foi uma pessoa que degradou a outra, como nenhuma delas era um ser impuro, mas a cópula como tal, que elas experimentaram indiscriminadamente e destituída de amor.*

A vida civilizada contemporânea é tão degenerada que os homens não têm mais a oportunidade de realizar algo heróico, inteiramente por mérito próprio, que lhes permitiria ter o senso de valor, "sentir-se grande". A juventude vai ao cinema e observa extasiada como o grande *cowboy* ou detetive sobrepuja e triunfa sobre todos os outros com suas habilidades sobre-humanas, enquanto ela própria não tem a oportunidade de realizar feitos heróicos e de exibir suas próprias qualidades proeminentes. Que lhes resta? Para alguns, a resposta é esporte. Para a grande massa da juventude, no entanto, nada mais resta do que afirmar-se pelas conquistas sexuais e, daí, experimentar maiores tensões. Por tédio, por um sentimento desesperado de vacuidade e realização contrariada, são impelidos para experiências sexuais e outros vícios. Deste modo, eles têm um efeito corruptor e degradante uns sobre os outros. A maioria reluta em admitir este efeito profundo, por incapacidade de reconhecer o que ocorre, não na mente consciente, mas no inconsciente. Como sua mente consciente não está consciente e não experencia um fenômeno, recusa crer que, não obstante esta lhe diga respeito, que, a despeito de sua inconsciência, algo lhe aconteceu. Precisamente

porque ocorreu no inconsciente, o efeito é mil vezes maior do que se pudesse assimilá-lo no consciente. No inconsciente, as coisas ficam não digeridas e, portanto, amiúde, têm efeito venenoso sobre os homens. Entretanto, as pessoas sentem, ainda que inconscientemente, o efeito venenoso da cópula com um parceiro indigno e tentam proteger-se entregando, instintivamente, todo o assunto ao corpo e retraindo a mente consciente “tanto quanto possível” durante o coito de natureza degradante. Assim, ninguém pode experimentar satisfação hígida e gratificante, mesmo no físico, simplesmente por não estar totalmente envolvido. A consequência é distúrbio mental e físico conducentes à impotência aparente.

Mente, alma e corpo são uma entidade indissolúvel. Porque, enquanto se está vivo, não se podem separar um do outro. O corpo vem por último: é a manifestação do espírito que é o mais afastado na escala da criação; mas é, não obstante, parte dele; desenvolve-se com a mente e, em consequência, formam uma unidade. É um grande equívoco crer-se que a mente possa experimentar algo sem a participação do corpo, sem o corpo partilhar da experiência — e vice-versa; tudo que acontece ao corpo reage sobre a mente, a mente compartilha da experiência *vez que é a mente que constrói o corpo, vitaliza-o e experencia tudo no corpo e através dele.* Sem a mente, o corpo é um cadáver inerte. Consequentemente, tudo que acontece ao corpo é sentido e experienciado somente na mente do homem, no Ser, na consciência. Se a consciência é desligada como, por exemplo, durante a narcose, não se tem percepção do que quer que aconteça ao corpo e o que o corpo está experienciando. Portanto, não há separadamente experiências e percepções isoladas do corpo e da mente; há apenas experiências mentais! É verdade, mesmo se tais experiências se projetem no corpo. *Experimentamos somente o que a consciência — que é puramente mental — percebe.*

O mesmo se dá com nossas experiências sexuais. Por mais convencida que uma pessoa possa estar de que realiza e experencia a união sexual apenas por mero desejo sexual, é impossível que ela seja *puramente* física, pois a “experiência” em si só é possível na mente, na consciência. No caso de uma mulher, pode ser que *somente* seu

corpo participe da união sexual — certamente, em passividade completa, isto é, se está drogada ou anestesiada. Com um homem, entretanto, isto é inimaginável. E com a mulher, um tal caso não pode ser considerado como “participação” ou “experiência”.

Se, em uma união física, alguém tenta subtrair a mente, porque o ato sexual não se manifesta e foge à unidade espiritual, então, uma cisão, um vácuo, ocorre em sua natureza, quer ele o saiba ou não, admita-o ou não. Os homens conscientes o sentem e se abstêm de tal ato físico. Os inconscientes, todavia, imaginam que podem ter união sexual por *mera* necessidade física, sem envolvimento da mente. Isto é um grande erro. Porque, não obstante, se um homem se gratificou ou se frustrou, se está secretamente preocupado, ou mesmo envergonhado de seu comportamento, ele já participou da união. Posto que “estar frustrado”, “envergonhado” ou “preocupado” são, também, estados de consciência, mas não reações físicas. A energia sexual é o ser do homem que se manifesta no corpo — o próprio *Logos*. Portanto é impossível, também, querer praticar união sexual sem o verdadeiro Ser. Não carece mais ser explicado que o homem só pode referir-se à verdadeira alegria física, à realização física e à felicidade sexual de amantes, se a unidade física eclode por amor verdadeiro, harmonia espiritual verdadeira, e ele pode abandonar todo seu ser à sensação da felicidade sexual sem ter de envergonhar-se após.

O homem primitivo está contente com qualquer parceiro do sexo oposto que responda fisicamente a seu gosto simples. Não liga qualquer importância a uma união espiritual interior, vez que ele mesmo ainda não é espiritual, desperto e consciente. Porém, o homem de consciência mais evoluída, de individualidade mais pronunciada, pode experimentar a alegria real do amor e da verdadeira gratificação — física e espiritualmente — somente com determinado parceiro, com quem, acima de tudo, se harmonize espiritualmente, e com o qual *retribua amor genuíno com amor*.

Sentimo-nos confortavelmente com os sapatos e roupas feitos sob nossas medidas pessoais. Isto é *realmente* um assunto puramente físico, entretanto influencia totalmente o estado mental. Quão mais importante é que se

encontre o parceiro ajustado, em qualquer aspecto, em mente, alma e corpo, que é a todo transe seu complemento, a quem *pode* chamar de *amor*, em quem *pode* realmente *confiar*!

Como vimos, é freqüente o caso em que o jovem, bem como o adulto, se compromete em cópula com a primeira pessoa que encontra; isto leva o homem a fazer de si um animal. *O homem, porém, não é um animal!* Não o olvidemos. Estas palavras não são produto de falsa moralidade sentimental ou religiosa, mas de experiência adquirida em três décadas com grande número de jovens e de adultos, os quais, em sua angústia física e mental, procuraram ajuda e continuam a fazê-lo em número sempre crescente. O ocidente descobriu também que a repressão sexual pode originar sérios distúrbios mentais e físicos. Conseqüentemente, o pêndulo oscilou para a esquerda, e muitas pessoas querem retificar os distúrbios mentais dando rédeas soltas aos desejos sexuais — reais ou imaginários — imoderada e indiscriminadamente, e tentando vencer as inibições que, muitas vezes, têm causa puramente física, com o excesso sexual. Está próximo, porém, o tempo em que o pêndulo oscilará outra vez, para o outro lado, e o homem retrocederá da animalidade, artificialmente nutrida, para uma humanidade limpa. Muitas pessoas desesperadas retornam de um beco sem saída, de uma negação total da vida, em verdade mesmo do impulso de cometer suicídio, para a vida normal, através de *um modo espiritualmente exaltado de pensar e de viver*. Os transviados erroneamente crêem e ensinam que a salvação una e única das diferentes formas de infortúnio é levar uma vida sexual licenciosa e esbanjar indiscriminadamente a energia sexual. Porém, o homem busca o amor — e busca-o também na sexualidade, ainda mesmo se erroneamente. Jamais a sexualidade pode vencer a ansiedade e resolver problemas existenciais.

Capítulo XI

O SOL — CRIADOR E DESTRUIDOR DA VIDA

Se um Yogui ou Yoguin sente a necessidade de levar uma vida abstinência para fazer progresso mais rápido na senda, deve, então, primeiramente examinar-se completamente, para descobrir se está suficientemente amadurecido para isto. Não deve agir como a raposa que acha as uvas muito azedas, porque não as pode alcançar e, portanto, não quer chupar nenhuma. Deve estar pronto para digerir nutrição superior, porque chupou tantas "uvas", que as conhece e já não quer mais nenhuma. Pode ser aconselhado a viver de modo abstinência sem incidir em perigo. Porque uma vida abstinência só faz sentido se é *proveitosa* e não nociva.

A este ponto, faz-se mister tornar a falar em paciência. Porque ativar os centros nervosos superiores através de uma vida completamente continente leva tempo. Nem se pode fazer de uma criança um adulto, pois seu tempo ainda não chegou e, se alguém fosse, não obstante, retirar-lhe os brinquedos e compeli-la a comportar-se como adulto, ainda assim não se tornaria um adulto, mas a faria mentalmente doente. Assim sendo, devemos aguardar pacientemente, até que outros centros nervosos superiores indiquem que estão ficando ativos e que a transformação da energia sexual em outras formas de energia mais elevadas se tornou possível. Isto não sucede da noite para o dia. Portanto, se alcançamos o estágio em que nos sentimos bastante amadurecidos para levar uma vida abstinência, organizamos nossa vida e agimos de acordo, não devemos mesmo ficar impacientes e esperar, imediatamente, grandes resultados. Podemos ficar satisfeitos se, inicialmente, surgir um admirável amor pela vida, bom humor, um brilho sugestivo nos olhos e crescente energia produtiva.

Nossa longa experiência mostra que, com os que estão suficientemente maduros, a vida abstinência pode gerar e acumular tanta energia vital que, se é bem aplicada e dirigida conscientemente, doenças crônicas de longa duração subitamente se curam e sintomas neurastênicos sérios desaparecem. A postura se torna juvenil e elástica, a mente se torna brilhante e clara, até mesmo as depressões mais severas desaparecem. O poder de concentração da mente aumenta em medida inesperada, começa-se a adquirir o poder de sugestão e o corpo se enche de vitalidade renovada. Temos tido oportunidade de testemunhar que, mediante abstinência, Yoguias encanecidos recuperaram a cor original de seus cabelos, a retração das gengivas e outros sintomas de velhice, que atualmente ocorrem muito precocemente nos homens, desapareceram e alguns puderam voltar a ler sem óculos.

Se se transforma a energia sexual corretamente, pode-se estar certo de que com o decorrer do tempo, mais cedo ou mais tarde, benefícios espirituais mais elevados não faltarão como resultante. Subitamente, descobrem-se talentos jamais intimamente suspeitados. Já estavam presentes, como o estão em todos, porém em latência. Se erigimos uma barragem ante a energia sexual, ela se acumula então, causando, inicialmente, tensões e inquietação. Se, a despeito disto, se mantiver firmeza, a energia sexual procurará novos canais e a pessoa se torna apta a convertê-la gradualmente em poderes elevados. A energia sexual dirigida para cima estimula as glândulas de secreção primeiramente; depois, os centros nervosos superiores que, até então, só eram capazes de manifestar poderes criativos potencialmente presentes como talentos vários. Isto é, os centros nervosos capacitados para manifestar estes talentos careceram, até este ponto, da correspondente resistência e estavam latentes. Quão amiúde nós nos deparamos com casos históricos de homens que, após uma vida dissoluta, subitamente, por alguma razão, começaram ou se viram forçados a começar a levar uma vida abstinência, e pouco depois manifestaram talentos preeminentes, particularmente um poder mágico-sugestivo excepcionalmente forte, cuja existência nem presumiam. Podemos citar aqui, apenas, o exemplo de Inácio de Loyola, o fundador da ordem jesuítica, que, devido a um acidente,

teve de repousar durante algum tempo no castelo de seu pai, e por tédio absoluto experimentou exercícios secretos, porque foi forçado a levar uma vida de abstinência. No decurso das experiências, fez tão inesperadas descobertas que alterou completamente sua conduta; junto com amigos fundou a ordem jesuítica e, no espaço de quinze anos, adquiriu poder sobre o mundo inteiro — até a China! Ele mesmo proclamou ter conquistado seu renovado poder mágico-hipnótico e força de vontade através da vida abstinência e *exercícios secretos*.

A esta altura, faz-se mister observar novamente que o homem comum pode tornar-se um ente superior, o detentor de poderes mágico-sugestivos, apenas levando uma vida abstinência, se progrediu tanto em experiência, desenvolvimento e maturidade que se tornou apto a manter e suportar a irritação da energia sexual represada nos centros nervosos e cerebrais superiores, *com os nervos calmos, impassíveis e sem irritabilidade patológica*. O melhor apoio para alcançar isto pode ser obtido de exercícios yóguicos específicos e adequados, a serem discutidos mais adiante.

Se uma pessoa ainda está insuficientemente madura para a transmutação da energia sexual, isto é, *se suas válvulas superiores ainda não se abriram* e, conseqüentemente, sua consciência ainda está muito limitada, e se, a despeito disto, ela é forçada a levar uma vida abstinência por algum motivo — seja físico, anomalia congênita, desordem mental, ou o que seja desta natureza — virá a adoecer. Comumente, o esforço excessivo afeta primeiramente a tireóide, o que pode causar desordens cardíacas, porém, infalivelmente, provoca uma intolerável fuga de idéias, estados ansiosos e distúrbios ainda mais sérios. Em tais casos, a energia sexual despertada não encontra uma válvula para si. Nem acha o caminho para os centros nervosos superiores pelos quais poderia manifestar-se como energia espiritual superior, e causa excessiva irritação patológica, que implica grandes danos aos nervos, porque é ininterruptamente excitada interiormente. Este perigo pode causar séria avaria nervosa; na verdade, pode mesmo originar uma condição ainda mais perigosa, que na terminologia moderna se denomina “esquizofrenia”. Alguém que tenha tido a oportunidade de estudar pacientes esquizofrênicos em um manicômio deve ter notado que quase

todos, sem exceção, sofreram obstáculos ou distúrbios — não importa se de origem mental ou física — no gasto da energia sexual e, freqüentemente, possuem surpreendente nível intelectual e grandes habilidades. Quase sempre têm compreensão dos excelsos domínios espirituais e apreendem altíssimas verdades espirituais, não obstante, por outro lado, acham-se ainda subdesenvolvidos, inadequados a este alto nível intelectual e inaptos a resistirem, digerirem ou se adaptarem à elevada tensão da intelectualidade superior. Dela não podem fazer uso, e seus nervos não podem suportar a elevada tensão, isto leva à ruptura da situação, desde que não têm como aliviá-la. Há uma ligação inegável entre os ataques maníacos e a frustração da energia sexual. A pessoa que lida com doentes mentais e aquela que leva uma vida abstinência — tendo, portanto, o benefício de experiências e observações pessoais — não tem dificuldades em compreender tais pacientes. Lamentavelmente, todavia, estas observações não são tudo que é necessário para ajudá-los, embora a compreensão seja das mais claras. Minha razão para referir-me a esta doença, no curso desta discussão, encontra-se mais além. O trabalho com estes pacientes produziu uma estranha descoberta: muitos deles não faziam *intencionalmente* abstinência da vida sexual; ao contrário, gostariam muito de levar uma vida sensual lúbrica, perversa e licenciosa, se não fossem impedidos por motivos físicos e psíquicos. Nessas circunstâncias, alguns destes pacientes, que eram bastante inteligentes para compreender a verdade acerca da energia sexual, foram ao ponto de usar suas inibições sexuais, *perfeita, conscienciosa e deliberadamente*, para levar uma vida abstinência, para transformar esta energia. *Nestes casos houve um progresso perfeitamente notável em sua condição*, que gradualmente os tornou membros da sociedade, úteis e fisicamente capazes. A abstenção voluntária teve de ser acoplada com a mudança para uma mentalidade moralmente superior. Tiveram de ser reconduzidos a Deus! Isto não é fácil com pacientes tais e, portanto, só em poucos casos foi possível a melhora. Mas *aqueles* casos, em que houve uma tão imensa melhora que se pôde falar de cura, provam a ligação profunda entre a esquizofrenia e a energia sexual *impen-sada e involuntariamente* represada. Também provaram a possibilidade de recuperação através da crença em Deus,

ou, ao menos, pela mentalidade moralmente purificada, juntamente com abstinência *deliberada*, em que não pode haver qualquer questão de repressão — desde que seja um processo consciente. De outra parte, jamais vimos uma cura tributável a gozo sexual irrestrito e indiscriminado; somente decadência e ruína!

O homem só pode ser ajudado por si mesmo, porque ninguém pode intrometer-se na consciência de outrem para organizá-la. No máximo, pode-se indicar o caminho que conduz a isto — *se se o conhece!* Infelizmente, parece cada vez mais que a maioria dos que querem auxiliar estes pacientes ainda estão, eles mesmos, muito aquém *de terem* a energia criadora *reconhecida* em cada uma de suas manifestações, *em si próprios, e de estarem aptos a dirigir o curso da mesma*. Isto não se aprende na universidade nem em livro, *mas apenas pela experiência pessoal!* Raramente se encontra um profissional, psicólogo ou psiquiatra, que haja experimentado em si mesmo a energia sexual criadora e obtido sua auto-experiência. *Se um certo período de abstenção fosse prescrito a universitários, puramente por experiência, a psiquiatria ocidental seria contaminada por menos juízos falsos!*

Desportistas experientes descobriram de há muito tempo que se pode armazenar grande quantidade de energia pela abstinência. Por um período mínimo de seis semanas, os competidores ficam proibidos de beber álcool, fumar e copular. Seria *grandemente* instrutivo introduzir-se tais períodos de abstenção no estudo do médico e, especialmente, no do psiquiatra, para prover a experiência pessoal.

Pode parecer incrível, porém o seguinte incidente é verídico. Tínhamos relações de amizade com um médico muito conhecido e distinto. Depois de ele e sua esposa terem trazido ao mundo cinco guapos rapazes, ele se decidiu por uma vida abstinência, que, em suas palavras, lhe permitiu preservar toda sua energia e concentrá-la nos pacientes, para realizar com maior precisão seus diagnósticos e achar instintivamente o melhor meio de curar. E sua atrativa, sadia e superinteligente mulher estava em completa e amável concordância com o marido, cujo único sentimento para seus semelhantes era a caridade. Tais coisas ocorrem e, graças a Deus, não como raras exceções.

A Bíblia diz:

“Porque há eunucos de nascença, há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Quem é apto para admitir, admita.” (Mat. — 19:12)

Tudo isto tinha de ser dito para explicar por que uma pessoa, que tomou a preocupação de sacar sua própria experiência não da teoria, mas da prática, dirá sempre, aqui ou no oriente, que uma vida abstinência não é adequada a todos, mas tão-somente aos homens espiritualmente amadurecidos, a quem ela traz resultados benéficos. Tal indivíduo compreendeu como se pode orientar a força criadora ascendentemente ou descendentemente, e usá-la como aprouver. Porém, ele concebeu, também, os perigos envolvidos na transmutação da energia sexual. Se alguém está firmemente resoluto e nada teme, pode, então, tentar o processo. Porém, mesmo então, deve empreendê-lo tão-somente se não compromete o cônjuge que pode ainda estar imaturo para isto. Esta observação, certamente, não pretende amedrontar os que almejam evoluir na divina senda do Yoga. Posto que temos às mãos a melhor arma contra todos os perigos: nossa própria consciência! Se sempre nos apegarmos a ela, isto é, se estivermos sempre despertos, se estivermos sempre conscientes do *aqui e agora*, então, mal algum nos advirá!

Infinitamente mais perigoso do que a tentativa de levar uma vida abstinência são certos exercícios yóguicos afetando a medula espinhal que, atualmente, são divulgados por pessoas ignorantes e inescrupulosas. Porque contra o perigo envolto na abstinência há a singela proteção, por exemplo, do cessar imediatamente, o que seria a causa de desconforto, com nervosismo patológico ou irritação excessiva. Compreendemos que a energia criadora não é futilidade, e que tais assuntos devem ser tomados muito seriamente. Aqueles que, como nós, tiveram a oportunidade de investigar reiteradamente em conventos e mosteiros sabem quão tristes conseqüências podem resultar, se um homem ou mulher imaturos são forçados a renunciar à sexualidade e sacrificar “tudo”. Enquanto o encararmos como sacrifício, ainda não estamos suficientemente maduros para isto. Deus não requer sacrifícios dos homens. Há pouquíssimos, em verdade, que já adquiriram

maturidade espiritual suficiente para transformar a energia sexual em força criadora. Muitos os “chamados” e poucos os “escolhidos”! Mas estes existem, e sempre existirão, dentro e fora dos mosteiros, em todo o mundo, tanto aqui como no oriente! Evoluamos, portanto, com coragem em nosso caminho!

Capítulo XII

A FLOR MÁGICA

Não há um ponto para se *conversar* acerca da transformação da energia sexual, porque meras *palavras* são inúteis. Tem de ser *efetuado*. Assim fazendo, adquirimos experiência pessoal e todas as palavras se tornam supérfluas. Portanto, podemos dizer muito pouco, mas se este *pouco* é posto em *ação*, torna-se tudo!

Que significa transformação da energia sexual em força criadora espiritual? Usar a energia sexual como elo entre o corpo e o espírito, não para o espírito criar a matéria — procriar — mas, ao contrário, *para obter energia espiritual a partir do corpo*. Não para esbanjar energia sexual através do corpo, mas, ao invés disto, para abrir os centros superiores pelos quais se manifesta, não mais como energia sexual, mas como energia espiritual e mágico-criadora. Como abriremos estes centros? Pelo controle corporal com os exercícios da Hatha-Yoga, pela concentração mental e meditação, abstinência e trabalho! Isto é, realmente, tudo a ser dito.

Não obstante, tentaremos dizer algumas palavras diretrizes em resposta a algumas perguntas feitas por nossos praticantes de Yoga com referência a este assunto. Estamos advertidos de que nem todas as perguntas podem ser respondidas satisfatoriamente. Visto que o assunto abrange matéria muito sutil, não é possível falar com franqueza, acerca de todas as minúcias relevantes. Neste caso, apenas uma coisa pode auxiliar o praticante: adquirir sua experiência pessoal! Quão surpreendentes descobertas se fazem então, as quais não somente respondem todas as perguntas instrutivamente, mas também nos trazem experiências até então inconcebidas e inesperadas. A experiência nos revelará, então, outros segredos que sempre estiveram latentes no homem — e no corpo humano — en-

quanto permanecemos inconscientes de sua possibilidade, isto é, de sua existência em realidade e não simbolicamente. Tentaremos descrever, portanto, os primeiros passos nesta senda e também como nela avançar. Os passos ulteriores, mais elevados, não obstante, serão deliberadamente apenas tocados. Os que tomam esta senda e praticam seriamente verão por si mesmos a continuação da senda diante si, e saberão como proceder, exatamente como alguém sustendo uma pequena lâmpada diante de si, no escuro, vê onde dar o próximo passo.

Por outro lado, aqueles que, somente por curiosidade, estão a fim de conhecer tais coisas, mas não fazem esforço, não buscam conhecer mesmo teoricamente como e por que meios o homem pode mobilizar e empregar sua potência criativa — poderes inerentes a todos os homens. Que sempre houve e ainda há poderosos magos — chamemo-lhes do que quisermos — os maiores céticos não podem negar. Portanto, tentaremos passar adiante a chave da porta da câmara secreta, mas cada um por si mesmo deve abri-la. Que tesouros se acharão aí e como serão usados — não carece dizer mais a este respeito. Cada homem se conhecerá sem maiores explanações. . .

Se desejamos subir a escada de Jacó, devemos, acima de tudo, ter uma coisa, sem a qual não há progresso, e isto é *paciência*! O espírito, o Ser, está acima de tempo. O espírito é eterno. Paciência é o estado da eternidade. Daí, se nossa meta é despertar espiritualmente e realizar a consciência espiritual, inicialmente devemos ajustar nossa mente à eternidade. E, se o diabo da impaciência tenta pegar-nos, devemos imediatamente consolar-nos com este pensamento: na eternidade há tempo suficiente! Exatamente como um pintor chinês ou indiano jamais trabalham em suas obras-primas eternas enquanto pensam: "Devo apressar-me para concluir isto a tempo", em caso contrário, jamais ele poderia realizar estas empolgantes obras de arte — assim, também, deve o praticante de Yoga renunciar a qualquer noção de tempo em relação a sua evolução interna. Mesmo se, usando o método de acelerar o crescimento de sua consciência, abrevia-se o caminho para a autoconsciência divina por milênios, este processo evolutivo toma tempo. A eternidade é suficientemente longa e Deus sabe exatamente de quanto tempo precisamos para seguir nossa viagem até a meta. Não precisa-

mos nos preocupar com o tempo. Somente a personalidade vive no tempo, no finito. O espírito — que é o espírito de Deus — ignora tempo e espaço. Façamos tudo para encurtar este caminho tanto quanto possível, mas nunca pensemos sobre o tempo que tomaremos para obtê-lo. Este pensamento nos paralisaria e nos faria sentir o látego do tempo em nossas costas. O espírito é eterno, e quando quer que pensemos em tempo crucificamos nosso próprio espírito, nosso próprio Ser. Eis por que nos enervamos tanto se temos de precipitar-nos, se outros impacientemente nos apressam. Porque o Ser — Cristo-Logos — é crucificado nas duas grandes traves de tempo e espaço, e se fazemos assim com nosso próprio Ser — com nosso próprio Cristo — perdemos a força e a coragem do espírito, das quais extremamente carecemos. O fato de que não se nota o próprio progresso é o maior teste para o yogui (ou yoguin). Exatamente como a criança não percebe quando vai ficando adulta, assim o homem não nota — ou só mui raramente o faz — quando a consciência se expande, se ergue e fica mais desperta. Precisamente como alguém que embarca em um elevador no andar térreo, tranca-se por dentro e sobe, não nota que altura alcançou, posto que sempre esteve *lá, consigo mesmo* na pequena cabina, e pode avaliá-lo somente quando desembarca no alto e olha para baixo, assim o yogui (ou yoguin) não nota quando a consciência se expande e quantos degraus deixou para trás na grande escada de Jacó! Apenas, se de vez em quando olha para trás, ele vê de quanta ignorância e escuridão ele emergiu, comparadas com seu estado atual.

Portanto, não nos impacientemos, porque cada momento é precioso e nos proporciona uma experiência nova e interessante, embora realmente possa parecer desinteressante e enfadonha. Tudo, cada experiência, ainda que pequena, auxilia-nos ao longo da jornada. Não há recaída. No máximo há recaídas aparentes. Os que palmilharam a longa senda antes de nós, que alcançaram a meta e querem auxiliar-nos, descrevem-nos os marcos do progresso e os marcos quilométricos que devemos deixar para trás, um a um. Descrevem também *como podemos deixá-los para trás!* Exatamente como num elevador somos ajudados pelo número na parede deslizando para trás, que nos mostra o andar que alcançamos, assim, com o auxílio dos mestres que nos antecederam, podemos averiguar a

que andar chegamos. Reconhecemos os marcos quilométricos e podemos prosseguir em nosso caminho encorajados e esperançosos e, quando tivermos alcançado o cume da montanha e conquistarmos um apoio firme para os pés, então podemos ajudar os que escalam depois de nós.

Uma evolução acelerada — quer de flores, quer de consciência humana — sempre envolve certos perigos, sobretudo porque este não é o caminho da Natureza. *Estes perigos, no entanto, podem ser evitados, se os conhecemos e nos armamos contra eles desde o princípio.* Pode-se subir pelas encostas rochosas muito íngremes até o topo da montanha, contanto que se esteja devidamente equipado e se saiba onde se requer um cuidado particular. Muitos escalam a montanha com um guia experimentado, outros, diferentemente, à semelhança dos conquistadores pioneiros, escalam-na sem guia. Porém, *uma vez lá, ambos estão igualmente no cume!* Devemos, portanto, conhecer os perigos de uma acelerada transmutação da energia sexual, e aprender, pelo exemplo dos precursores, como proceder com segurança.

A mais segura e excelente arma contra o perigo de qualquer espécie é *jámais perder o apoio da consciência.* Isto é, que a consciência sempre deve identificar-se consigo mesma, *aqui e agora*, não deve vaguear e identificar-se com as coisas exteriores. *Devemos firmar-nos em nossa própria consciência, jamais deixá-la ir-se,* devemos, portanto, estar sempre *alertas*, sempre *aqui!* A consciência é a flor mágica que conduz o príncipe pelo caminho até o cume da montanha, onde vive sua noiva, e que o salva de todos os perigos das trevas, que o ameaçam sob a forma de espíritos maus e gnomos, mas, também, de encantadoras fadas que desejam atraí-lo para os maus caminhos. Ele segura a flor mágica ante si, e a luz sobrenatural que ela irradia o protege dos maus espíritos, dos gnomos e fadas perigosas; afugenta-os e ilumina o caminho, para que não se transvie. *A luz da flor mágica é nossa consciência!* Constantemente, devemos examinar todos os nossos sentimentos e devassá-los com a luz da consciência. Devemos observar a mais tênue agitação de nossa mente, de nossa alma e, incontinenti, examinar sua fonte e seu motivo inconsciente. A máscara camuflante de muitos desejos, de muitos sentimentos que procedem do incons-

ciente, mas que desejamos ignorar, deve ser inexoravelmente dilacerada. Há perigos que se dissimulam como nossos benfeitores, que se fantasiam de fé e piedade sublimes. Descubramos o que se acha por trás. Quão amiúde são desejos sexuais errantes, sensualidade e perversidades que se ocultam sob a máscara de caridade, do assim chamado altruísmo, ou mesmo sob a máscara do mais elevado êxtase religioso e misticismo ostensivo. Devemos saber que, quanto mais elevada a consciência de alguém, mais simples, mais modesto e temperante, mais *desperto e calmo* ele se torna. Mas, estejamos alertas, nossa simplicidade e modéstia não devem ser uma peça a ser representada, uma pantomima. Se uma pessoa *quer* ser simples e modesta, efetivamente ainda está muito longe de o ser. Sentimentos e ondas de emoção indicam caminho errado! O que está fora não está dentro! Quão freqüentemente encontramos semblantes e gestos falsamente piedosos, mascarando a mais vulgar vaidade pessoal. Isto demonstra o desejo de já ser reconhecido como um "santo" abnegado — e particularmente importante — *a ser classificado acima de outros, mortais ordinários*. Quanto mais elevados em nossa consciência, tanto mais naturais e simples nos tornamos. Não porque o representemos, mas porque *somos como somos*. Já compreendemos e sabemos por que Cristo replicou ao mancebo que se lhe dirigiu como "Bom Mestre": "Por que me chamas de bom? Ninguém é bom, senão Deus" (Mat. 19:16,17). Se, então, alguém emite um *bom* pensamento ou palavra, ou comete uma boa ação, então, Deus está com ele, manifestando-se através dele como aquilo que é "bom". O homem superior jamais é complacente ou arrogante, porque não está envaidecido. Jamais ele está admirado de sua "grandeza" e "bondade"; ele acha natural possuí-las e jamais se supõe "grande" e "caridoso". Em sua consciência, deixou de ser a máscara superficial, a *persona*, ele se tornou o "cerne"! E se alguém sempre está consciente, seus olhos internos se abriam e, para ele, as "duas metades da árvore da ciência do bem e do mal" se uniam. Para ele, conceitos de "bem e mal" inexistirão. Ele vê apenas a árvore, que é *una*. Não deseja ou conhece coisa alguma que seja boa ou má. Tais palavras denotam mera aparência. O iluminado, no entanto, vê através das aparências; para ele, tais diferenças desaparecem. Nada existe que seja "bom" ou "mau";

existem somente as manifestações divinas, que são todas boas; apenas se o homem inconsciente as usa e esbanja erroneamente, por engano ou por ignorância, elas aparentam ser "más". Tudo é "bom". Somente no uso algo pode tornar-se satânico. Não há poderes maus, apenas poderes postos em mau uso! "Coisa alguma é boa ou má; somente o pensamento assim o faz." (Hamlet II:2)

Se estamos continuamente alertas, se não nos permitimos a mais tênue agitação emocional sem estarmos conscientes da mesma, estaremos protegidos contra a repressão ou qualquer outro efeito nocivo da vida abstinência.

Capítulo XIII

A PRÁTICA

A transformação da energia sexual é muito fácil e, exatamente por isto, a alguns parece difícil. Todos se recordam da anedota do aprendiz de alquimista que recebeu a fórmula infalível de obter ouro e lançou-se à tentativa. O mais importante requisito era que em circunstância alguma deveria ele pensar acerca de hipopótamo, enquanto preparasse e fervesse a mistura. Na manhã seguinte, quando inquirido pelo mestre como procedera, respondeu totalmente deprimido: "Segui todas as instruções e fiz tudo corretamente, e tudo teria corrido muito bem. Mas qual! Embora jamais tenha eu conhecido anteriormente o que era um hipopótamo, quando não esperava pensar nele um rebanho completo disparou em torno de minha cabeça. Portanto, minha mistura não se converteu em ouro!"

Desde que a mente do discípulo esteja em constante estado de eternidade — paciência — nossa primeira advertência, neste caminho, é que o discípulo, que é movido por convicção íntima a levar uma vida abstinência, não deve em hipótese alguma fazer qualquer voto. Porque se alguém crê que já está realmente maduro, que jamais pensará em desejos sexuais, que já se lhes sobrepôs e que seu corpo lhe é obediente, e então faz um voto, o Demônio se apodera dele, imediatamente, e inflige-lhe o terror. Ele crerá que "tudo" está irremediavelmente perdido. Doravante, ele pensará — ele deve pensar — constantemente em seu voto, estará inapto a pensar em outra coisa, quer queira quer não, como se todos os demônios fossem deixados soltos e baixassem sobre ele. Estes demônios nada mais são que "o animal que há em nós", como Paracelso denominou esta força do corpo, ou "a carne milita contra o espírito... para que não façais o que,

porventura, seja vosso querer" (Gal. 5, 17), como Paulo a descreveu. Desde que os pensamentos estão voltados para a sexualidade freqüentemente, a genitália está irritada, e o candidato continuará tendo desejos e fantasias sexuais. Imediatamente, entenderá S. Antão no deserto do Saara, o qual, durante quarenta dias, viu cenas altamente eróticas, mulheres despidas tentando-o, etc., e teve de lutar contra estas visões. Decerto, "os demônios" fizeram aparecer-lhe estas imagens. Hodiernamente, diríamos que seu "inconsciente" lhas projetou, porém, a resultante é a mesma — é apenas uma questão de nome. Finalmente, após quarenta dias, S. Antão manobrou para submeter os demônios. Em vão, porém! Eles sobreviveram e mesmo aumentaram em número, e todos baixaram sobre o pobre asceta que fizera voto.

Portanto, fazer voto não é aconselhável!

Uma vez mais, portanto, recomendamos que se deve renunciar à abstinência e levar uma vida sexual baseada em amor verdadeiro, se tormentos intoleráveis tiverem de ser combatidos. Isso não é desgraça nem pecado. Desta maneira, muito progresso pode ser feito, se bem que mais morosamente.

Todavia, se alguém persevera — a fim de alcançar estágios mais elevados tão rapidamente quanto possível, recomendamos-lhe que *olvide* completamente o voto e toda a possibilidade de fazer um e, simultaneamente, também, o que tenha sido o voto. Deve *esquecer totalmente* a sexualidade e tudo que lhe diga respeito. Muito simples, não? Se somente os demônios não existissem! Porque, mesmo se temos visto completamente através da ilusão da Natureza, e achamos todo o assunto sexual, com sua eterna repetição, muito aborrecido, a mais segura fórmula para desejos sexuais insuportáveis, que, subitamente eclodem e incitam as reações físicas correspondentes, é preocupar o intelecto com a sexualidade, a qual realmente desejamos controlar. Assim, aprendemos como o pólo negativo se manifesta e atua sobre nós, a partir de nosso inconsciente como o *espírito de resistência*. Não surpreende que em religião seja denominada de Demônio. E não é tão fácil lidar com este Demônio, vez que *Eu sou Ele*. (*Ham Sa*); *Tu és Ele* (*Tat Twam Asi*).

Excetuando-se o demônio do inconsciente, o próprio corpo não nos concede paz. Até então, o corpo se tem

ajustado a uma vida sexual, as glândulas continuam a solicitar alívio e, enquanto a energia sexual não acha o caminho para os centros nervosos superiores de manifestação, acumula-se nas glândulas sexuais. Posteriormente, quando a energia sexual *achou o caminho para os centros nervosos superiores*, através de exercícios yóguicos adequados, *e já pode manifestar-se ali*, como uma forma superior de força criadora, a transformação é muito mais fácil. A pessoa tem, também, muito mais paz. O período inicial é o mais difícil, precisamente porque a energia sexual, *inapta para achar uma saída*, irrita a genitália muito mais. Assim, de início, a pessoa tem uma dupla dificuldade a vencer: de um lado, sua imaginação e seu intelecto não a deixam em paz, por outro lado a energia sexual reprimida estimula-a ainda mais que antes. *Mas isto é exatamente o de que se precisa!* Porque esta excitação excessiva se reflete gradualmente nos centros nervosos superiores, irrita-os, e esta irritação desperta-os de sua latência e letargia, como o príncipe desperta a Bela Adormecida com seu "beijo" (sendo o "beijo" a manifestação sexual). Se, portanto, a pessoa tiver lutado e vencido contra as primeiras dificuldades, se se tem resistido e sobrepujado a irritação mental e física, a transformação é então muito mais fácil — como recompensa. Todavia, é também muito importante que permitamos à energia sexual ascendente e excitante manifestar-se através dos centros nervosos superiores, para escoar-se através deles. Qual a melhor ajuda, aqui?

Os exercícios yóguicos, concentração, meditação e trabalho! Trabalho físico e intelectual!

O primeiro dos exercícios yóguicos é *Pranayama*, isto é, controle respiratório.

Só podemos aprender, realmente, a importância do controle respiratório, se compreendemos o fato de que toda cópula imita a respiração, isto é, a união rítmica da respiração com os pulmões. Cada respiração que efetuamos é um ato tão doador de vida como o encontro dos sexos. A respiração nos concede renovação vital a cada inspiração, enquanto a cópula dá vida a um novo ser. Eis por que a respiração correta nos dá uma gratificante sensação prazerosa bem semelhante à cópula.

O *Pranayama* e os exercícios físicos — conhecidos pelos indianos como *Hatha Yoga* — servem para revigorar e espiritualizar o corpo em geral, por isso certamente tornando-o e mantendo-o hígido. Estes exercícios foram descritos minuciosamente em *Yoga e Saúde*, que publiquei conjuntamente com meu colega, Selvarajan Yesudian. O presente livro é realmente uma sequência. Daí eu mencionar aqui somente as *Asanas* que são particularmente ajustáveis aos abstinentes. Estes exercícios fazem o sangue fluir dos extremos inferiores aos superiores do corpo e à cabeça, por isso acalmando a genitália e despertando os centros superiores. Depois, seguem-se as descrições de exercícios especiais para a transmutação da energia sexual em energia espiritual,³² e do exercício que nos habilita a controlar e usar a energia vital como fogo mágico, animador.

SARVANGASANA (*Pose da Vela*)

O efeito desta é conduzir sangue das pernas, do abdômen à cabeça e centros cerebrais, pescoço e ombros. Por isso, fortalecemos os órgãos do cérebro que são o manancial da memória e do poder de concentração. Fortalecemos, também, a tireóide que está situada no pescoço, a qual dirige nosso intelecto, o coração e nos provê do sentido do tempo. Assim, a pressão sobre o coração é reduzida e sua atividade regulada por compensação.

Técnica: em decúbito dorsal, pressionam-se os braços que se acham estendidos paralelamente ao corpo com as palmas das mãos voltadas para o solo. Expira-se calma e profundamente; lenta e cuidadosamente elevam-se as pernas estiradas, até atingirem a vertical. Em seguida, eleva-se o tronco, sustentando-o com ambas as mãos na região renal, até que forme uma reta com as pernas. Respira-se abdominalmente e mantém-se a posição até sentir-se cansado. Depois, lentamente, desfaz-se: primeiro o tronco e as pernas estiradas, e fica-se deitado por alguns momentos no chão, respirando tranqüila e regularmente, o que restaura a circulação sangüínea em seu curso normal. Ao

32. A energia espiritual se chama *odshas* — *chakti*, outros grafam *odjas*. (N. do E.)

executar-se o exercício não deve haver movimentos bruscos e tensos, que podem prejudicar o coração.

VIPARITA-KARANI (Parada sobre os ombros)

O efeito desta *Asana* é semelhante ao da “postura da vela”; a execução, porém, é mais simples.

Técnica: em decúbito dorsal, braços paralelos ao corpo, expira-se e lentamente elevam-se as pernas. Sustentando-se os quadris com as mãos, as pernas são descidas obliquamente para trás da cabeça. Nisto, a *Asana* difere da “postura da vela”. Também os quadris, e não o tronco, são sustentados pelas mãos. Respiração abdominal lenta, mantendo-se a postura enquanto possível, sem cansaço. Depois, retorna-se ao decúbito dorsal lenta e controladamente e retorna-se à calma, controlando-se a respiração e, concomitantemente, suavizando-a.

SHIRSHASANA (Pouso sobre a cabeça)

O efeito é similar ao da “postura da vela”, porém os centros cerebrais mais elevados, em latência e letargia no homem comum, são mais poderosamente afetados. Estes centros são ativados pela *Asana*. Por isso, obtém-se acesso à conscientização da força criadora inerente em nós, a memória é estimulada e o potencial mental superior despertado.

Técnica: na posição inicial, ajoelha-se no chão e senta-se nos calcanhares. As mãos com os dedos entrelaçados, no chão. Depois a cabeça é curvada para baixo e aproximadamente o cocuruto colocado no chão entre as mãos acopladas. Os joelhos no chão, não muito longe do corpo. Em seguida, o tronco é alçado e as pernas estiradas. Quando se obtém o equilíbrio, elevam-se ambas as pernas estiradas, até a verticalização. Podem-se erguer as pernas alternadamente ou simultaneamente. Mantém-se a posição, com a respiração regular e, enquanto possível, sem tensão.

Inicialmente, esta pose apresenta dificuldades ocasionais. Se tal acontece, devem-se começar as tentativas em um canto de uma sala ou em frente a um móvel, que permita alguma sustentação às pernas verticalmente erguidas, caso necessite.

Ao retornar-se à posição inicial, dobram-se as pernas e, procedida a genuflexão, senta-se sobre os calcanhares. Desta maneira, experimenta-se uma sensação de paz, durante alguns momentos. Em hipótese alguma, deve-se sair da pose sobre a cabeça, ou fazer qualquer outro movimento, bruscamente.

ODSHAS (Transmutação)

Este exercício é o mais importante e o mais atuante para a transformação da energia sexual. Sente-se em *Padmāsana* (postura de Lótus), execute perfeitamente a respiração Yogui e, com a imaginação ativada, visualize que *você mesmo*, sua consciência, portanto seu Ego espiritual, desce ao cóccix a cada inspiração e, daí, com expiração lenta, ascende pela espinha, isto é, em plena autoconsciência, lentamente, você ascende ao cérebro que é a sede do *chakra Shahasrara*. A descrição deste exercício é muito simples e, portanto, ela nos habilita a derivar toda a irritação das gônadas para os centros superiores, onde se armazena a energia sexual como poder criador, contanto que se faça o exercício com correção. É, portanto, de todos, o exercício de transformação mais importante que há, posto que nos ajuda a *conduzir* a energia sexual, para cima, aos centros superiores, a fim de manifestá-la e usá-la através destes centros em sua forma transmutada em força mago-criadora.³³

Deve ser nossa primeira tarefa, com o auxílio da energia sexual, aumentar a resistência dos órgãos, nos quais, até então, a força criadora tem estado letárgica. A resistência deve ser elevada a um nível que permita à força criadora deixar sua condição de latência e tornar-se ativa. *Não mais* se apresenta como energia sexual, mas como força mágica espiritual. O progresso depende de aprender o exercício seguinte: conduzir a força espiritual, que *eu próprio sou*, a toda parte em meu corpo, isto é, penetrar em todo lugar com meu Ego e mandar minha irradiação para todo o meu corpo. Pois não é suficiente transformar a energia sexual, meu próprio Ser materializado, e, concomitantemente, conduzi-la ao alto, para os centros supe-

33. *Odshas shakti*. (N. do E.)

riores, porém, melhor, com a ajuda destes mesmos centros superiores, nossa meta suprema é irradiar e usar a energia vital como poder mágico. Não basta fazer a pedra filosofal. Devemos saber *como e para que fim* ela pode ser usada. Do contrário, é inútil possuir a varinha de condão. Se não a podemos usar, então, não somos magos.

Este exercício é, realmente, muito simples. Importa em *redirigir a consciência* de modo que atraia a ajuda da força mago-criadora, tornando-se, deste modo, um ato mágico e vitalizador. Que o fez tomar conta destas qualidades? O fato de *eu mesmo*, conscientemente, tornar-me este poder. *O EU é vida, e onde EU conscientemente ESTOU, há, também, VIDA. Onde quer que EU conscientemente penetre, tudo se torna vital e doador de vida.* Quem considerar estas duas sentenças e compreendê-las corretamente conhece todos os segredos da vida e da morte.

A técnica do exercício é como se segue: com o perfeito controle respiratório do Yoga, tomamos uma respiração profunda e inspiramos deliberadamente para os ápices pulmonares. Depois com a expiração, que deve ser lenta e algo controlada, dirigimos a consciência, primeiramente, às extremidades dos artelhos, quer dizer, *eu próprio vou até lá com meu Ego*. Sentimos distintamente como se gera uma corrente nos pés, bem como um calor incipiente, que, mais tarde, quando estamos mais práticos, torna-se um calor ardente, uma sensação de formigamento cálido.

Inicialmente, praticamos assim durante cinco a dez minutos; posteriormente, prolongaremos o período; em hipótese alguma pode o exercício ser nocivo. Não carecemos olhar o relógio. Durante o exercício, saberemos, exatamente, quando a concentração, gradualmente, começa a falhar e podemos parar então.

Sem concentração perfeita, isto é, se não estamos completamente envolvidos, não há em absoluto eficácia no exercício. A melhor posição para a execução é o decúbito dorsal, de modo que o sangue possa circular equilibradamente no corpo. Na ocasião, podemos sentir os pés sendo carregados com altas frequências de consciência concentrada, e uma quentura formigante subir pelo corpo. Conseqüentemente, podemos despertar a consciência juntamente com a irradiação e carregar as pernas com energia vital superior. Depois, podemos começar a irradiar as

mãos, primeiro a direita, depois a esquerda, em seguida, ambas, simultaneamente, até que elas também sintam o calor e formiguem. Podemos ampliar o processo a todo o tronco, ao corpo, de modo que tenhamos uma sensação geral de vitalidade crescente como de formigamento morno, como de calor mesmo. Tornamo-nos despertos em todo o corpo! O corpo recebe esta irradiação como um vaso aberto e começa a *viver* muito mais intensamente. Todo o corpo, da cabeça aos artelhos, à ponta dos dedos, começa a viver e a estar desperto em toda a parte com tal intensidade e vitalidade que se sente pleno de luz, com intensos raios de luz.

Isto é positivamente mais do que uma sensação. Isto demonstra que, com este exercício, desenvolvemos um corpo etéreo tecido de luz. Alguns místicos denominam esta invisível luminária de "corpo de diamante". A Bíblia o descreve nos Evangelhos. Cristo apareceu a três de seus discípulos no monte Tabor com o "corpo transfigurado". Seis dias após, Jesus tomou Pedro, Tiago e João, seu irmão, e os conduziu ao alto de um monte. E transfigurou-se diante deles: "Sua face brilhou como o sol, e seu vestuário ficou branco como a luz." (Mat. 17:1-8) "E seu vestuário se tornou brilhante, extraordinariamente branco como a neve; tanto como nenhum lavadeiro na terra pode alvejá-lo." (Mat: 9-2-3)

Exatamente como por meio de eletricidade, podemos tornar magnífico (vivo) um pedaço de metal "morto", por meio deste exercício podemos magnetizar o corpo humano — vivificá-lo. Assim como o magnetismo é uma força mágica, assim o corpo humano se torna capaz de a manifestar e emitir força e energia mágica humana. Dessa forma alcançamos o domínio sobre a energia mago-criadora. É verdade que isto só pode ser atingido com a energia sexual transmutada.

Justamente como a energia sexual pode gerar um novo ser vivente, uma criança, da mesma forma esta energia doadora de vida pode criar uma nova criatura viva *em nós*, pode dirigir a energia vital de uma nova criatura viva dentro de nosso próprio corpo. Assim o velho mortal "Adão se torna o novo e ressurrecto imortal" — Cristo-homem. Da energia amplificada da consciência superior sobe, cresce, uma vitalidade ampliada, cuja alta frequência não tolera bactéria, nem vírus. Isto

explica a imunidade dos homens-Deus em relação a qualquer doença. Mesmo se alguém ainda não se tornou um homem-Deus, já pode usar a força extra da consciência aumentada, conforme o nível individual, inicialmente; depois, de modo modesto, em seguida, de modo sempre mais elevado e mais espiritual.

Se há qualquer perturbação no corpo, podemos focalizar esta irradiação com toda intensidade sobre o local. E devemos descobrir, com admiração, que, através da energia vital focalizada, as dores desaparecem — o mais das vezes subitamente — e o catarro e outras desordens físicas são curadas. As frequências da consciência são incomparavelmente mais altas do que as das ondas-curtas, raios X, ou *radium*. Naturalmente, o efeito é incomparavelmente maior, também.

Podemos produzir miraculosos efeitos, não somente em nosso próprio corpo, mas, se formos eficazes na direção da consciência, podemos dirigir esta alta frequência também para outras criaturas vivas. Assim fazendo, estabelecemos a ordem em seus corpos. A esta altura, hesitamos em prosseguir. Se ponderarmos quão nocivamente indivíduos ignorantes, inferiores e fúteis abusam deste assunto, compreendemos por que melhor é silenciar. Grandes magos, como Mesmer, du Potet, Marquis, Puységur e outros falaram francamente sobre o assunto. A consequência inevitável, então, como agora, é que os ignorantes começam a brincar com esses poderes. Usualmente, por vaidade, querem agressivamente *magnetizar* outrem, que absolutamente não deseja isso. Assim fazendo, transmitem sua própria irradiação impura para a outra pessoa em sofrimento, a qual, como resultado, depois adoece realmente ou fica pior do que estava. Portanto, restrinjam nossa ambição de aquisição de vitalidade ampla para nós mesmos e a aprender a dirigi-la e a usá-la apropriadamente. Vivifiquemos e despertemos nosso corpo!

Quem faz tais exercícios *por verdadeiramente desejar Deus* terá experiências internas de tão inusitada natureza, que muitas portas secretas se lhe abrirão e, mais cedo ou mais tarde, por verdadeiro e não para ser admirado — quererá e, em verdade, estará apto a auxiliar a outrem. A esta altura, não carece mais de aprender com alguém com que finalidade sua própria irradiação superior pode ser usada

e ampliada. Nem Inácio de Loyola, Pai Barré ou Valentin Greatrakes aprenderam de alguém como curar maníacos e outras pessoas seriamente doentes. Eis por que não prosseguimos no assunto.

Pratiquemos, então, com vontade férrea, e a chave para transmutação de energia sexual em força criadora divina será posta em nossas mãos.

Todavia, gostaria de repetir uma parte da advertência. Durante os exercícios yóguicos, jamais pensemos que praticamos por desejar tranquilizar as gônadas, para habilitar-nos a levar uma vida abstinência. Pois o Diabo jamais dorme, e se voltamos os pensamentos para a genitália, ela se irrita e desperta sob a direção da consciência. Portanto, ao praticarmos o Yoga, pensemos em saúde, paz e equilíbrio, mas, em particular, tentemos despertar, experimentar e praticar o senso de plenitude.

Tentemos experimentar intimamente o senso de independência. Despertemos em nós mesmos a segurança de que, sob nenhum aspecto, necessitamos de um complemento, de que carecemos de auxílio externo, que *esperamos* amor de outrem, mas, ao contrário, que nos *doamos*, que temos e somos tudo — tudo — em nós. *Eu sou um todo!*

Este sentimento nos dá inabalável autoconfiança, destemor e coragem! Ele se torna um estado de ser permanente em nós. Estamos sempre contentes, porque temos tudo em nós. Este estado ajuda muitíssimo contra quaisquer desejos sexuais. *Pois, o desejo sexual é oriundo de um sentimento de deficiência, da busca de uma metade complementar que nos falta, sem a qual nos sentimos sós e abandonados.* Se, no entanto, achamos tudo em nós mesmos, se somos um *todo*, que mais queremos? Que nos pode faltar?

O efeito benéfico geral dos exercícios da Hatha Yoga pode ser mais reforçado pela atividade física. Do mesmo modo como as técnicas da Hatha Yoga, o trabalho físico nos auxilia a guiar nossos pensamentos, drenar dos órgãos genitais os excessos do fluxo sangüíneo. A energia sexual é energia vital que o homem pode reter para seu corpo. Uma boa maneira de conseguir isto é associar trabalho físico e exercícios de Yoga. O trabalho não somente ocupa o corpo e distribui o sangue equilibradamente pelos mús-

culos, como, também, engaja o intelecto, impedindo, por isso, que os pensamentos vagueiem em direção errada. Fora de sua busca espiritual, frades e freiras trabalham em horta e jardim, ou nas várias oficinas do mosteiro. Podemos executar outras espécies de trabalho físico ou praticar esportes. Todavia pode acontecer que, no curso da atividade puramente física o intelecto fuja intermitentemente, em direção errada, enquanto estivermos descascando batatas, remando, jogando tênis, ou o que quer que estejamos fazendo. Somos tentados novamente a pensar que o propósito de nosso trabalho é dirigir a energia sexual para novos canais, tanto que previnamos excessiva vascularização dos órgãos genitais. Isto, contraproducentemente, dirige todos os pensamentos, toda a consciência e, conseqüentemente, todo o fluxo sanguíneo, exatamente para tais órgãos. É estranho dizer, já destas primeiras batalhas, ganhamos a utilíssima experiência de que não é o corpo o causador do desejo sexual, não é o corpo que nos perturba, mas o intelecto! Contra isto, pode-se argüir que a libido influencia o intelecto a partir do inconsciente. Admite-se, mas apenas até um certo momento, enquanto a energia sexual acha o caminho para os centros superiores. Porque se progrediu tanto em sua própria experiência, que a energia sexual transformada pode manifestar-se como força criadora, então ela não é mais reprimida no subconsciente e não atua mais, dali, como veneno. Mesmo então, se se deseja, a energia sexual pode ser reconduzida à genitália e gasta como energia sexual *com o auxílio do intelecto*. O intelecto é capaz de mover o volante, onde quer que a consciência ordene. E, já no início de nossa luta com a energia criadora, conhecemos a magnitude da tarefa que o intelecto tem a realizar em nosso caminho para Deus. Quão abençoada é esta serpente que, por seu "serpear", não somente conduz a energia vital para baixo, como igualmente para cima, em direção a Deus — se nossa consciência a domina!

Estamos bem conscientes de que na puberdade, o corpo, com a força elemental, se torna sensível. A tensão vital é alta e a energia sexual muito potente. Eis por que se o jovem *adolescente* controla a energia sexual e a converte em força criadora espiritual, pode *fazer o progresso mais rápido na senda espiritual e alcançar Deus!* O jovem dispõe do combustível mais rico em calorias

para estimular os centros superiores! Vemos, entretanto, que para os animais sexualmente potentes a sexualidade representa uma parte muito menor em sua vida do que para as pessoas que, com o auxílio do intelecto, frequentemente reforçam e aumentam as relações sexuais. A importância insuspeita da atitude com respeito às gônadas é demonstrada por experiências que certas pessoas tiveram em situação de perigo.

Depois do sítio de Budapeste, em 1945, muitos homens e mulheres que testemunharam o terrível banho de sangue ficaram impotentes pelo indescritível medo da morte. Como os órgãos sexuais ficaram sabendo que a pessoa carregava o medo da morte, na consciência? Como sabe a genitália do homem e dos animais que a progênie não deve ser gerada em tempo de perigo mortal? Os naturalistas estão muito familiarizados com a alta sabedoria da Natureza, que se manifesta na ocasião de desastres. O medo da morte, em Budapeste, provocou amenorréia em muitas mulheres e impotência em homens. De outra parte, conhecemos o caso de um homem a quem uma mulher-soldado inimiga quis seduzir à força, e, desde que ele não demonstrou qualquer desejo, ela tentou compeli-lo com a ponta de um fuzil. O homem que, naquele momento, estava alarmado com a aparente perda total da potência — ele esteve impotente por algum tempo — subitamente, puramente por medo da morte, ao ser ameaçado com o fuzil, a despeito de sua aversão pela estrangeira agressiva, tornou-se capaz de gratificar-lhe o desejo. Neste caso, o medo da morte produziu exatamente o efeito oposto — restaurou-lhe a potência.

Poderíamos arrolar mais exemplos que provam o quanto a mentalidade de alguém afeta a genitália e, deste modo, a libido também. Mas a maneira como a Natureza pode reagir com resistência — o princípio básico da homeopatia — é mostrada em outro caso. Um homem que há muito tempo estava impotente determinou, por fim, explorar esta condição, para tornar-se “santo”, vez que teria de levar uma vida abstinência de qualquer maneira. Muito curioso: no momento em que tomou esta decisão, seu corpo reagiu manifestando uma potência até então insuspeita! Portanto, neste caso, também, o obstáculo não se apresentava no corpo, mas na mentalidade, um produto da mente.

Assim, no próprio início da vida abstinência, descobrimos muito conscientemente o inimaginável poder efetivo do intelecto e do pensamento! E com isso fizemos a primeira descoberta e pessoalmente a experimentamos. O primeiro e o mais difícil passo foi dado!

Portanto, com o auxílio de trabalho físico, podemos desviar a energia da genitália; mas isto é eficaz se, por um processo paralelo, nós então desviarmos, silenciarmos o arquiiinimigo — a serpente primitiva: o intelecto, nossos pensamentos — e perseverarmos até dominarmos a energia sexual. A melhor maneira de consegui-lo é ocupar o intelecto com algo. “Duas coisas não podem ocupar um mesmo lugar simultaneamente”; portanto, devemos repelir do intelecto todos os pensamentos sexuais, substituindo-os *por pensamentos de espécie diferente*. Dissemos que a vida abstinência não deve ser encetada enquanto o desejo sexual não nos abandonar por si mesmo como um fruto maduro abandona a árvore. Surge agora uma pergunta: se uma luta ainda é necessária, por que nos comprometemos nela totalmente?

Primeiro: Não há tais causas como — “eu devo”, “eu tenho que”. Advertimos somente aos que desejam praticar Yoga com o fito de fazerem o mais rápido progresso possível, porque eles sentem no imo o *insaciável desejo de Deus*. Uma coisa, entretanto, não devemos olvidar: alguém que haja progredido tanto, interiormente, que por *convicção* deseje renunciar à sexualidade e usar a energia sexual meramente como combustível para estimular os centros nervosos e cerebrais superiores (uma comparação grosseira seria o aquecimento das válvulas de um rádio pela corrente elétrica), ainda tem “um animal em si mesmo”, como Paracelso formulava. Mesmo então, essa pessoa tem um corpo, e nele as glândulas que previamente eram usadas para regular a gratificação sexual. Desde que as glândulas são incapazes de entender por que seu possuidor, subitamente, deseja dedicar-se à abstinência, elas continuam a reclamar o alívio (atendimento a) da tensão causada pelo acúmulo de energia sexual. A Natureza, entretanto, é muito elástica! Pelo mesmo modo como as glândulas desenvolveram aptidões para alívio regular da tensão, pode-se gradualmente removê-las deste hábito com o auxílio do intelecto conscienciosamente controlado e

com exercícios yóguicos adequados. Decerto, demora mais em alguns casos do que em outros, até que a pessoa, qualquer que seja o sexo, esteja apta a adaptar as glândulas e afirmar sua vontade também no corpo. Aprenderá, no processo, como libertar-se das limitações do corpo e tornar-se o senhor de sua própria casa. Será auxiliado pelos exercícios yóguicos, físicos e espirituais intimamente ligados, já mencionados, e por *atividade criativa*. Porque só podemos abrir os centros superiores *se lhes dermos a oportunidade de emanar o poder criador*.

Os exercícios que nos auxiliam a transmutar a energia são, principalmente, de natureza espiritual. Os exercícios físicos são auxiliares na elevação do poder criador aos centros superiores; os espirituais, de outro lado, no uso de tal poder. Devemos aprender como controlar os pensamentos e o intelecto e como dirigi-los para onde queremos. Devemos aprender *a pensar acerca do que queremos pensar*, e não acerca de assuntos a torto e a direito, que os pensamentos introduzem na mente e nos compelem a refletir sobre eles. Quanto isto é discutido, quão poucos são os que se dão ao trabalho de tentar pô-lo em prática, mesmo entre os praticantes ardentes! Muitos esperam que os exercícios físicos yóguicos aperfeiçoem sua concentração *sem seu esforço pessoal*. A verdade é exatamente o oposto: só podemos executar os exercícios físicos yóguicos adequada e eficientemente se focalizarmos toda nossa atenção para dirigir nossa concentração para o interior. *A única possibilidade de se aprender a concentrar o pensamento é precisamente pela concentração. Não há feitiço mágico que permita aos preguiçosos concentrarem-se sem o próprio esforço íntimo!* Por meio das *Âsanas* podemos incrementar o suprimento sanguíneo dos centros cerebrais, tornando-os assim mais potentes e vitalizados, por conseguinte, mais aptos a obedecer-nos e servir-nos melhor. Os centros cerebrais, todavia, só podem obedecer, se houver algo lá para comandá-los e usá-los apropriadamente. E, uma vez mais, este "algo" nada mais é do que nós mesmos! Quem e o que mais? Portanto, comandemos nossos centros cerebrais, enviemos uma grande quantidade de energia ao cérebro e pensemos o que quisermos e como quisermos, *não como os próprios pensamentos sugerem*. Para isto, podemos tomar a energia sexual transmutada, que não gastamos, mas retivemos

para nós mesmos. Certamente o poder de concentração pode ser ampliado e os altos níveis espirituais atingidos sem vida abstinência. Porém, obtemos resultados incomparavelmente mais rápidos e efeito notavelmente mais forte, se retemos o fogo vital para nós mesmos. A energia sexual é a forma de manifestação de *meu próprio Ser* — eu sou ele, mesmo se assim inconscientemente. Compreendemos, portanto, que se não despendo a energia sexual — portanto, eu mesmo — mediante o corpo, mas preservoo em mim e para *mim mesmo*, eu *me* fortaleço, e por conseguinte minha *força de vontade* e minha *irradiação mágica sugestiva*. Posso, portanto, ampliar imensamente minha habilidade de ser *eu mesmo*.

Devemos fortalecer nossa influência sobre o corpo. Se as glândulas estão irritadas e projetam fantasias e desejos sexuais na tela da consciência, não nos deixemos ir, mas inquiramos a nós mesmos: “Quem é mais forte: eu ou o desejo sexual de meu corpo? Decerto que eu!” e, imediatamente, nos ocupemos muito intensamente com alguma coisa que atraia nossa atenção. Aprendemos que jamais dois objetos ocupam, simultaneamente, o mesmo lugar no espaço e, assim, como outros pensamentos, expulsamos do intelecto os pensamentos sexuais. E — eis a surpresa — o corpo obedece e os desejos sexuais silenciam. Então, se vamos passear e observar o vôo dos pássaros, se vamos pescar e nos concentrar até um peixe ser frito, se permanecemos em casa e praticamos Yoga ou lemos um livro interessante, se tocamos piano ou outro instrumento musical, se praticamos jardinagem ou amestrarmos nosso cão, ou pura e simplesmente atendemos nossa faina diuturna... depende de cada indivíduo. Duas pessoas não têm os mesmos interesses, nem o mesmo destino. Cada um e todos devem e podem sentir em si seu talento, inclinação e oportunidade e aquilo que interesse tão intensamente, que faça olvidar os desejos sexuais. Não faz diferença como desviemos a atenção do desejo sexual; o importante é *que a desviemos!*

Como reage o corpo a este nível? Enquanto estamos completamente absortos na atividade criativa, o corpo não reage em absoluto. Ele aprecia ser carregado com frequências mais altas por meio das quais fica mais sadio e compartilha do iluminado estado do *EGO*. Pode suceder que, ao terminar uma tarefa continuada, seguida de alguns

dias de repouso, o corpo se manifeste, primeiramente, por sonhos eróticos durante o sono e, depois, também quando em vigília. Obviamente, ainda não estamos, portanto, ao nível em que estejamos sempre conscientemente aptos a dirigir o corpo, isto é, dirigir a corrente vital. Deste modo, continuamos a praticar os exercícios de Yoga e recomeçamos a trabalhar com toda a energia e concentração.

Se alguém pode usar sua energia em trabalho criativo e ainda tem dificuldades insuperáveis com o corpo, aconselhamos-lhe pacificá-lo com uma vida sexual normal. Em verdade, o corpo deseja gratificação sexual menos frequentemente do que imaginam aquelas pessoas que não deixam as glândulas em paz, mas as excitam com alimentos intensamente condimentados, bebidas estimulantes, excitantes leituras e filmes obscenos. Isto apenas sobrecarrega as glândulas, enfraquece-as prematuramente e as condena ao envelhecimento. Os animais demonstram quão raramente a Natureza deseja o intercuro sexual.

Tudo depende *do que* desejamos. O desejo é o poder supremo e nos leva exatamente aonde “queremos” ir — aonde “queremos” ir *com todo nosso ser!* A este respeito, aconselhamos em particular: abster-nos de orar a Deus, pedindo SEU auxílio na superação do impulso sexual. Lembremo-nos de que Deus habita em nós, além da nossa consciência humana, no grande *inconsciente*, e ELE mesmo — Deus — quer acelerar nosso progresso na senda da evolução. Portanto, ELE nos ajuda em qualquer caso — comumente, ELE certamente nos força — muito mais do que o homem inconsciente suspeita — porque Deus, *ele próprio, deseja tornar-se consciente em nós e através de nós.*

Todavia, a fim de orar a Deus para remover nosso desejo sexual (o que, lamentavelmente, muitos fazem absolutamente à parte do fato de que tal coisa é infantilidade), voltamos a concentrar-nos na sexualidade, voltamos o intelecto mais uma vez para a genitália — e o inferno está solto! Não peçamos a Deus para ajudar-nos a sobrepujar nossos desejos sexuais. Melhor é que nos *ajudem a nós mesmos!* Quem quiser alcançar o estágio supremo, divino, e cujo anseio por Deus é tão intenso e profundo que não esteja interessado em qualquer outra coisa, será conduzido por seu forte *querer* ao caminho em

que pode, sem tormento, livrar-se dos pensamentos e desejos sexuais, bem como devotar-se, com os nervos calmos, à transmutação de sua energia, sem pedir auxílio. Se todavia alguém, que já esteja em nível superior, de vez em quando capitula ante seu impulso sexual, isto não é uma desgraça, nem um pecado! Ele ainda é um ser humano de carne e sangue e ninguém o proibiu de usufruir de sua sexualidade. Exatamente por isso, ele não deve fazer voto, no início da senda, tanto que não venha haver motivo de vergonha se, algum dia, não obstante o voto, submeter-se aos desejos sexuais: vergonha não porque tenha desfrutado de sua sexualidade, mas porque *quebrou o voto*. Para o que passou não pode haver auxílio, e se ele teve alguma união sexual com sua amada, honestamente, por amor genuíno, com devoção interna e desejo físico sadio, não deve absolutamente olhar-se como um homem fraco, decaído e pecaminoso. Por que o deveria? Deus não nos antepôs barreiras e não estipulou que *devemos* levar vida abstinência. Portanto, não ditemos a nós mesmos o que devemos ter, mas perguntemo-nos o que queremos ter. Se o desejo pela liberdade for maior do que a força do corpo, então *o que fizermos é por nossa própria iniciativa!*

Então, continuemos a praticar. Um dia conseguiremos acalmar as glândulas pelo constante desvio do pensamento, e elas não nos perturbarão mais. Podemos continuar a jornada pela senda da evolução espiritual. No que concerne aos homens, este ponto é um novo teste. Porque os homens sentem, mesmo inconscientemente, que a energia sexual é de muito maior significância para seu próprio ser do que a procriação de uma nova geração. Nas profundezas de si mesmos sentem que a energia sexual é o ser humano. Isto explica por que os homens — já na infância — protegem a genitália, que identificam com a energia sexual, com meticuloso cuidado e a defendem de qualquer dano possível. Têm o sentimento, absolutamente correto, de que algo irrevogável e terrível aconteceria se perdessem o órgão da virilidade e, com ele, a potência. Os machos sentem instintivamente que, *pela perda de energia sexual em sua manifestação material, eles mesmos seriam destruídos*.

O seguinte incidente característico pode ilustrar e ajudar-nos a compreender esta prova: tínhamos um amigo

muito valioso e espiritualmente superior, que se tornara frade para poder dedicar toda sua vida, consciente e sinceramente, à busca de Deus. Era um homem forte e animado. Durante noites consecutivas não pôde de modo algum conciliar o sono, porque o corpo não lhe concedia paz. Fazia tudo que podia, mas o Diabo, aparentemente, ainda não o abandonara. Um dia nosso amigo procurou-nos, obviamente em desespero. "Pense apenas que", disse ele, "subitamente posso dormir muito bem, posso concentrar-me em meu trabalho, tranqüilo, meu corpo cessou de reagir, não me perturba mais. Meu Deus, você acha que me tornei impotente?" Tive de rir estrondosamente: "Escute", disse-lhe, "por longo tempo você praticou com afinco para acalmar as glândulas, de modo que pudesse livremente dedicar-se ao progresso espiritual. E agora, que seus esforços para conduzir a energia sexual aos centros superiores foram coroados de êxito, você está alarmado, alarmado porque conseguiu o que tão zelosamente buscava e almejava? Não se apoquente, você não ficou impotente. Muito ao contrário. Você se aproximou de tornar-se o manancial de toda a potência."

O homem é assim — mesmo um caráter tão forte e resoluto como nosso amigo frade! Isto são "doenças de infância" que o homem tem de transpor antes de ter obtido experiência, se já não nasceu como um "ungido" ou "escolhido". E não há desgraça em contrair tais "doenças". "Estreita é a porta, apertado o caminho que leva à vida..." (Mat. 7:14), disse o Cristo, e ele sabia o que dizia. Também ele lutou pelo reino do céu e jejuou no deserto durante quarenta dias, e exatamente quando se converteu de Jesus de Nazaré em Cristo, a tentação do Demônio foi mais forte que nunca. Naturalmente, o "Demônio" não nos poupa tampouco, mas devemos recordar este grande exemplo e saber que a *vitória é possível!*

Decerto, mesmo então, se alcançamos o estágio em que as glândulas não nos perturbam, pode suceder que, por exemplo, se houver um "vento sul", elas ressuscitem e projetem pensamentos em nós. Neste caso, praticamos exercícios yôguicos e continuamos a ocupar-nos em atividades física e mental, tudo o que repetidamente e cada vez mais eficazmente nos auxilia e acalma. Mesmo se as portas para os centros superiores tiverem sido abertas para

a energia sexual, por algum tempo ela ainda refluí pelos canais mais baixos de manifestação, onde atua como energia sexual física. O caminho antigo, uma vez alargado e facilitado, ainda seduz e atrai a corrente vital para si.

O passo seguinte já nos proporciona alegria muito maior. Nossa luta não é mais, tão-somente, para apaziguar os órgãos genitais e lograr o controle dos pensamentos, porém, nesta fase começamos a usar a energia sexual dirigida para longe da genitália, transmutada *em força espiritual*. O primeiro grande passo foi dado — as portas, até então cerradas aos centros superiores de manifestação, abriram-se. Como podemos, agora, aplicar esta força espiritual?

Isto nos rememora a grande sabedoria emitida por uma coruja ao mágico, em um filme de Walt Disney. O mágico desejava explicar a uma criança quais as penas usadas por um pássaro para ascender do chão, e quais as que usa para manter as asas em movimento no ar. A coruja escuta, por algum tempo, e, depois, diz, irritada e cheia de desprezo: "Extravagante tentativa de explicar como aprender a voar. Aprende-se a voar, simplesmente, *voando*." Quão sábio, quão verídico! Também aprende-se a transmutar a energia sexual simplesmente transformando-a. Sejamos plenamente claros quanto a isto. Que significa transmutar a energia sexual em força espiritual? Há, no homem, um aparelho no qual as vibrações, a frequência da energia possa ser transformada e transmutada em diferentes formas de manifestações? Sim, há inúmeros. São os *chakras*, que não somente expedem raios, mas funcionam também como transformadores. Sabemo-lo todavia, apenas, intelectualmente. Se uso os centros nervosos, a sede dos *chakras*, experimento as diversas vibrações, não como "vibração", ou "frequência", mas diretamente como estados conscientes de ser. Exemplifico com o ouvido, isto é, os nervos auditivos que recebem todas as vibrações sonoras e as comunicam à minha consciência. Embora, intelectualmente, eu tenha aprendido que os sons são vibrações e que os diferentes sons têm diferentes frequências, minha consciência não as perceberá como diferentes vibrações, mas escutá-las-ei muito simplesmente como *sons*. Serei incapaz para notar o número de vibrações, mais ou menos, de um som comparado com outro; porém ouvi-lo-ei como sons entoados mais baixo e mais alto.

Assim ocorre com o poder criador. Em suas vibrações inferiores, sou incapaz de notar como *vibram*, mas as sentirei e notarei *em meu corpo* como impulso sexual. Em suas vibrações superiores — em minha alma — eu as sentirei como amor; como impulso espiritual para a unidade. Ainda mais altas, como impulso para a manifestação criadora, como talentos naturais, como intuição e ideais criativos. Em suas frequências mais altas eu *serei* elas, com um estado puramente espiritual de ser como EU SOU.

Exatamente como as orelhas e os nervos auditivos me possibilitam ouvir os sons, de modo que sou consciente dos sons, mas não das orelhas e dos nervos auditivos, assim, por meio dos vários órgãos de manifestação e os *chakras*, tomo consciência do poder criador como impulso sexual e como sentimentos e estados diretos de ser. Sinto a ativação dos centros nervosos e cerebrais superiores, apenas na extensão em que, subitamente, eu me torno intuitivo, em que tenho idéias criativas e inclinação para o trabalho criativo, em que talentos insuspeitados vêm à luz, em que há um notável aumento em minha força de vontade e poder de concentração, em que me torno auto-suficiente e noto, por minha influência sobre outrem, que adquiri poder sugestivo e, como resultado, tornei-me o centro de atenção. Portanto, não devo esperar que os *chakras* e sua sede, os centros nervosos e cerebrais superiores, anunciem-se por alguma espécie de sentimento ou outros sinais, quando entram em ação. Noto as orelhas, nervos auditivos e outros órgãos dos sentidos, como, também, os centros nervosos e cerebrais superiores e os *chakras*, apenas se não estão perfeitamente em ordem, talvez, provoquem dor. Enquanto funcionem higidamente, não estou cômico de sua existência.

Estarei tão inapto a aferir as diferenças de frequência quanto — para ficar com nosso exemplo — as orelhas o estão para aferir as diferenças de vibração dos sons; elas as transmitem à minha consciência como sons entoados mais baixo ou mais alto, que eu, então, simplesmente ouço.

É somente como vários estados de consciência que eu posso diretamente sentir, experimentar ou, na forma mais elevada, identificar-me com as várias diferenças de frequência das várias formas do poder criador. E se denomino estas formas de manifestação de *inferior e superior*,

eu o faço pela mesma razão que chamo o som de *baixo* ou *alto*, porque *assim o escuto* — baixo ou alto. Se explicarmos o que é um som, podemos, então, dar uma descrição tão minuciosa quanto possível das vibrações e frequências dos sons, e ainda estaremos totalmente inaptos a fazer alguém que não tem ouvidos compreender como ouvimos um som, ou, em verdade, o que significa mesmo *ouvir*. Serei ainda menos capaz de explicar que o som pode ser *baixo* ou *alto* e menos que tudo a diferença de som que há, por exemplo, entre uma flauta, um violino ou um órgão. Se esta pessoa tentasse ouvir — e o conseguisse — então *ouviria* por experiência pessoal, instantaneamente, diretamente, e sem necessidade de maior explicação.

Novo exemplo: não podemos explicar o gosto de uma castanha a alguém que jamais a comeu, mesmo que sejamos aptos a dar uma perfeita descrição científica da frequência deste sabor, ou mesmo escrever livros sobre o assunto. A pessoa não terá idéia do sabor da castanha, até quando ela mesma prove uma. Tudo que acontece e tudo que é acumulado em nosso cérebro é apenas exterior e não um *consciente estado de ser*. Eu *não sou* idêntico a isto. O sabor da castanha só se tornará um consciente estado de ser, quando a saborearmos com a língua e a provarmos. A língua e todos os órgãos dos sentidos podem transmitir-me suas percepções, como um estado de consciência; *o cérebro, o intelecto jamais o podem*. Vemos quão difícil é dar explicações acerca da transmutação da força criadora. É absolutamente fútil explicar racionalmente. *Apenas podemos conhecer* a natureza das coisas *pela experiência direta*. Pelo intelecto, nada posso *experienciar*, precisamente porque ele é incapaz de *ser* qualquer coisa. Uma vez tenhamos compreendido corretamente estes assuntos e queiramos experimentá-los, devemos transferi-los do intelecto a nosso ser, como um estado de ser, e, pelo conhecimento direto, experimentar sermos idênticos a eles. Então, aprenderemos a tornar-nos nós mesmos o sabor da castanha, quando a saborearmos e experienciarmos seu gosto em nós.

As explicações sobre a transmutação da energia sexual só podem ser admitidas tanto quanto se mostra como fazê-lo. Tudo isto será, então, *diretamente experienciado e compreendido*. Enquanto não fizermos o esforço, jamais

estaremos habilitados a compreender a natureza da *bem-aventurança, plenitude, contentamento absoluto e auto-confiança* que experienciamos como consciente estado de ser se nos tornamos aptos a transmutar a força criadora de sua forma sexual em sua forma superior, e podermos dizer: *Eu sou ela*. Como pode uma solução mineral saber e apreender o que acontece quando está se cristalizando? As moléculas, automaticamente, entram em gelosia cristalina que somente esta solução mineral pode produzir, *porque ela é ela!*

Assim, cada um de nós só estará apto a ser *o que é*, o que não pode ser explicado previamente, porque cada um é uma manifestação individual de Deus e, por conseguinte, é diferente de outrem. Exatamente como a solução mineral começou a fazer algo e não poderia fazer algo mais, porém tornar-se — *ser* — ela mesma, seu Ser característico, e manifestar o ser em forma cristalizada, assim também nós *devemos fazer algo*, e estaremos inaptos a fazer qualquer outra coisa a não ser *tornarmo-nos nós mesmos e manifestar nós mesmos em forma cristalizada*. Deste modo, experimentaremos a força criadora secreta, diretamente, e a compreenderemos através do *SER*. Somente os que já a compreendem porque *são* ela podem dar opinião. Cada um de nós deve aprender a *ser* através da própria experiência.

Como iniciamos? Com o trabalho criador e intelectual. E com que trabalho? Não perguntemos isto. Em qualquer caso, só seremos aptos a fazer *o que nós somos*. E o que desejamos fazer é o que nós somos. Faremos, então, alguma coisa para a qual tenhamos talento e inclinação, e o tentaremos conforme nosso tempo disponível, além das horas rotineiras de trabalho. Porque tantos são os homens quantos os destinos, quantos os caminhos.

Aos homens e mulheres que têm seus normais trabalhos, que raramente lhes deixam tempo para promover o progresso na senda espiritual, recomendamos a prática da meditação durante um momento de tranquilidade durante o dia. Se alguém começou a levar uma vida casta, notará que a meditação é infinitamente mais fácil que outrora. Já se explicou que a energia sexual se acumula, aumenta a tensão vital e esta age sobre a espinha como forte irritação, como estímulo possante. Assim, os centros nervosos e cerebrais superiores são automaticamente aque-

cidos, despertados e ativados como as válvulas de um rádio. Este estado se manifesta na consciência do homem por fazê-la mais desperta. Ele começa a *viver*! Somente *agora* ele nota que até então viveu com dificuldade. Não viveu, apenas vegetou. Sua vida foi uma farsa. Respirava, comia e bebia, e mesmo trabalhava mas sempre teve a sensação de que não participava da vida — que não tinha parte nela —, tudo lhe parecia um sonho, comumente como um pesadelo. Ele não estava *lá, agora*. Não estava *desperto*.

Agora, o homem começa a *viver*, a tornar-se consciente, a libertar-se do tempo e do espaço. Sente o fogo da vida dentro dele; começa a tornar-se ele mesmo. Subitamente, compreende o que Cristo dizia quando chamava alguns de “mortos” e outros de “vivos”.

De fato, é tão impossível descrever estes estados como é impossível descrever o sabor da castanha. Pode-se somente falar por analogias. Expressões como “estar desperto”, “tornar-se mais consciente do que então”, “tornar-se vivo”, e assim por diante, são substitutas para um inexistente vocabulário mais adequado. A melhor maneira de expressar é talvez como segue: não obstante convencidos de que possamos estar despertos, conscientes e *vivos*, nós, entretanto, só despertamos pela frequência mais alta da força criadora e, então, vemos que não estávamos despertos, nem conscientes, nem vivos, mas que vegetávamos e levávamos uma vida irreal. Exatamente como enquanto sonhamos estamos convencidos de estarmos “despertos” e “vivos” em nossas visões oníricas, e somente descobrimos que sonhávamos; quando “acordamos” para a consciência normal, da mesma forma, só compreendemos que, até então, temos levado uma vida fantasma — uma vida sombria — quando, gradualmente, acordamos pelo efeito do *fogo do dragão*. Quão soberbamente Andersen descreve este estado em seu conto de fadas *A Sombra* e Gustav Mayrink em seu grande livro *A Face Verde*.

Quando experimentamos este “despertar”, não podemos compreender como sempre acreditamos que estivéssemos despertos e vivos. Uma vitalidade muito maior surgiu no homem, mas sua atividade não é corporal, nenhum calor é sentido (como alguém espera), mas na consciên-

cia, no espírito, sentimos um fogo no imo, uma *luz!* Inúmeras pessoas que almejam por este “despertar” tentam experimentá-lo intrinsecamente e cometem o grande erro de meditar querendo experimentar *fisicamente* algum estado místico. É um erro! Cada um destes estados é, exclusivamente, *um estado de consciência*. Quer dizer que eu mesmo sou *a luz da consciência*, e o corpo apenas faz parte disto, porquanto começa também a tornar-se muito mais intensamente consciente. É carregado com nova vitalidade, e se torna mais jovem e mais sadio. Torna-se um servo submisso e obediente do Ser. Vivemos num estado sublime e intenso. Não é um estado de histeria e paroxismo. Ao contrário, estamos em um estado de consciência espiritual, intenso, claro, lúcido e muito mais calmo que outrora. Num estado paroxístico, deixamo-nos ir, perdendo o controle sobre os nervos e sobre nós mesmos. No estado espiritual elevado, nossa *calma, controle e objetividade* são incomparavelmente maiores do que anteriormente, no estado normal. Precisamente porque estamos *aqui, agora, estamos conosco mesmos*, em muito maior extensão do que jamais pensamos possível. No estado desperto, espiritualmente iluminado, nós somos a *calma*, o próprio *autocontrole*. Somos nosso próprio mestre, nosso próprio Ser. Isto é a verdadeira *presença da mente*, que podemos manter continuamente como consciência normal, além do período de meditação. Neste estado, não *temos* consciência, porque *nos tornamos* a própria consciência.

Os meditadores esperam ocasionalmente “visitas” ou “visões”, ou cochilam, talvez, na crença de que na meditação o Ser supremo lhes penetrará a consciência como um ser estranho e os proverá com um outro Ser, uma outra consciência. Trabalham sob uma idéia muito errônea e, assim fazendo, mostram desconhecer a verdadeira meditação — de *AUTO-REALIZAÇÃO*. Os verdadeiros estados espirituais são facilísimos: um é simplesmente *aqui, agora!* E completamente desperto, tão desperto quanto a luz clara do sol! Esta luz clara é experimentada como um estado de ser consciente, transparente, perfeitamente claro, como *EU SOU!* Não pensamos mesmo nestas duas palavras, *somos* isso, sem pensar em palavras!

Este estado também pode ser alcançado no trabalho. O trabalho absorve a atenção do homem, ajuda-o a estar

“aqui” e “agora”, a estar “desperto”. Ao jovem que lhe inquiriu sobre o que fazer para ser bem-aventurado, Cristo retrucou simplesmente: “Orai e vigiai.” Com isto, disse tudo. Também, quando trabalhamos, despertamos e ficamos cada vez mais despertos, se nos devotamos ao trabalho com plena atenção, plena consciência — mas sem pensar que estamos “conscientes”. Que espécie de trabalho deve ser? Qualquer um. Pois o que importa não é *em que* trabalhamos, mas *como* trabalhamos. Qualquer espécie de trabalho, e isto pode incluir todas as modalidades de esportes cu acrobacias, atividades que requerem domínio da mente sobre a matéria, sobre o corpo. Quem tenha praticado um esporte com toda atenção e, gradualmente, tenha melhorado sua *performance* conhecerá o estado mental fervoroso e alegre que acompanha o domínio do corpo. Quando um acrobata circense executa proezas sobre-humanas durante seu ato, sente elevado arrebatamento e alegria espiritual. Sabe-se que alguns acrobatas, que arriscam a vida e a de seus assistentes durante o ato, vivem asceticamente como monges. O prazer e a emoção experimentados em seus trabalhos são infinitamente maiores do que o do breve encontro sexual. *Eles arriscam mesmo a vida por esta espécie superior de felicidade.* (Algo que um homem dificilmente faria por uma experiência sexual.) Quem é amigo dos artistas circenses sabe que entre eles há muitos que poderiam dizer como Beethoven: “Não há maior felicidade que alcançar uma vitória sobre o corpo, ou sobre animais selvagens e demonstrar esta vitória do espírito — do *EGO* — aos homens.”

Aqueles cujo trabalho lhes deixa tempo livre, ou que de qualquer maneira estão empenhados em atividade intelectual, podem usar tal trabalho como uma escada da consciência — como escada de Jacó. Devemos selecionar para nós mesmos o que nos apraz, o que realmente nos interessa no fundo do coração. Não importa se nós esboçamos, pintemos, modelamos, teçamos tapetes cu façamos Gobelins, toquemos instrumento musical, participemos de trabalhos manuais, cuidemos do jardim, escrevamos poesia ou prosa. Uma coisa, todavia, é necessário e esta é que *jamais devemos nos contentar com empreendimentos medíocres*, mas sempre devemos almejar a perfeição. Não há coisa alguma como a criatividade para facilitar o pro-

gresso e ajudar a transformar a energia sexual em força criadora e a irradiá-la como energia espiritual. Então, trabalhemos em algo, seja o que for. Se assim fizermos não carecemos mais de preocupar-nos acerca de como “desviar” nossos pensamentos. Eles são absorvidos no trabalho, sem a mesquinha consciência pessoal do ser. Fica-se tão intimamente ligado com o presente que os pensamentos, *sempre ligando o passado ao futuro*, não podem penetrar este *contínuo presente*. Perde-se automaticamente a noção de tempo e espaço. Automática e instintivamente dirigimos a energia sexual para os centros superiores, onde ela opera como força mágica criadora. Se praticarmos alguma arte, não devemos preocupar-nos em obter reconhecimento e fama. A fonte desta ambição é o mesquinho “eu”, a pessoa, que, embora vã, ao mesmo tempo carece de autoconfiança e procura afirmação e reconhecimento por parte dos outros. Não devemos trabalhar para tornar-nos “conhecidos”. O *trabalho* é a coisa mais essencial para nossa evolução. Trabalhar por amor ao trabalho, por amor ao desenvolvimento, acelera nosso progresso.³⁴ De todas as coisas a mais importante é *concentrar-nos plenamente em nosso trabalho* — qualquer que seja — *estarmos completamente absorvidos por ele e penetrar nele com o coração e a alma* e não ficarmos facilmente satisfeitos, mesmo que ele não vá além de um simples trabalho doméstico. O verdadeiro artista trabalha por amor ao trabalho, e é feliz enquanto está criando; para ele, o trabalho em si é a mais alta recompensa porque, enquanto trabalha, está em um estado exaltado e iluminado. A quem se atira de todo coração a seu trabalho, não lhe faz diferença, absolutamente, se é bem-dotado ou se inicia em nível inferior, porque tudo é meramente relativo. *Devemos tentar erguer-nos do estágio em que estamos*. De todas estas coisas esta é a mais importante. *Erguer-nos*. O maior artista vivo também teve de começar uma vez do nível mais baixo, tanto como homem quanto como artista, embora isto possa ter sido há muitas encarnações passadas. Se não gastamos tempo e tentamos fazer nosso trabalho tão perfeito quanto possível, fazendo todo esforço e aplicando a concentração máxima, então, aprende-

34. A realização divina através do agir é chamada Karma Yoga ou Karma Marga (marga, caminho). (N. do E.)

remos que os talentos podem desenvolver-se de modo absolutamente incrível. Não nos satisfaçamos com trabalho inferior ou medíocre. Tentemos levá-lo a cabo com a maior perfeição e eficácia, de modo que possamos apresentar as mais sutis *nuances*. Tentemos conhecer completamente nosso material e trazê-lo sob nosso jugo — que em sânscrito é Yoga. Descobriremos que não há limite para nosso poder de concentração. Se nos temos concentrado completamente em nosso trabalho até agora, no próximo dia descobriremos que nos podemos concentrar ainda mais intensamente e, no decurso do trabalho, possibilidades desconhecidas vêm a nosso conhecimento, as quais, anteriormente, haviam nos escapado. Descobriremos a *natureza de trabalho* e novos e mais belos mistérios, os quais éramos, até então, incapazes de ver, porque novamente alcançamos o degrau seguinte de nossa evolução e nossa concentração se ampliou correspondentemente. Mundos novos e mais vastos se abrem ante nós, dos quais, até então, sabíamos tão pouco quanto muitas outras pessoas. E contudo, durante todo o tempo, vivêramos no meio destes mundos, porém, nossos olhos ainda estavam fechados, ainda estavam cegos. Agora, durante o trabalho, penetramos os mundos mais secretos, diretamente ao essencial das coisas e simultaneamente *ao âmago de nosso ser*. Fora de nosso trabalho, também novos mundos se abrem ante nós. Subitamente, começamos a entender com enorme clareza os escritos dos grandes homens e profetas, os quais, até então, não entendêramos perfeitamente, achávamos obscuros e enigmáticos. Transbordamos de alegria inefável; descobrimos novos irmãos, novos amigos, que nos falam palavras que nos vêm de séculos e milênios passados, cruzando o tempo e o espaço, porque nós os *entendemos*, porque nos tornamos *um* com eles.

E assim continuamos nosso trabalho, especialmente sobre nós mesmos. Saboreamos alegrias e êxtases puramente espirituais, que não são comparáveis aos prazeres físicos efêmeros. O deleite inefável na execução de trabalho criativo preenche-nos o ser completamente, com inefável êxtase, tanto quando trabalhamos como durante o repouso. O trabalho criativo continua a ser ativo dentro de nós. Raramente podemos esperar abandonar o trabalho novamente, porque sentimos que apenas durante o trabalho *realmente vivemos*. Abriu-se algo em nós. Atra-

vés da força criativa sempre crescente, a alegria da liberdade, a imensidade, começou a florir. Temos uma estranha sensação, como se não fôssemos nós que estivéssemos trabalhando, mas algo dentro de nós que tudo sabe, que nos toma e nos mostra o modo como podemos conquistar e manifestar harmonia perfeita, em verdade, perfeição mesmo, em nosso trabalho. Esta coisa e eu somos absolutamente um. Compreendemos o que os Zen-Budistas querem dizer com "Zen" e, também, o significado do casamento místico — *unio mistica* — dos Rosa-crucianos e dos grandes místicos — porque o experimentamos em nós durante o trabalho e ainda o experimentamos. Eu e o princípio criador — *Logos* — somos *um*!

Eu — e eu — somos *um*!

Uma febre nos agarra, olvidamos todo o mundo, não somos mais uma pessoa que tem um nome, em algum lugar, no mundo exterior, porque nos tornamos uma gota no oceano infinito. Participamos da criação divina e criamos novos mundos, se bem que pequeninos nossos mundos, porém sentimos, sabemos, que interiormente possuímos a possibilidade de alcançar, em nossa pequena esfera, a perfeita criação comparável à de Deus no universo. A porta para o mundo interno se abre cada vez mais, repetidas vezes, nós entrevemos novos mundos, novos esplendores. Descubro novas verdades, recebo novas idéias. De onde? De *meu próprio* âmago, onde há um manancial inextinguível — de *Deus*. Qual a diferença? Há alguma? São meras palavras. As idéias que se tornam conscientes em mim são luz como a luz cintilante de Deus, e por esta luz vejo tudo, todas as verdades do céu e da terra, para onde dirijo o refletor de minha consciência. Esta luz me preenche de indescritível felicidade e alegria transcendente. O corpo compartilha também destes prazeres, em meu coração, meu peito, minha cabeça, a coroa de minha cabeça e cada fibra de meus nervos, sinto vida nova animadora que me dá vitalidade, coragem, autoconfiança — a VIDA em si mesma — de modo que não posso mais temer coisa alguma, o que seja. Nem mesmo a morte. Paz divina e imperturbável prevalece em mim, *EU MESMO SOU* esta paz e autoconfiança. Não careço nem espero uma razão para ser "feliz", porque eu mesmo *sou* a felicidade. O que *mais*, então, poderia fazer-me feliz? Eu *sou* o manancial de onde a felicidade se irradia. Sou cons-

ciente ou inconsciente? Que espécie de palavras são estas? Que significam? Estes estados pairam acima de tais conceitos. EU SOU! Não basta? Em verdade, sim. *Eu sou*, realmente. Eu vivo. *Eu sou a VIDA!* Por que necessitaria também minha consciência de perceber isso racionalmente e registrá-lo? Se eu me tornasse a própria noz, por que escrever uma dissertação acerca de seu sabor — meu sabor — se eu mesmo *SOU* este sabor? Preciso pensar ou conversar acerca disso, quando estou vivo como jamais estive anteriormente? Não basta que eu mesmo *seja alegria, felicidade, O SER?*

Não é preciso que eu pondere mais sobre isto, ou, mesmo, que pense acerca disto. Palavras tais como “inconsciente” e “consciente” são apenas palavras, porém, não são o que eles *são*. As palavras são extrínsecas, do mundo exterior, externas a meu Ser, em algum lugar em meu cérebro. Em meu mundo interno só existe *EU MESMO*. E eu não penso nisto tampouco, e se estou fazendo assim, agora, é para escrevê-lo, para fazê-lo compreensível, para pô-lo em palavras para o povo, que está interessado por este assunto. *Eu estou* na inspiração do *SER*, *eu mesma*, sem pensar nele, sem elucubrações. Nada mais há que possa seduzir-me a preterir meu *SER*. Tempo... espaço... são conceitos do mundo exterior. Para mim, só há existência absoluta — o próprio *SER*... porque *EU SOU ELE*.

Somos tão incapazes de descrever e fazer os outros compreenderem o estado de *ser* quanto o somos de explicar como ouvir um som, cheirar um perfume, saborear um gosto, ver uma cor ou uma forma. Os que já experimentaram estas coisas sorriem simpaticamente, porque sabem de que se fala. Os outros apenas podem fazer uma coisa: *experenciá-lo pessoalmente*. Assim o é com a transmutação da energia sexual em força criadora divina. Quem já o experimentou pode sorrir complacentemente, e este sorriso é o bem conhecido sorriso do Buddha, que tudo conhece, que conhece verdade mais elevada, que conhece a verdade maior acerca de Deus — acerca do *SER* eterno... Se não tivéssemos experienciado não poderíamos compreender o que é, na transmutação da energia sexual, que concede tal contentamento profundo como para fazer o esforço conveniente. Como pode alguém, por exemplo, explicar a uma criatura nascida sem órgãos genitais o que faz a experiência sexual tão agradável que os homens

são capazes do mais alto heroísmo, bem como das maiores loucuras a fim de conseguir intercurso sexual com determinada pessoa? Pode-se, apenas, recomendar às pessoas que não tenham experienciado pessoalmente a transmutação da energia sexual e que olham com desprezo e escarnecem e desdenham não condenar, nem fazê-lo objeto de troças. Primeiramente, devem tentar experienciar a transmutação. Devem ponderar por que todos os grandes homens que sempre tentaram explicar-nos as verdades divinas acerca do caminho da libertação do homem do cativeiro da matéria para a onipotência do espírito, sem exceção, precederam-nos *nesta* senda. Estes espíritos titânicos nos ensinaram que o atingimento da conscientização nos centros superiores, onde *não refletimos* sobre coisa alguma, mas *tornamo-nos, somos* algo, é o estado supremo, divino. E a força diretriz que nos auxilia a conseguir este estado é a energia sexual, não usada em experiência sexual, mas introjetada e transmutada em energia criadora divina. A serpente que morde a própria cauda! “O que tem ouvidos de ouvir, que ouça.” (Mat. 4:9)

E o corpo? Jamais os desejos sexuais voltarão a excitá-lo? Como reagem as glândulas?

Uma coisa não devemos olvidar: o corpo só tem desejos sexuais *se eu estou dentro*. O corpo, em si, não tem desejos sexuais. Estes são a projeção física de meu impulso para a unidade divina. Um cadáver não tem desejos sexuais. Se eu atingi a unidade divina — a *unio mística* — em minha consciência, isto é, se me unifiquei com meu espírito, meu ser, formando assim um todo, então, não projeto mais desejos sexuais no corpo. O íntimo, o verdadeiro ser — o espírito — é assexuado. Meu corpo se tranqüiliza como um animal domado, obedecendo a todas as minhas ordens, e, entretanto, *vive com muito maior intensidade* e tem potência muito *maior* do que o corpo de um homem que ainda está sob o domínio da sexualidade e gasta a energia doadora da vida. A cada coito as criaturas viventes morrem um pouco. Sempre e sempre, gastam a própria energia vital, quer atinjam ou não a meta de doar vida a uma nova criatura. *Se nos tornamos um todo, toda nossa energia vital permanece a serviço do próprio corpo*, desde que usemos a energia sexual espiritualizada, o poder criador, também através do corpo. Cada fibra minúscula de nossos nervos é carregada com

a mais alta das correntes mágicas divinas. Deste modo, podemos compreender por que a maioria dos grandes homens que nos precederam no longo caminho para a meta tinham corpos muito sadios e tiveram vida excepcionalmente longa. Mencionaremos, apenas, dois exemplos bem conhecidos: aos noventa anos, S. Antão começa a cultivar o solo no Saara e colhe tanto cereal que daí em diante pode viver dele. Aos cento e quatro anos visita S. Paulo que, então, tem cento e doze anos. Antão teve de andar a pé mais de dois dias a fim de encontrar Paulo. Isto são fatos históricos que o então bispo de Alexandria registrou. Poderíamos arrolar muitos exemplos autênticos de como os grandes homens que praticaram o ascetismo total permaneceram hígidos e aptos para trabalhar, até os extremos limites da existência humana. O importante, todavia, não é viver muito, mas viver *sadiamente*. Só precisamos cuidar de nosso corpo a ponto de mantê-lo sadio, em equilíbrio absoluto, em paz celestial. Justamente como o sol penetra seus raios no quarto, exatamente assim, ajudados pela orientação da consciência, nós devemos irradiar energia, que é meu EGO, que EU SOU, através de todos os centros nervosos. Porque, não esqueçamos, nossas gônadas (glândulas sexuais) são destinadas não somente à preservação da espécie, mas têm também o supramencionado papel em relação a nosso próprio corpo. Elas mantêm a tensão vital em nosso corpo e a juventude deste é dependente desta tensão. Equilíbrio, harmonia, confiança e paz em meu corpo — e eu sou o senhor de minha casa. E o grande inimigo do homem, o medo, não pode prender-me mais do que as trevas o podem à luz.

Justamente porque o espírito é mil vezes mais forte do que a carne, o corpo, assim também a felicidade e a alegria alcançadas por este modo de vida são centenas de vezes maiores. O espírito é a causa; o corpo, o efeito. O corpo não passa de reflexo do espírito, e o jogo sexual, mesmo o maior prazer sexual, é apenas um pálido reflexo do prazer, satisfação e êxtase experimentados através da energia sexual convertida em força criadora — o *LOGOS* — conservado como um estado de consciência — desde que EU SOU ELE. Não gastamos esta felicidade somente para deixá-la desenvolver-se e então gastá-la reiteradamente, até o corpo estar esgotado, exausto e impotente.

Conservamos a divina alegria interior, mantemo-la em nós durante todo o tempo, *nós mesmos somos esta alegria*. E, o que é mais, ela se mantém sempre crescente, justamente como no conto de fadas, a maçã de ouro do amor torna-se tanto maior quanto mais a comem. O poder criador, aumentado pela concentração mental, continua crescendo até que nós, conscientemente, atingimos a imensidão do Ser divino. E o corpo participa desta ampliação do poder criador. Quanto mais saudável a frequência superior da consciência expansora, tanto mais servo submisso do espírito. Fica com o indivíduo, dependendo de como ele usa seu poder criador, como o gasta, como o administra. Agora, compreendemos por que os que alcançam o nível mais alto, profetas, sibilas, os homens-Deus, se abstêm de esbanjar o poder criador como energia sexual. Eles não eram pessoas tolas que se desfaziam de uma fonte de prazer e alegria. Experimentaram o outro pólo, conscientemente, dentro de si e, portanto, não precisaram de procurar um complemento externo. Eles se autocompletaram: o que fora uma metade se fizera um TODO... Conscientemente, por si mesmos, tornaram-se o poder criador — o *Logos* — seu próprio divino Ser.

Eis a transmutação da energia sexual em força criadora espiritual. Esta é a ressurreição da morte para a *VIDA* eterna. E o segredo da energia sexual é este: antes de tudo, como elo entre o mundo material e o reino espiritual, auxilia o espírito humano a nascer em um corpo material — depois, entretanto, compele e ajuda o homem em seus próprios esforços, usando a energia sexual como combustível, a estimular seus centros cerebrais superiores, desse modo elevando sua consciência à consciência universal divina, enquanto ainda usando um corpo. Eis por que devemos aproveitar a oportunidade de atingir a derradeira meta de toda criatura viva — Deus, durante a vida terrena, enquanto ainda vivemos no corpo.

Usemos uma comparação: uma acha de lenha anseia por fogo. É fria, rígida e sem vida e cobiça animar-se completamente. Almeja viver, ser exaltada. Anela pelo divino fogo. Um dia, então, é inflamada, começa a arder e, deste modo, acha-se e se torna *una* com o fogo que a queima, que a anima, que a exalta. Porém, precisamente porque o fogo a queima e a vivifica, a acha se destrói,

torna-se cinza e morre. A acha não concebe que há libertação a partir desta morte e a possibilidade de ressurreição. Se ela usasse o momento em que estava acesa para transmitir a consciência de si mesma ao fogo, de modo a tornar-se consciente neste, *para se tornarem um*, idêntica com o *próprio* fogo, quando a madeira morreu, sua consciência *não* teria de morrer também. Neste caso, não lhe importaria se o fogo em que agora ela se tornou queima outras achas ou não. Como fogo, teria a oportunidade de continuar existindo em sua forma espiritual, invisível, imanifesta, mesmo se o fogo não queimasse. Com o fogo, a consciência anterior da acha poderia continuar, então, existindo em sua nova forma, o verdadeiro ser ressurrecto, como FOGO.

Nossa senda é idêntica. Se nós, seres humanos, concebemos que não morreremos inevitavelmente com o corpo físico, contanto que usemos o tempo e a oportunidade de existir, enquanto ardemos com o fogo do espírito, para transferir nossa consciência de nossa substância humana para o espírito, o fogo ardente — a vida, então, quando o corpo perecer, a consciência não morrerá. Como afirma Paulo: “Nem todos dormiremos, mas, transformados, seremos todos.” (I Cor. 15:51)

Devemos então usar o tempo e a oportunidade enquanto vivemos no corpo, enquanto o espírito nos vivifica e arde dentro de nós e quando nosso corpo ainda é pleno possuidor de sua potência. O espírito nos doa a vida. Daí, se, conscientemente, identificarmos-nos com nosso fogo, nosso espírito, enquanto ainda ardemos — enquanto ainda vivemos, então, despertaremos na própria vida, elevando nossa consciência a um novo nível, isto é, tornar-nos-emos a própria vida, que jamais pode morrer, pela simples razão de que ela é *VIDA*. A esta altura, nós mesmos nos tornamos o fogo — o espírito — a vida — o *Logos* — que cria todas as coisas, animando-as e preservando-as por meio de seu fogo. Em realidade, isto é o que sempre temos sido, a não ser que nossa consciência tenha decaído do estado espiritual paradisíaco ao de “acha”, no corpo, identificando-se com ele. Todavia, se a pessoa não é consciente de seu verdadeiro *ser*, então, sua consciência fenece com o corpo, e ela está realmente morta. Se, porém, ela se torna consciente de seu *Ser* superior, de seu espírito, durante a vida terrena durante a encarnação, enquanto

queima com o fogo do espírito, então, *sua consciência não morrerá com o corpo*. Ao invés, permanecerá consciente e ficará como uma gota de água no oceano, em estado de consciência universal, em Deus. Os cristãos chamam isto de Ressurreição; e os orientais, de Nirvana. Todos os grandes profetas, sibilas e homens-Deus que viveram neste mundo ensinaram aos homens que o alcance deste estado de consciência — identificação da consciência com a vida, com o *SER* eterno, com Deus — é a meta suprema a nosso alcance. Isto é a nossa libertação das leis da matéria, do corpo; é a redenção da morte, da crucificação de nosso espírito nos dois suportes do tempo e do espaço. É a alvorada da consciência, o despertar na própria Vida, no próprio Deus, resgate do espírito inconsciente no corpo. Esta ressurreição na nova consciência é o ensinamento do Cristo, dos filósofos orientais do Yoga e da religião, dos alquimistas medievais, dos Rosa-crucianos, de todas as religiões pretéritas e presentes e de cada grande iniciado. Esta é a essência de toda religião, porque há, apenas, *uma* verdade e *um* segredo de nosso ser. Todos os iniciados viram e ensinaram a mesma e simples verdade, mesmo se de acordo com a raça e as condições climáticas de seu próprio país dissimularam a essência de suas doutrinas sob os mais variados disfarces. Através da variedade de religiões, aprendemos vários caminhos — condicionados pela disposição e natureza das pessoas individualmente. O caminho mais curto em direção a Deus, isto é, estimulando os centros nervosos cerebrais superiores, tendo a energia sexual como "combustível" e, por isso, mobilizando o poder mágico, que só pode ser desenvolvido a partir de um corpo jovem e viril, foi ensinado na Europa nos séculos dezesseis e dezessete pelos assim chamados alquimistas, os Rosa-crucianos. As Cruzadas eram a verdadeira ocasião para a aquisição do conhecimento dos iniciados orientais acerca da pedra filosofal. Falaram acerca de um *athanor*,³⁵ em que o fogo tinha

35. *Athanor* — "Forno fisiológico", forno de combustão lenta dos alquimistas. O recipiente inferior é masculino. A retorta (em cima), feminina. Nele os alquimistas preparavam seus elixires. Simbolicamente, *Athanor* é o corpo humano, uma imagem simplificada do cosmo, utilizado para realizar a "obra maior". (N. do E.)

de arder ininterrupta e intensamente para produzir a pedra filosofal. De seus escritos e engenhosas ilustrações, é perfeitamente evidente que eles produziam esta pedra do próprio homem. O *athanor* é o corpo humano; o dragão é o poder criador que trabalha no corpo; e o fogo do dragão é a energia sexual dirigida ascensionalmente através da vida abstinência e usada como combustível. A pedra filosofal é a consciência divina universal e sua força espiritual mágica sobre toda a natureza. E o elixir da vida é o "fogo que flui como água", "a água ignescente", isto é, as altas frequências da autoconsciência divina que podemos conduzir no corpo e irradiar tão conscientemente quanto podemos conduzir a eletricidade e o magnetismo em um pedaço de metal, carregando-o, assim, e tornando-o magnético. Os cristãos denominam esta corrente de "sangue de Cristo", os Rosa-crucianos chamam-na de "elixir da vida". Isto é a corrente do *Logos*, da vida, do divino Ser.

Os grandes iniciados, os profetas, as bruxas, altos sacerdotes e sacerdotisas dos grandes povos do passado, e os homens-Deus que, de tempos em tempos, têm aparecido na terra não foram nem são tolos. Não teriam desprezado os prazeres sexuais, que inúmeras pessoas olham como a razão de ser, a felicidade precípua da vida, se não tivessem recebido em recompensa algo milhares de vezes mais valioso. Eles simplesmente permutaram a "acha de lenha" pelo fogo. Como iniciados, calmamente trocaram tais efêmeros prazeres pelo manancial de toda alegria e felicidade, pelo eterno ser onipotente, que é doador da bem-aventurança, liberdade e onipotência. Qual é nossa preferência? O *geyser*, que jorra intermitentemente, ou o vulcão borbulhando nas entranhas da terra, que é a fonte e a causa de todas as erupções dos *geysers* e dos vulcões?

O casamento místico, também descrito na Bíblia, na *Canção de Salomão* e no *Apocalipse*, é a união da consciência humana com o verdadeiro Ser, com o espírito divino, por meio do auxílio da energia sexual espiritualizada.

No clássico conto de fadas *A Bela Adormecida* achamos a mesma verdade. A Bela Adormecida (a consciência adormecida) é despertada para a vida eterna pelo

poder do amor (pelo fogo da energia sexual), pelo beijo do príncipe (pelo toque ignescente do espírito, do verdadeiro ser).

A lenda de Siegfried tem o mesmo significado. Siegfried vence o dragão com a espada da consciência, em seguida, banha-se no sangue do dragão, que lhe dá a vida eterna e poderes mágicos sobrenaturais. Depois, ele atravessou o anel de fogo que envolvia a adormecida Brunhilda e com um beijo — como o príncipe de *A Bela Adormecida* — desperta-a — para a vida eterna em indissolúvel união. Os dois pólos se encontram, para novamente repousarem um no outro, em equilíbrio absoluto.

Poderíamos citar muitos mais contos e lendas simbólicas que relatam o mesmo segredo do despertar da consciência humana para a conscientização divina universal por meio do fogo da energia sexual preservada. Porém, isto não levaria muito longe. O fato é que o homem encerra em si este potencial, mesmo que esteja totalmente inconsciente disto. Deus habita na consciência humana e, como já foi mencionado, ambos os pólos repousam um no outro dentro de Deus. O homem pensa e vive sexualmente apenas enquanto identifica o corpo com a consciência. Se, entretanto, ele desperta em Deus com sua consciência, então, a mentalidade sexual e o conceito dos sexos deixa de existir nele. Em si mesmo, no revelado, e como resultante, agora, o inconsciente cômico (que neste estado não é mais, precisamente, um inconsciente) acha o outro pólo — seu próprio complemento, que sempre esteve ali, porém em estado latente, inconsciente — e torna-se *uno* com ele. Agora, desde que *tudo* se tornou consciente nele — na primeira pessoa — em mim, de modo que eu não possuo mais um inconsciente, o outro pólo se tornou consciente em mim, e eu concebo que *eu mesmo sou* ele. No parceiro do sexo oposto com quem eu senti uma unidade íntima e tentei experimentar e realizar isto no corpo, também, eu procurei este complemento — que, semelhante à Bela Adormecida, estava latente e adormecido em mim — de meu Ser absoluto e verdadeiro, no qual ambos os pólos sempre repousaram e assim continuarão por toda a eternidade, porque eles se pertencem mutuamente, porque *eu mesmo sou* ambas as partes. Quando atingimos a unidade divina de completa consciên-

cia universal, estamos conscientes, no absoluto estado *andrógino*.³⁶

Os Rosa-crucianos chamavam a quem atingia este estado de hermafrodita. O termo é composto de dois nomes gregos — Hermes e Afrodite — e significa que a pessoa realizou os dois pólos em sua *consciência*. Na representação disto, os Rosa-crucianos mostravam o "hermafrodita" com duas cabeças, porque ele alcançara a iluminação através do domínio da energia sexual usada como combustível, e eles o colocaram sobre um dragão, o governador do mundo, de nossa terra. Pois a energia sexual governa a terra.

Todos os vários escritos sagrados do homem falam deste estado andrógino ou hermafrodítico primário. Na Bíblia é representado na história de Adão, que, no início, era um andrógino, um homem-mulher. Até que Adão mergulhasse em sono profundo — quando perdeu o divino estado de consciência, e se tornou uma criatura inconsciente — o pólo negativo, o princípio feminino, não abandonou seu corpo. Em seguida, Deus fez "vestes de peles e os vestiu" (Gen. 3:21), isto é, seu espírito se vestiu em um corpo material, que manifesta apenas *um* sexo, e, deste modo, eles também adquiriram *consciência* sexual. Imaginaram-se homem e mulher e esqueceram que o Ser é ESPÍRITO e um TODO.

A ordem vigente na Natureza não nos permite atingir ou realizar fisicamente a androginia primitiva. Isto só é possível espiritualmente, na consciência original. Podemos alcançar e experimentar este estado divino primário, em que os dois pólos repousam intimamente um no outro, *em nossa consciência* como um *estado de consciência*.

É necessário acentuar que o corpo do homem continua, do mesmo modo, a pertencer a um sexo, quando já tenha alcançado o nível supremo. Se, por meio dos exercícios yóguicos, tornamo-nos conscientes da outra metade latente de nosso ser e realizamos nosso complemento dentro de nós mesmos, o corpo permanece macho *ou* fêmea e, de maneira alguma, homem-mulher, um herma-

36. Note-se a imensa diferença entre este sublime conceito e o que hoje se entende por "andrógino": apenas um homossexual, geralmente se exibindo no mundo dos palcos. (N. do E.)

frodita físico. Na ordem vigente na Natureza, isso seria uma condição anômala, patológica do corpo. Os Rosa-cru-
cianos, então, usaram a expressão "hermafrodita" so-
mente em referência à consciência. Todos os estados que
experimentamos no decurso da evolução são *estados pura-
mente de consciência*. E quando tivermos feito o outro
sexo também consciente em nós mesmos, isto, no entanto,
permanece como um puro *estado mental*. O corpo só é
envolvido, porquanto jamais terá desejo sexual. O desejo
não está no corpo — como já o afirmamos, um cadáver
não tem desejos sexuais — porém no estado de consciên-
cia do homem, tanto quanto ele se identifique com o
corpo. Durante a concepção, o espírito se encarna, cons-
trói o corpo para si mesmo, à sua imagem, e o vivifica.
Desde que a matéria se isola, e não admite a luz do espí-
rito, esta perde a consciência espiritual, torna-se um ser
físico, e imagina-se um corpo. Conseqüentemente, proje-
ta-se em busca da unidade perdida no corpo, originando,
por isso, o desejo sexual no corpo. Por isto as gônadas são
estimuladas e trabalham também pelo efeito do espírito
da vida. Quando o espírito recupera sua consciência espí-
ritual no corpo e se conscientiza ser um espírito, torna-se,
então, um *todo* em sua consciência, e o desejo sexual
cessa também no corpo. Eis o segredo que explica por
que os homens que estão conscientes do espírito, de seu
verdadeiro ser — os santos, os profetas, as fadas e os
homens-Deus — não têm mais desejo sexual, muito em-
bora seus corpos também só manifestem um sexo, e isto
explica por que eles são capazes de levar a vida abstinência,
sem repressão patológica, inquietação e problemas. Para
evitar qualquer mal-entendido, enfatizo que, por tornar-
se um "todo", estes iluminados não ficam impotentes, não
importando quão freqüentemente os ignorantes afirmem
o contrário. Os que atingiram a meta se tornaram o
manancial de toda potência, usam sua energia como lhes
apraz, e a porta para todas as manifestações — e isso
inclui as manifestações sexuais — está franqueada ante
eles. Portanto, não são impotentes, mas equilibrados, har-
moniosos, perfeitamente calmos e controlados. Cada um
de nós encerra estas verdades e estas leis na sua cons-
ciência.

Procuramos o Absoluto. Não podemos aceitar com-
promissos. E por que não? *Porque nós já trazemos este*

“absoluto”, este “todo”, em nosso âmago, porque nós mesmos temos sido isto, desde recuadas eras, e ainda somos. Nosso EGO é puro espírito, para o qual não há espécie alguma de divisão, separação e cisão em dois sexos. Quando nos tornarmos cōscios de nosso verdadeiro Ser, toda sexualidade cairá de nós como uma fruta madura cai de uma árvore, exatamente como uma criança, quando está adulta, sem dor ou sacrifícios, renuncia a brincar com soldados de chumbo. E o corpo nos obedece, vez que a energia sexual não irrita mais as gônadas. É usada então como força criadora através dos centros superiores. Cada homem pode experimentar tais fatos, pessoalmente, se tentar progredir na senda descrita aqui, que é a mais curta.

Jamais devemos temer que Deus nos subtraia algo, sem nos retribuir com algo muito maior. ELE vive em nós, como nosso ser mais secreto, como nosso verdadeiro Ser, é SEU desejo realizar-se em nossa humanidade mortal. Enquanto somos criaturas viventes inconscientes, Deus vive em nossa grande e infinita *inconsciência*. E se já nos conscientizamos completamente em nosso âmago, Deus vive em nós como nosso próprio divino EGO.

Quem tem ouvido de ouvir, ouça o que diz o Espírito... **AO QUE VENCER O DESEJO, EU DAREI DE COMER DA ÁRVORE DA VIDA QUE ESTÁ NO MEIO DO PARAÍSO DE DEUS... SÊ FIEL ATÉ A MORTE, E EU TE DAREI A COROA DA VIDA.** (Rev. 2:7, 10)

CONCLUSÃO

Resumamos o que se disse, a fim de termos uma perspectiva.

Só há uma energia criadora — o *Logos* — que se manifesta desde sua forma inferior, a energia sexual, à suprema força divina espiritual, à onisciência, por meio de toda a escada de Jacó, no macrocosmo, no universo, como no microcosmo, no homem.

O homem tem a habilidade inata de manifestar conscientemente a força criadora em todas suas formas, em todos os níveis da criação, desde que a força criadora — o *Logos* — é seu próprio e verdadeiro Ser, e ele tem no corpo os órgãos capazes de irradiação, que correspondem às várias formas de energia.

A vida terrena normalmente impele o homem a alçar a consciência sempre mais alta a níveis sempre mais espirituais, a tornar-se sempre mais consciente, até que, por fim, atinja a onisciência divina. Este é o propósito de sua vida, de sua encarnação. Entretanto, este curso normal toma longo tempo, é laborioso e repleto de dor e tristeza. O homem, todavia, carrega no ímo de seu corpo um segredo. Uma vez ele o tenha desvelado, estará grandemente apto a encurtar o longo caminho para a conscientização e a acelerar sua evolução, de modo que é capaz de conquistar esta meta em uma única vida. O segredo é que, a fim de alcançar a meta suprema, ele pode acelerar a estimulação e ativação de seus centros nervosos e cerebrais, já estruturados no corpo, porém ainda em latência, utilizando um fogo vivo. O fogo vivo é sua própria energia sexual. Esta energia é o elo entre o espírito e a matéria. Por seu intermédio, um corpo vivo emerge da matéria, porque ela ajuda o espírito dentro da matéria. Igualmente, no entanto, a energia sexual concede ao es-

pírito, enquanto encarnado, a oportunidade de erguer-se de sua consciência física e retornar a Deus, à onisciência divina. A energia sexual carrega consigo a faculdade de acelerar a evolução da consciência humana para a ressurreição, para imortalidade, para a onisciência divina. A própria energia sexual se transforma em força espiritual criadora, e o homem experencia esta transformação em si mesmo como estados de consciência puramente espirituais sempre crescentes. Torna-se completamente alerta. Ao mesmo tempo, talentos mágico-espirituais superiores nele se desenvolvem.

O segredo da energia sexual, portanto, não é somente que seja capaz de produzir novas gerações, mas que tenha uma segunda função de muito maior importância para o homem: para elevar sua consciência, degrau por degrau, na escada de Jacó da consciência até Deus. Assim fazendo, a energia sexual, que é próprio princípio criador — o *Logos* — é transmutada para seu divino e original estado — o *Logos*. Esta transformação da energia criadora a partir de sua forma inferior (energia sexual) para sua forma superior (vitalidade espiritual divina) pode ser conscientemente acelerada pelo homem com o auxílio da própria energia sexual. E assim é porque a energia sexual, sozinha, pode ajudar a resistência de seus centros nervosos e cerebrais, ainda em latência, a tal extensão que conseguem tolerar, sem efeitos lesivos, as altas frequências da autoconsciência divina.

O homem experencia em seu interior a forma inferior da força criadora — chamada energia sexual — como um impulso inconsciente, físico-sexual, em busca de liberação; no nível supremo, como um estado puramente espiritual, como amor universal divino e como onisciência divina — como *EU SOU*.

Do nível inferior, no qual o homem ainda é um animal acrescido de razão, ao nível supremo espiritual divino, à consciência universal, o homem galga os sete degraus da escada de Jacó da consciência.

Ei-los:

Primeiro degrau: o homem ainda é uma criatura inconsciente, cegamente dirigida pelo destino. Sua vida sexual é um impulso animal indiscriminado querendo a liberação.

Segundo degrau: primeira aurora da consciência, primeiro despertar. Em sua vida sexual, busca uma companheira que lhe seja fisicamente adaptada, já envolvendo a seleção.

Terceiro degrau: consciência na vida emocional. Busca atividade que lhe seja emocionalmente adequada, e, na vida sexual, busca uma companheira que lhe seja adequada espiritual, emocional, mas, também, fisicamente. Impulso e anseio por uma unidade familiar.

Quarto degrau: consciência no nível intelectual, sede por conhecimento, estímulo para estudar, busca de ocupação e trabalho intelectuais. Na vida sexual, busca uma companheira compreensiva e intelectual que lhe seja adequada a todo respeito, com quem se casa por amor.

Quinto degrau: despertar da força mágica sugestiva, consequentemente, atividade criadora e efeito sugestivo superior sobre outras pessoas. Autocontrole e domínio do destino. Busca da personificação do complemento presente no inconsciente, pela companheira que lhe é intelectual, espiritual e fisicamente entrosada. De um lado, completa liberdade em relação a todas as convenções burguesas e leis sociais, de outro, uma perspectiva e modo de vida moralmente superiores, motivados *por um impulso interno*, e obedecendo *às divinas leis interiores da consciência*.

Sexto degrau: amor universal, vocação sacerdotal, profética, manifestações puramente espirituais como um *todo*. Uma unidade espiritual — casamento místico — com seu próprio Ser superior, com todo o mundo vivo.

Sétimo degrau: consciência universal, *unio mistica*; a consciência do homem se une ao seu verdadeiro ser — o Cordeiro e a nova Jerusalém se tornaram um. Consciência no ser, em Deus: *Eu e meu Pai somos um*.

Em uma única vida humana, não se pode atravessar todos estes estágios — do inferior ao superior. Porque os nervos não poderiam tolerar a imensa diferença de tensão entre os estados inferior e superior de consciência, embora eles possuam uma elasticidade insuspeita. Requer-se um longo tempo para se vencer os níveis inferiores, para aumentar a resistência dos nervos gradativamente; para fazê-lo, deve-se ter múltiplas reencarnações. Porém, do nível médio, no qual já se está desperto e se deseja progredir conscientemente ao nível supremo, é-se capaz

de evoluir em apenas uma encarnação. Com a ajuda da energia sexual presente no corpo, pode-se alcançar este nível em passo acelerado, em um tempo muito mais curto do que se se desenvolvesse naturalmente. Logo que se deixa de esbanjar a energia sexual, retendo-a como combustível vivo para si mesmo, a fim de estimular e ativar os centros nervosos e cerebrais ainda em latência, atinge-se o domínio sobre as forças mágico-espirituais e se alcança a meta da vida, a onisciência em Deus.

É-se ajudado, para tal fim, no caminho encurtado, pela deliberada execução de exercícios yóguicos apropriados que nos foram legados há milênios, e pela energia sexual, que não tenha sido gasta, para utilizá-la como combustível interno.

"As tristezas da morte me cercaram e as angústias do inferno se apoderaram de mim: caí em atribulação e tristeza.

Então, invoquei o nome do Senhor; o Senhor me respondeu...

O Senhor está a meu lado; não temerei... O Senhor é minha força e minha canção, e chegou minha salvação.

Volta a descansar, ó minha alma, pois o Senhor tem sido benigno para contigo.

Pois Tu tens livrado da morte minha alma, meus olhos tens livrado das lágrimas e meus pés, de cair.

Nossa alma está liberta como um pássaro fora da gaiola, a gaiola está quebrada e nós, livres.

Irei diante do Senhor na terra dos vivos." (*Salmos*. 118-124)

ENERGIA SEXUAL & YOGA

Neste livro, você vai tomar contato com o *caminho do meio*. Nele, a inteligente Sra. Haich ensina os fundamentos metafísicos e espirituais, que, revelando a natureza divina da energia sexual, fazem-nos inferir uma sublime ética, colocando-nos na posição espiritual perfeita em relação à problemática: *sexo-realização espiritual*. Por outro lado, descrevendo técnicas do Yoga – asanas da Hatha Yoga e exercícios de interiorização – fornece meios espirituais e psicossomáticos necessários à ativação dos centros cerebrais e nervosos, sem o que o controle da energia sexual é um empreendimento arriscado e destinado à frustração. O caminho do meio é livre, glorioso, feliz, vitorioso porque orientado pela ética e ajudado pela técnica.

HERMÓGENES

ISBN 85-01-28903-5



9 788501 289032